

# Memórias ESCRITAS

**Cia São JORGE DE VARIEDADES - 25 ANOS**



Cia. São Jorge  
de Variedades

Título :: **Memórias Escritas - Cia São Jorge  
de Variedades - 25 Anos**

Coordenação de seleção e edição de textos  
teóricos do acervo da Cia :: **Marcelo Reis  
e Patrícia Gifford**

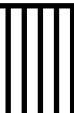
Transcrição :: **Patrícia Gifford e Martim Gifford  
Tarifa**

Revisão :: **Ana Paula Brieda Gomes  
e Laura Lufési**

Capa, projeto gráfico e diagramação ::  
**Sato do Brasil**

Edição :: **Cia São Jorge de Variedades**

# SUMÁRIO



|                                                                    |     |
|--------------------------------------------------------------------|-----|
| Apresentação                                                       | 05  |
| Cia São Jorge de Variedades 25 anos e 10 espetáculos               | 06  |
| “Pedro, O Cru”                                                     | 14  |
| “Um Credor da Fazenda Nacional”                                    | 20  |
| “Biedermann e Os Incendiários”                                     | 35  |
| “As Bastianas”                                                     | 53  |
| “O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado”                          | 68  |
| “Quem Não Sabe Mais Quem É, O Que É E Onde Está, Precisa Se Mexer” | 85  |
| “Barafonda”                                                        | 100 |
| “São Jorge Menino”                                                 | 115 |
| “Fausto”                                                           | 122 |
| “Festa dos Bárbaros”                                               | 131 |
| Estudos Acadêmicos sobre o Grupo                                   | 140 |

***Mòn gbé Ògún arááyé, àìgbè Ògún sòro.  
Mòn gbé, mòn gbé Ògún sòro.***

*Sabemos que Ogum conduz a humanidade.  
Sem apoio de Ogun, o caminho é difícil.  
Ogun ieé!!!*

Oriki - poema sagrado  
“Candomblé - A Panela do Segredo”  
do Pai Cido de Ósun Eyin

# APresentação

A presente publicação<sup>1</sup> pretende reunir as memórias escritas sobre os 10 espetáculos teatrais produzidos ao longo dos 25 anos (1998-2023) de existência da **Cia São Jorge de Variedades**. São textos de diferentes pensadoras e críticos de teatro que refletem o impacto das obras no contexto das diferentes épocas, publicados em jornais, revistas, fanzines e diferentes plataformas de internet, reunindo escritos selecionados de 1998 até 2024.

Este livro digital se organiza em 10 partes, que correspondem a cada peça. Registra também um histórico de apresentações e premiações, a ficha técnica completa dos artistas envolvidos e a arte gráfica criada para cada espetáculo.

Esta é uma publicação relevante porque reúne materiais que estavam dispersos e de difícil acesso ao público, e que dão um panorama importante das criações da Cia a partir do ponto vista de espectadores das obras e suas escritas críticas e reflexivas, nos proporcionando um olhar documental-histórico do próprio pensamento sobre o teatro e suas formas nesse início do século 21.

<sup>1</sup> Esta publicação faz parte do Projeto “**Cia São Jorge - 25 anos - Festa dos Bárbaros**”, ganhador da 42ª edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo, e nele estão previstos também nosso registro musical em dois álbuns, a publicação de todas nossas dramaturgias reunidas e a digitalização da filmagem dos nossos 05 primeiros espetáculos – todo esse material disponibilizado digitalmente em nosso site ([ciasaojorge.com](http://ciasaojorge.com)) e na rede ([ciasaojorgedevariedades](http://ciasaojorgedevariedades)).

É importante dizer que, nesses 25 anos de existência, a Cia se manteve com recursos públicos, fruto da própria luta da categoria artística junto ao Estado, e que desde seus primeiros anos até a presente data desta publicação, sempre fez parte da Cooperativa Paulista de Teatro/SP.

# Cia São JORGE 25 ANOS E 10 ESPETÁCULOS

*A obra que se instala dentro do público.  
A obra que acontece dentro de qualquer ser humano.  
Artista: o que provoca. O que provoca a vida.  
O que, do mundo da arte, resgata a vida.  
O teatro que revela da natureza o invisível.  
Que reforça a fé no poder divino do ser humano.  
De construir a felicidade: a vida que se quer.  
Uma vida naturalmente poética.*

*A Cia. São Jorge, com simplicidade,  
Convida quem assiste a dançar, pensar, sentir e opinar.  
Trazemos conosco, a cada apresentação,  
A esperança indestrutível num mundo melhor,  
Fruto de um contato mais amoroso e honesto entre os seres humanos.*

Desde o início de sua atividade, em 1998, a Cia São Jorge de Variedades desenvolveu sua pesquisa e seu trabalho a partir de certas questões estéticas centrais. Estas questões, que pudemos ir reconhecendo através das periódicas reflexões que fazemos sobre nossa trajetória, podem ser entendidas sob a forma de fundamentos plasmáveis, estratégias de criação que se constituíram a partir de uma contínua inquietação artística, condensada num anseio inicial: “como se inserir na atualidade de maneira lúcida, crítica, e de forma pessoal, e pública, sem reproduzir discursos, sem estagnar o pensamento e as energias?”

Não comprometida necessariamente com um formato típico de teatro épico, a Cia desenvolveu sem dúvida o que se poderia chamar de uma “preocupação épica”: um interesse crítico a respeito de seu tempo e uma inquietação sobre seu próprio trabalho que a leva a reavaliar constantemente sua produção e a buscar novas possibilidades de relação com o público e de modos de produção.

Esta linha de (des) orientação, espelhada em seu constante transitar por uma multiplicidade de espaços da cidade de São Paulo e também por diferentes temáticas em suas obras, levou o grupo a fazer jus ao seu nome, escolhido de antemão. A Cia. São Jorge de Variedades produziu, ao longo dos anos, trabalhos esteticamente muito distintos entre si; no entanto, em todos os espetáculos do grupo – **“Pedro, O Cru”** (1998), **“Um Credor da Fazenda Nacional”** (1999), **“Biedermann e os Incendiários”** (2001), **“As Bastianas”** (2003), **“O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado”** (2008), **“Quem Não Sabe Mais Quem É, O Que É E Onde Está, Precisa Se Mexer”** (2009), **“Barafonda”** (2012), **“São Jorge Menino”** (2014), **“Fausto”** (2015) e **“Festa dos Bárbaros”** (2022) – podemos hoje identificar aqueles elementos que, em última análise, podem definir o que seria a própria linguagem da Cia São Jorge de Variedades: a criação dramatúrgica; o jogo cênico e a relação com a plateia; a música executada ao vivo; a relação narrativa com o espaço cênico e a presença do coro. Estas linhas de orientação se interpenetram e se influenciam mutuamente, “pedindo” ou “exigindo” soluções entre si na teia da criação.

## A CRIAÇÃO DRAMATÚRGICA

Se, por um lado, nunca houve um texto integral escrito pela Cia., esta autoria costuma se fazer, por outro, presente na relação de diálogo aberto com o material dramatúrgico de cada um dos espetáculos. Partindo de um texto e chegando a um pensamento, agindo esteticamente com liberdade, acrescentando textos próprios e de outros autores, subvertendo a ordem da narrativa etc., é que o coletivo busca revelar seu discurso. Assim, **“Um Credor”**... “se cria a partir da intersecção de três peças de Qorpo-Santo: **“As Bastianas”** adapta a obra literária de Gero Camilo; em **“Pedro, O Cru”** se desconstrói criticamente a obra simbolista de António Patrício; **“O Santo Guerreiro...”** transpõe o clássico Dom Quixote para a cidade de São Paulo; **“Quem Não Sabe...”** amalgama peças e entrevistas de Heiner Müller numa espécie de vivência pós-dramática; e mesmo **“Biedermann...”**, que possuía a dramaturgia mais bem acabada de Max Frisch, sofreu as interpolações da Cia. dentro de seu coro original

## O JOGO CÊNICO e a Relação com a Plateia

A variedade de estilos de interpretação desenvolvidos e empregados pelo grupo em seus espetáculos não reflete apenas os distintos caminhos criativos de cada peça, os diferentes treinamentos envolvidos; mais especificamente e decisivo, o desenho das escolhas na interpretação vem intimamente ligado à questão do jogo entre a própria obra, atores e o público.

O jogo como sinônimo de verdade, de cena viva, de uma relação radical com a efemeridade do teatro. Assim, o estilo de atuação aparece sempre não só como resposta às demandas do material dramático, mas também como busca pela inserção dinâmica do ator na cena, em jogo com o público e o espaço, entendidos estes como parte integral da encenação. É marcante observar que a variedade de estilos de interpretação muitas vezes se apresentou dentro de um mesmo espetáculo, segundo a necessidade de cada cena.

Em **“Biedermann...”**, um núcleo desenvolvia a sutileza de uma interpretação realista, enquanto o outro, um “coro de bombeiros”, utilizava a linguagem dos super-heróis dos quadrinhos, em paródia ao coro grego. Em **“Pedro, O Cru”**, igualmente, as cenas variavam entre a emotividade do ideal simbolista, a crueza naturalista de um necrotério e o comentário distanciado ou escrachado da situação. **“Um Credor...”**, peça fragmentada e em diálogo com o surreal, trabalhou os “tipos”, esboços de personagens delineados pela precisão da construção física, sem perder a capacidade de improviso e jogo com a plateia. Em **“As Bastianas”**, a experiência radical do limite entre viver e atuar, numa extrema disponibilidade para as interferências do público. **“O Santo Guerreiro...”**, a primeira peça de rua do grupo, se utilizou de técnicas clássicas de atuação na rua, mas também se inspirou no coletivo das escolas de samba para trabalhar pela primeira vez com um grande coro de atores mambembes que, ao final, convida o público a uma grande ciranda. Em **“Quem Não Sabe...”**, na estranha teatralidade de um happening ora coloquial, ora poético, ora escrachado, ora selvagem, os três atores chamam-se pelos seus nomes reais, brincando com suas identidades e refletindo sobre os papéis (políticos) que lhes cabem jogar na vida, e instando o público a incluir-se nessa reflexão. Portanto, a cada montagem é como se o ator da **Cia. São Jorge de Variedades** recomeçasse sua procura pela verdade que lhe dirá de que forma se há de colocar em cena. A acumulação não se dá pela reprodução de técnicas, mas sim pelo ganho na experiência em acessar o princípio da busca radical do jogo, da presença – numa atuação performativa.



A Cia desenvolveu também uma musicalidade particular, expressa na opção contínua pela música executada ao vivo. Este elemento está subordinado às estratégias da adaptação dramática e modos de relação com o público; eis que a música pode ser vista sempre como um comentário, uma visão sobre o assunto, mas também é um canal de comunicação imediata com o espectador, falando de maneira mais direta aos seus sentidos e percepções. Muito inspirada ora na música como recurso épico da encenação (**“Biedermann e Os Incendiários”**, **“Quem Não Sabe...”**), por vezes como recurso dramático (**“Fausto”**, **“Pedro, O Cru”**) e principalmente nas manifestações culturais da nossa tradição (**“Santo Guerreiro”**, **“São Jorge Menino”**, **“Barafonda”**, **“Bastianas”** e **“Festa dos Bárbaros”**), nas quais a narrativa se dá através da música, a Cia desenvolve em cada obra uma linguagem musical própria. Ao longo da sua trajetória, juntaram-se a ela parceiros e parceiras fundamentais do campo da música, o que possibilitou, nas obras, o desenvolvimento musical da Cia com cada vez mais excelência. Hoje, pode-se dizer que umas das abordagens iniciais de qualquer início de processo criativo se dá pela música. O último espetáculo da Cia, **“A Festa dos Bárbaros”**, radicaliza na opção de linguagem, sendo a dramaturgia inteira cantada, composta por quase 40 músicas (a maioria, composições inéditas), e com a presença de uma banda de instrumentistas em cena.

Entretanto, o fundamento para onde convergem todas as questões, que se afigura como um ponto de encontro concreto entre o olhar dramático e a busca do jogo cênico, é a pesquisa da relação com o espaço cênico. Trata-se do elemento mais claramente perceptível, o que salta aos olhos do espectador e aos dos próprios integrantes. A inquietação do grupo quanto ao espaço levou-o a pesquisar com afincado essa relação e a criar obras em uma variedade de espaços públicos e/ou privados. O espaço, como elemento organizador do olhar e da percepção, apresentou-se desde o início do trabalho do grupo como um eixo de pesquisa forte, claro, e tornou-se quase uma marca sua.

A busca por novas configurações espaciais, entretanto, não se limitou, e nem poderia, a uma investigação meramente formal, geométrica. A radicalidade do olhar do grupo levou-o sempre a buscar esgotar todas as implicações dos espaços sobre os quais se debruçou. Assim, a geografia humana e simbólica dos diferentes ambientes sempre foi detidamente debatida, trabalhada e narrativizada.

A primeira peça do grupo, **“Pedro, O Cru”** (1998) foi criada em palco italiano, sem quarta parede, mas ainda presa a um formato frontal. Em sua recriação de 2005, extrapolou os limites da cena convencional, acrescentando um “coro do povo” do lado de fora da sala que procurava incluir o público, no início e no fim do espetáculo.

**“Um Credor da Fazenda Nacional”** (1999) se incluiu na linha do teatro processional, fazendo o público perambular por todos os espaços do teatro ou qualquer outro prédio que se oferecesse. **“Biedermann e os Incendiários”** (2001) alavancou uma série de potencialidades do grupo, que se instalou no Teatro de Arena Eugênio Kusnet; o espaço da semi-arena tornou premente uma necessidade de falar diretamente ao espectador, sacudi-lo, incluí-lo ainda mais. A dramaturgia de Max Frisch nos dava de presente a figura do “coro de bombeiros”, paródia do coro grego, comentando e questionando a ação na atualidade da metrópole moderna.

O grande salto radical, entretanto, e não por acaso o primeiro projeto do grupo a ter apoio do Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo, foi dado com **“As Bastianas”** (2003), que foi criado e apresentado de forma processional em um albergue para pessoas em situação de rua; portanto, um espaço ao mesmo tempo público e privado e, o mais importante, socialmente “oculto”. Ali sentiu-se definitivamente que a relação com a cidade, com o nosso tempo, não comportava mais os limites da sala fechada e era necessário ampliar cada vez mais o diálogo. Como retornar à sala depois de passar por um espaço que nos exigia tanto em todos os níveis: dramaturgia, reflexão, interpretação, jogo cênico? Em consonância com isto, surgiu o espetáculo seguinte, **“O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado”** (2007). Naquele momento, o grupo, mesmo contando pela primeira vez com a estabilidade de possuir uma sede própria localizada na Barra Funda, optou por incorporar as conquistas do trabalho anterior e conceber objetivamente pela primeira vez uma peça para a rua, que foi criada e apresentada em praças e locais abertos; mais ainda, este trabalho, inspirando-se e parodiando a estética dos desfiles de escola de samba, deu vazão ao desejo já apontado antes pelo grupo de trabalhar com um grande coletivo. Pela primeira vez se incorporava ao trabalho um grande elenco de artistas convidados para ocupar o espaço público, dialogando com a paisagem, com os passantes, e refletindo sobre a cidade. Chegamos naquele momento, explícita e conscientemente, ao coro.

Em relação à ideia de coro que se impôs desde então claramente no trabalho da Cia., é preciso observar que ela também é reflexo da maneira do grupo se organizar e se gerir; na verdade, não se pode falar nos estilos de interpretação e encenação da Cia. sem abordar o seu modo de produção, que se propôs sempre o mais coletivizado possível, com rodízio de funções entre seus integrantes, reflexo provável de sua origem como grupo composto por atores. Em última análise, a busca constante de uma ação coletiva indica a forma como o grupo vê a si mesmo, e se reflete em seus espetáculos no sempre presente interesse por uma voz coletiva. Daí a crescente importância do conceito de “coro”, delineada mais claramente nos últimos trabalhos.

Na verdade, um “espírito de coro” já perpassava toda a obra da **Cia. São Jorge de Variedades**, e esta é uma atitude claramente política, não só estética. Trata-se da afirmação de uma visão de mundo, em que a arte e o trabalho perdem suas fronteiras. **“Quem Não Sabe Mais Quem É, O Que É E Onde Está, Precisa Se Mexer”** (2009), feito sob o mote da “intervenção permanente”, se bem que recuou em relação ao uso de um grande elenco, radicalizou ainda mais a ocupação da rua, propondo um “passeio” em volta do quarteirão em pleno horário comercial, fazendo do público o próprio coro, cooptando-o para as “contravenções” realizadas na rua-cena. Enclausurava-se em seguida em uma pequena “célula” dentro da sede da Cia., onde os atores-figuras, angustiados pela falta de perspectivas, concluíam “eu não sou mais Hamlet”, para terminar ao final numa procissão desafogadora até o boteco da esquina: a oposição entre o “fechado” e o “aberto” deveria permanecer reverberando junto ao espectador. Da reflexão do papel individual para o movimento em coro. Das lutas internas e fechadas para a relação com a paisagem, a cidade em transformação permanente.

O ápice representado por **“Barafonda”** é ponto de chegada e, ao mesmo tempo, de nova partida. Realizando seu grande coro na rua, com a dramaturgia construída a partir das narrativas das arquiteturas, ruínas e histórias do bairro, a Cia. continua seu caminho rumo ao grande coletivo e o espaço público, ocupando os espaços da cidade, propondo zonas de socialização, em coro, em música – assim também em **“São Jorge Menino”** (primeiro espetáculo infantil da Cia, em 2014) e **“Festa dos Bárbaros”** (o mais recente espetáculo da Cia, em 2022). Ao mesmo tempo, observamos sempre um movimento também de voltar nossas forças e interesses para dentro, nos vendo diante dos grandes dilemas do homem moderno em busca de luz. Continuação da temática de Prometeu, mergulhamos na grandeza do complexo fáustico (**“Fausto”** / 2015), como uma necessidade de olharmos para nossas ambições mais sombrias e vergonhosamente tão humanas. Sempre no diálogo entre estas vertentes: a aldeia e o ser humano.

Destes eixos fundamentais de orientação aqui traçados é que esse coletivo vem construindo o arcabouço artístico e social do grupo. O caminho percorrido chega conosco vivo até o momento presente, ainda pulsante, sempre por se transformar.



“**Pedro, O Cru**”, de 1998, uma montagem do poema dramático do escritor simbolista português António Patrício, foi o primeiro espetáculo da Cia., e questionava nossa herança romântica através da história de Inês de Castro. Em 1999, ainda dentro da Universidade de São Paulo, surge “**Um Credor da Fazenda Nacional**”, espetáculo itinerante que resgata a obra de José Joaquim de Campos Leão, o Qorpo-Santo.

No início dos anos 2000, a Cia começa os primeiros passos com movimentos organizados que serão de grande importância na sua trajetória: UNE - União Nacional dos Estudantes e o seu Circuito Universitário de Cultura e Arte; e o início dos encontros do Movimento Arte Contra a Barbárie. De 2001 a 2002, a Cia ocupou com grupos parceiros (Bonecos Urbanos, Isla Madrasta e Núcleo Bartolomeu de Depoimentos) o Teatro de Arena Eugênio Kusnet, no projeto “**Harmonia na Diversidade**”, promovendo um importante movimento cultural no centro da cidade. Ali, através do Prêmio-estímulo Flávio Rangel, estreou “**Biedermann e Os Incendiários**”, de Max Frisch, em 2001, e permaneceu oito meses em cartaz.

Buscando novos vínculos com a cidade, nos envolvemos com iniciativas públicas para pessoas em situação de rua, ocupando artisticamente o Albergue Oficina Boracea e o Albergue Canindé, entre 2002 e 2004. Nesse contexto, nasce, a partir da coletânea de contos de Gero Camilo, “**As Bastianas**”, obra itinerante apresentada nos albergues. O projeto só se tornou possível ao participar da primeira edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo, conquista da classe artística (Movimento Arte Contra a Barbárie) e da população, de fundamental importância para uma política cultural pública consistente.

Em 2005, a Cia é abrigada por um ano pelo Teatro Ventoforte, do diretor e parceiro Ilo Krugli, numa troca artística profunda que perdurará durante os anos seguintes. Lá, o grupo organizou e estudou novamente seu repertório de 4 obras desses primeiros 8 anos. Em 2006, apresentou seu trabalho na Mostra de Repertório, no Centro Cultural São Paulo. Aquele foi um marco importante para firmar seus próximos passos. A Cia se instalou em 2007 na Barra Funda, fundando a **CASA DE SÃO JORGE**, onde criou em 2008 seu primeiro espetáculo de rua, com 20 atores em cena: “**O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado**”, a partir de “Dom Quixote”, de Cervantes, e de pesquisa sobre as festas populares, um momento significativo da Cia, quando se abriu para importantes novas parcerias que seguem vivas até hoje, e foi quando iniciou o calendário de Festas de Rua em frente à sua sede.

Estreia em 2009 **“Quem Não Sabe Mais Quem É, O Que É E Onde Está, Precisa se Mexer”**, a partir da obra de Heiner Müller, em contato direto com as ruas do bairro. Em 2010 inicia pesquisa sobre o bairro da Barra Funda, “nossa aldeia / nosso mundo”, com o Projeto Barafonda, e continua em 2011 com patrocínio do Programa Petrobras Cultural no Projeto Ao Coro Retornarás, pelo qual pesquisa as festas populares tradicionais em diversas cidades do Brasil. Em 2012 estreia o espetáculo de rua itinerante **“Barafonda”**; grande reflexão sobre nossa civilização, Barafonda evolui seu cortejo de 30 atores por 2 km do bairro, numa celebração da vida que durava 4 horas em relação direta com a cidade.

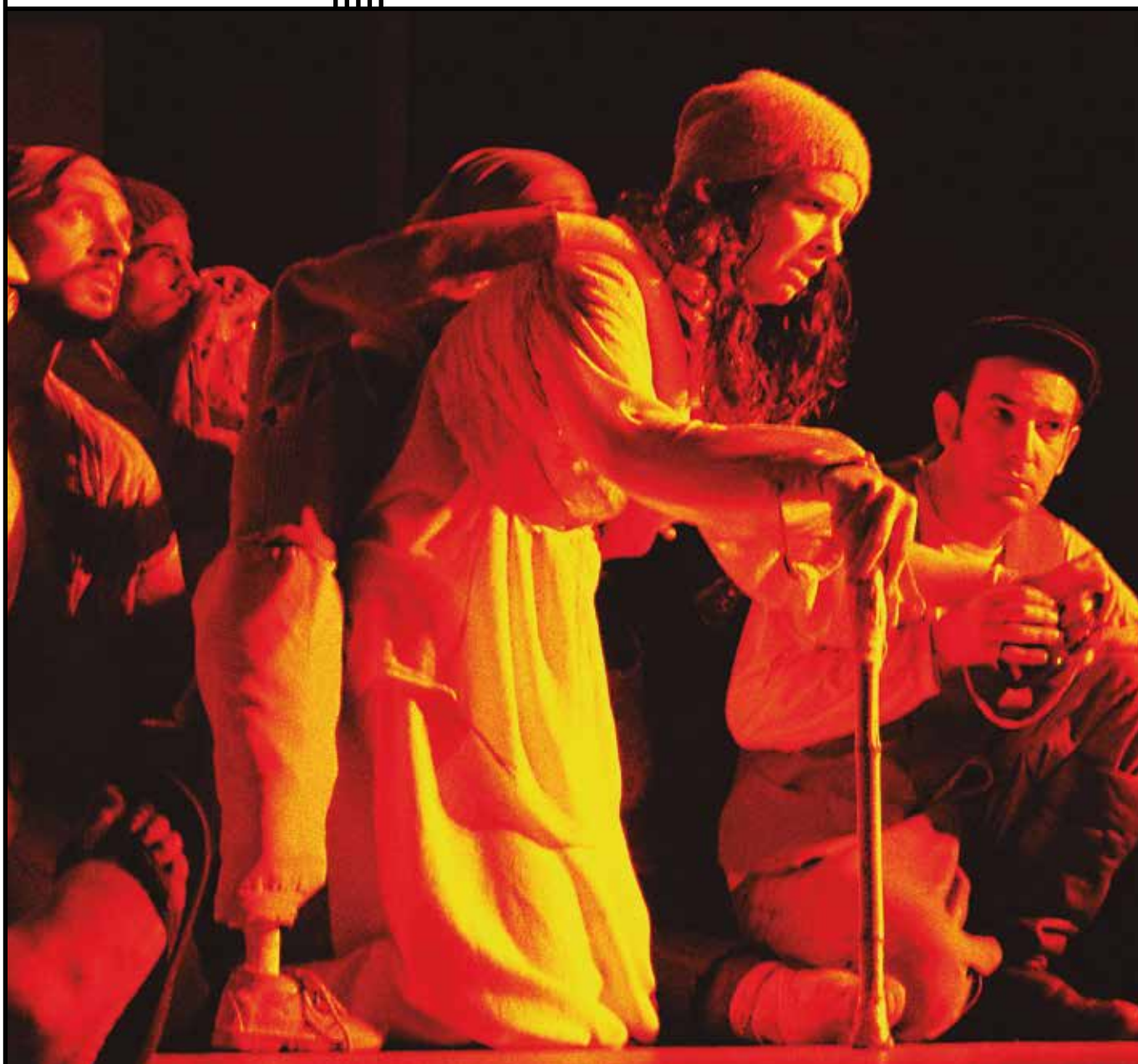
Em 2014, cria **“São Jorge Menino”**, o primeiro espetáculo infantil da Cia, com dramaturgia de Ilo Krugli / Teatro VentoForte, dando forma finalmente à relação especial que a Cia. sempre manteve com as crianças em seus ensaios e apresentações no bairro, além de celebrar a chegada dos primeiros filhos entre os participantes na Cia. **“Fausto”**, de Goethe, indicado ao Prêmio Shell de Melhor Música, estreou em 2014 no Mirada Festival Internacional Iberoamericano de Teatro de Santos. A peça fecha um ciclo de maturidade da Cia.

Entre 2003 e 2013, o grupo produz dez edições do Fanzine São Jorge, canal de interlocução com o público, que trata de suas produções, parcerias importantes e do teatro em nosso tempo. Em 2020, em plena pandemia de Covid-19, inicia seus estudos para o mais novo trabalho que estreou em 2022 e que comemora seus 25 anos de existência: **“Festa dos Bárbaros”**.

A **Cia São Jorge de Variedades** sempre apoiou as lutas populares, especialmente no campo da cultura. Evoé! Ogunhê! Salve São Jorge Guerreiro!



# PEDRO, O CRU



|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                           | <p><i>O Meu reino de segredos sem fronteiras abrange a morte, a sua natureza de mistério... Há sete anos, há já sete anos... Desde que a minha Inês foi para lá que o nosso amor tem 2 asas... Uma é a alma dela... A outra é a minha.</i></p> <p>(Trecho da dramaturgia de Pedro, o Cru, de António Patrício.)</p> |
| <p><b>Pedro, o Cru</b>, peça escrita no início do século 20 pelo autor português António Patrício, narra a tragédia medieval do rei Pedro I e sua amante Inês de Castro, e até então nunca havia sido encenada no Brasil. Século 14, uma história real: Pedro e Inês se amam. Inês é assassinada por motivos políticos. Pedro arranca e morde o coração dos assassinos e vai ao convento em Santa Clara, onde Inês está enterrada há 7 anos. Pedro desenterra o cadáver esburgado e coroa Inês rainha de Portugal. Pedro obriga o povo a um pavoroso beija-mão.</p> <p>Num duplo movimento de mergulho e crítica sobre a obra de António Patrício, a companhia manuseou com liberdade o texto original, ora comentando com ironia, ora vivenciando-o até às últimas consequências. O texto de António Patrício, por meio de uma poética simbolista, ocupa-se em enaltecer a figura de um rei tirano, transformando seus caprichos e desmedidas nas mais belas representações de amor sublime. Partindo dessa contradição, o drama Pedro, o cru mostra-se como um instrumento de alienação política no início do século 20 em Portugal, reforçando os intentos conservadores de reinstalar a monarquia.</p> <p>Na busca de trazer à consciência alguns aspectos do nosso imaginário sobre poder, o amor e a morte, a Cia. acabou por fazer uso de recursos do teatro épico para mostrar os diversos pontos de vista dessa história tão controversa. O sentimentalismo exacerbado dos nossos colonizadores portugueses e seus poetas clássicos e românticos transformaram essa história mórbida e política em uma linda fábula de amor. Em <b>“Pedro, O Cru”</b>, a Cia. São Jorge reforça tais contradições e trabalha no limiar da idealização dos poetas e a verdade crua de um cadáver esburgado.</p> |                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <p><i>“Pode apagar o fogo, Mané, que eu não volto mais...”</i><br/>(Adoniran Barbosa)</p> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |

## HISTÓRICO DE APRESENTAÇÕES

- Temporada de estreia no Teatro Laboratório EAD/ECA/USP - ago / set de 1998;
- Temporada no Teatro João Caetano, São Paulo - outubro de 1998;
- Confraria da Dança, Campinas-SP - outubro de 1998;
- Temporada Tusp - Maria Antônia, São Paulo - março / abril de 1999;
- Teatro Municipal de Barueri-SP - maio de 1999;
- Teatro Conchita de Moraes, Santo André-SP - maio de 1999;
- Centro de Convivência, Campinas-SP - junho de 1999;
- Ensaios abertos no Teatro Ventoforte, São Paulo - set / out de 2005;
- Centro Cultural São Paulo - Mostra Repertório Cia. São Jorge de Variedades Oito Anos - março e junho de 2006;
- Engenho Teatral, São Paulo - agosto de 2006;
- Cia. Paideia, São Paulo - novembro de 2006;
- Viagem Teatral do Sesi-SP - fevereiro a maio de 2007: Piracicaba, Franca, Rio Claro, Marília, Araraquara, Mauá, Sorocaba, Santos, Osasco, Santo André e Birigui.

## PREMIAÇÕES

- Espetáculo Vencedor do Prêmio Nascente -USP / EDITORA ABRIL: 1998.



## FICHA TÉCNICA ORIGINAL (1998)

Texto :: **Antônio Patrício**

Direção :: **Georgette Fadel**

Assistência de Direção :: **Ana Roxo e Cátia Pires**

Adaptação Dramatúrgica :: **Cia São Jorge de Variedades**

Elenco :: **Andréa Picta, Lina Agifu, Luís Mármora, Marcelo Dias, Maria Gomes, Patrícia Gifford, Patrícia Soares**

Figurino :: **Luís Mármora**

Cenário :: **Cia São Jorge de Variedades**

Desenho de Luz :: **João Donda**

Preparação Corporal :: **Maria Gomes**

Sonoplastia :: **Janaína de Souza**

Fotografia :: **Rafael Aidar**

Designer gráfico :: **Sato do Brasil**

## FICHA TÉCNICA REMONTAGEM (2005)

Texto :: **Antônio Patrício**

Direção :: **Georgette Fadel**

Assistência de Direção :: **Paula Klein**

Adaptação Dramatúrgica :: **Cia São Jorge de Variedades**

Elenco :: **Alexandre Faria, Alexandre Krug, Ana Cristina Petta, Luís Mármora, Mariana Senne, Patrícia Gifford, Marcelo Reis, Rogério Tarifa e Walter Machado**

Atriz Convidada :: **Fernanda Machado**

Direção Musical :: **Lincoln Antonio**

Figurino :: **Claudia Schapira**

Visagismo :: **Beto França**

Confecção de Bonecos :: **Walter Machado**

Cenário :: **Cia. São Jorge de Variedades**

Criação de Luz :: **Rogério Tarifa e Anderson Rodrigues**

Fotografia :: **Fábio Vianna**

Operação :: **Anderson Rodrigues**

Produção :: **Letícia Zero**

Designer Gráfico :: **Sato do Brasil**

EMERSON, JOHN FERRA, & DE COURBONNE 1998

Lula Moura e  
Arabela Pires em  
uma sessão de  
apresentação para  
parabenizar Antônio  
Petrônio em 2010

Apesar de a história ser muito conhecida em seu país de origem, o texto de Patrício – denso e tido como genial – só foi montado em Portugal uma vez, por isso chegou a ser classificado como “maldito” por alguns críticos. No Brasil, a montagem apresentada em Campinas de hoje a segunda-feira por 7 atores do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de São Paulo (USP) é a primeira a ser realizada.

Sob direção de Georgette Fadel, também da USP, a peça vai além do texto do poeta e cronista português. O grupo parte da ideia que “o ator é o principal autor” de uma obra e, por isso, os sete atores não apenas interpretam como manipulam quase todos os demais componentes sobre o palco, a começar pela cenografia.

O cenário é composto exclusivamente por seis araras (cabides) móveis, com diversas roupas penduradas em cada um. Os sete atores – Andréa Picta, Lina Agifu, Luís Mármora, Marcelo Dias, Maria Gomes, Patrícia Gifford e Patrícia Soares – manipulam e movem as “araras” para indicar cada ambiente de cena.

Os atores também são responsáveis por toda a sonoplastia do espetáculo. As músicas, bem como os sons que ajudam a criar a atmosfera de “Pedro, O Cru”, são feitos no palco por meio de vozes e utilização de instrumentos percussivos.

Por fim, fazendo o que caracterizaram como “um duplo movimento de mergulho e crítica”, os atores também manuseiam o texto original de António Patrício. Isso é feito por meio de narrações, comentários e até mesmo acréscimos de textos de Fernando Pessoa, João Cabral de Melo Neto e outros poetas e pensadores.

---

## REQUINTE

---

António Patrício nasceu em 1878 na cidade de Porto, em Portugal. Considerado um poeta dramaturgo de extremo requinte, teve sua estreia literária na poesia e foi aclamado por obras como *Oceano* (1905). Também produziu contos (como *Serão Inquieto*) e acabou se firmando como dramaturgo na área de teatro histórico, com *O Fim* (1909), *Dinis e Isabel* (1919) e *Pedro, o Cru*.

Os ingressos para a peça apresentada a partir de hoje em Campinas estão sendo vendidos a R\$ 6,00 (antecipado/estudantes) e R\$ 12,00 (na hora). “Pedro, O Cru” está em cartaz na Confraria da Dança (rua 1º de março, 497- Guanabara), às 21h. No domingo, o espetáculo começa uma hora mais cedo.

---

*CORREIO POPULAR - CADERNO C* - Campinas, quinta feira, 1º de outubro de 1998.  
Dario Carvalho Junior.

## UM CREDOR DA FAZENDA NACIONAL



|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                        |  |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                        |  |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | <p><i>Eu não entendo o que é ter juízo! Trabalho incessantemente em proveito meu e da minha família. Não ofendo a pessoa alguma! Dizei-me, o que é ter juízo?</i></p> <p>(Trecho da dramaturgia de “Um Credor da Fazenda Nacional” - Qorpo Santo.)</p> |  |
| <p>A escolha da obra de Jozé Joaquim de Qampos Leão, auto-intitulado Qorpo Santo, um dos autores mais admiráveis e sui generis da dramaturgia brasileira, foi movida por uma certeza: um autor perfeito para expressar nossa perplexidade diante de uma realidade brasileira absolutamente fragmentada, em que a fome convive com alegria, a precariedade com esperança e, sobretudo, reina violência nas mais diversas formas.</p> <p><b>Um Credor da Fazenda Nacional</b> radicalizou a pesquisa de espaço da Cia. São Jorge de Variedades ao propor um espetáculo itinerante, em que o público se desloca junto com os atores por todas as áreas do prédio do teatro.</p> <p><b>Um Credor...</b>, um microtexto de apenas sete páginas, foi o ponto de partida para revelar a contundente visão de Qorpo Santo dessa desrazão fundamental. Trechos das peças O Marido Extremoso ou O Pai Cuidadoso e Dous Irmãos tornaram-se componentes exemplares da violência sofrida pelo protagonista credor na tentativa inútil de receber o que o Estado lhe deve. A história resultante é a de um homem comum perdido nos corredores da burocracia, procurando em vão entender por que não recebe seu dinheiro. A dramaturgia de Qorpo Santo nos oferece um retrato insólito e cruel do Brasil do século 19. Em suas peças curtas e fragmentadas, com cenas perturbadoras e ‘ilógicas’, o autor nos mostra o ser humano em conflito consigo mesmo e com as contradições da sociedade em que vive.</p> |                                                                                                                                                                                                                                                        |  |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | <p><i>“É isso que querem senhoras autoridades? Então a época será de roubo e assassinato! Eis a paga!”</i></p> <p>(Trecho da dramaturgia de Um Credor da Fazenda Nacional, de- Qorpo Santo.)</p>                                                       |  |



## HISTÓRICO DE APRESENTAÇÕES

- Estreia com temporada no Teatro Laboratório EAD/ECA/USP: São Paulo, SP: outubro/novembro 1999;
- Congresso Estudantil União da Juventude Socialista: Diadema, SP: nov. 1999;
- Teatro do SINDIPETRO: Santos, SP: dezembro 1999;
- Santa Casa (C.A. Universitário): São Paulo, SP: dez 99/ mar 2001/ mar 2002;
- Centro Cultural Monte Azul - São Paulo, SP: março 2000;
- 2º Festival Nacional de Teatro de Curitiba (Mostra Fringe): março 2000;
- Confraria da Dança: Campinas, SP: maio 2000;
- Temporada no Centro Cultural São Paulo: São Paulo, SP: junho/julho 2000;
- Festival Universitário de Teatro de Blumenau: julho 2000;
- Festival Nacional de Teatro de São José do Rio Preto: julho 2000;
- Teatro Conchita de Moraes: Santo André, SP: setembro 2000;
- Festival Nacional de Teatro de Americana, SP: setembro 2000;
- Mostra de Teatro Universitário de Piracicaba: setembro 2000;
- Presídio Feminino de Poá: Poá, SP: outubro 2000;
- Tendal da Lapa - São Paulo/SP: outubro 2000;
- Projeto Palco Giratório - SESC 2000 - 05 Estados e 21 cidades do Brasil: Rio Branco, Porto Velho, Boa Vista, Macapá, Pto. Alegre, S. Leopoldo, Sapiranga, Caxias do Sul, Lajeado, Carazinho, Erichin, Passo Fundo, Sta. Rosa, Sto. Ângelo, Ijuí, Sta. Maria, Santana do Livramento, Pelotas, R. Grande, Cachoeira do Sul, Cruz Alta;
- Centro Cultural Evolução Campinas/SP - dezembro/2000;
- 2ª Bienal de Cultura e Arte da UNE - UERJ - Rio de Janeiro/RJ 2001;
- Teatro Cacilda Becker: São Paulo/ SP: abril e maio 2001;
- Teatro Municipal: Santos, SP: julho 2001;
- Teatro de Arena Eugênio Kusnet: Harmonia na Diversidade: fevereiro/abril 2002;
- Teatro Ventoforte, Projeto São Jorge Menino: dezembro 2005;
- Centro Cultural São Paulo: março/junho 2006;
- SESC Sorocaba/SP - setembro 2006.

## PREMIAÇÕES

- Menção Honrosa Prêmio Nascente USP - Editora Abril - Agosto de 1999;
- Prêmio Melhor Atriz - Patrícia Gifford - Festival Universitário de Teatro de Blumenau/SC - Julho de 2000;
- Prêmio Melhor Espetáculo Júri Popular Festival Nacional de Teatro de Americana/SP - Setembro de 2000;
- Prêmio Melhor Espetáculo do Ano - Prefeitura de Santos SP - Dezembro de 2001.

## FICHA TÉCNICA (1999)

Texto :: **Qorpo-Santo**

Direção :: **Georgette Fadel**

Assistência de Direção :: **Clarissa Kiste e Lina Agifu**

Adaptação Dramatúrgica :: **Cia São Jorge de Variedades**

Direção Musical :: **Cia São Jorge de Variedades e Rodrigo Mercadante**

Elenco :: **Alexandre Krug, Ana Cristina Petta, Cátia Pires, Patrícia Gifford, Paula Klein**

Participações :: **Daniela Casteline e Yaska Antunes**

Cenário :: **Cia. São Jorge de Variedades**

Desenho de Luz :: **João Donda**

Figurinos e Adereços :: **Marina Reis e Cia São Jorge de Variedades**

Fotos :: **Milton Morales**

Designer Gráfico :: **Sato do Brasil**

## FICHA TÉCNICA Remontagem (2005)

Texto :: **Qorpo-Santo**

Direção :: **Georgette Fadel**

Assistência de Direção :: **Walter Marinho**

Adaptação Dramatúrgica :: **Cia São Jorge de Variedades**

Direção Musical :: **Cia São Jorge de Variedades**

Elenco :: **Alexandre Krug, Ana Cristina Petta, Mariana Senne, Patrícia Gifford, Paula Klein**

Participação Especial :: **Alexandre Faria**

Cenário :: **Cia. São Jorge de Variedades**

Desenho de Luz :: **João Donda**

Operação de Luz :: **Anderson Rodrigues**

Figurinos e Adereços :: **Marina Reis e Cia São Jorge de Variedades**

Produção :: **Letícia Zero**

Designer Gráfico :: **Sato do Brasil**



90º Festival de Teatro CURITIBA

TEATRO Peça curta do dramaturgo gaúcho do século 19 ganha montagem inédita no Fringe

## Qorpo Santo revive em Curitiba

VALMIR SANTOS  
enviado especial a Curitiba

Um dos marcos do moderno teatro brasileiro no final do século passado, precursor do absurdo na dramaturgia do país, com passagens por hospícios, relegado ao limbo após a morte, "ressuscita-

do" nos rebeldes anos 60, enfim, ainda assim a obra do escritor gaúcho José Joaquim de Campos Leão, ou simplesmente Qorpo Santo (1829-1883), seu pseudônimo, não é visitada com a frequência que merece.

A adaptação de uma das suas peças curtas, "Um Credor da Fa-

zenda Nacional", em cartaz na mostra Fringe de Curitiba, é uma chance para conferir a atualidade da produção literária do gaúcho de Triunfo, já validada por poetas como Paulo Leminski e Augusto de Campos.

A iniciativa da montagem é da atriz Georgette Fadel, 26, uma das

fundadoras da Cia. do Latão (SP), que agora está dando seus primeiros passos na direção.

Fascinada pela obra de Qorpo Santo, ela pinçou "Um Credor..." das comédias que o dramaturgo escreveu em "Enciclopédia", denominação de vários dos seus títulos para teatro.

Essa transgressão ortográfica do "c" pelo "q", por exemplo, é apenas a ponta do iceberg surreal que ele controlou com as palavras. Qorpo Santo sempre preferiu a contramão. Ele retratou a sociedade de sua época sem o menor pudor ou falso moralismo — com deferência pela comédia. Entre as mais conhecidas, estão "Mateus e Matrona", "Eu Sou a Vida: Eu Não Sou a Morte" e "O Marido Extremoso ou o Pai Cuidadoso".

"Um Credor da Fazenda Nacional", possivelmente a primeira montagem no país ("Não encontrarei nenhum registro de outra", esclarece a diretora) tem um quê de Franz Kafka. Seu protagonista trabalha numa repartição pública, submetido à correção burocrática, até o dia em que os superiores não honram o pagamento combinado. Mobilizado por essa dívida — ele não encontra justificativa para que não lhe deem o dinheiro —, o sujeito sofre uma transformação pessoal, rompe o silêncio e luta pelos seus direitos.

É uma crítica social fortíssima, um brasileiro perdido nos corredores da burocracia, um cidadão que aprende a gritar e questionar as decisões que são tomadas sem que lhe deem qualquer satisfação", explica Georgette.

Para encantar a "mistificação", a diretora acrescentou cenas de mais duas do escritor. "O Marido Extremoso ou o Pai Cuidadoso" e

"Deus Irmãos", que têm afinidade com a história de "Um Credor..."

A encenadora diz que a montagem, e tampouco a dramaturgia de Qorpo Santo, apontam caminhos "fechados" para os temas abordados. "O público deve ir sozinho, mas aos poucos se dará conta de que seria mais cômico ainda se a história não tratasse justamente das situações que a gente enfrenta no cotidiano", acredita.

Georgette, que atualmente interpreta "Espasmo Godot" (Samuel Beckett) na temporada paulistana, sob direção de Cristiane Paoli-Quito, investe nas máscaras do clown e da "commedia dell'arte" para a interpretação dos cinco atores em "Um Credor...", o que acentua a tensão entre o onírico e o real nessa saga angustiante.

Alexandre Krug interpreta o protagonista, enquanto Ana Petta, Cláudia Pires, Bárbara Gilford e Paula Klein revestem os demais papéis. O espetáculo possui um caráter itinerante, com a plateia se deslocando três vezes de lugar. A relação dos atores com o espaço é determinante, como no corredor do Canal da Música, local da encenação da peça em Curitiba.

Figurinos e objetos cênicos são reciclados (um cabrete de feira, uma roupa usada), refletindo a precariedade em que vivemos.

"Um Credor..." já foi mostrada no teatro-laboratório da USP e terá 16 apresentações no festival — um aquecimento para a temporada prevista para o próximo semestre no Centro Cultural São Paulo.

O jornalista Valmir Santos viajou e escreveu da organização do festival



Alexandre Krug e as atrizes da peça "Um Credor da Fazenda Nacional", com direção de Georgette Fadel, que investe nas máscaras

## QORPO SANTO REVIVE EM CURITIBA

### TEATRO: PEÇA CURTA DO DRAMATURGO GAÚCHO DO SÉCULO 19 GANHA MONTAGEM INÉDITA NO FRINGE

Um dos marcos do moderno teatro brasileiro no final do século passado, precursor do absurdo na dramaturgia do país, com passagens por hospícios, relegado ao limbo após a morte, "ressuscitado" nos rebeldes anos 60, enfim, ainda assim a obra do escritor gaúcho José Joaquim de Campos Leão, ou simplesmente Qorpo Santo (1829-1883), seu pseudônimo, não é visitada com a frequência que merece.

A adaptação de uma das suas peças curtas, **Um Credor da Fazenda Nacional**, em cartaz na mostra Fringe de Curitiba, é uma chance para conferir a atualidade da produção literária do gaúcho de Triunfo, já validada por poetas como Paulo Leminski e Augusto de Campos.

A iniciativa da montagem é da atriz Georgette Fadel, 26, uma das fundadoras da Cia do Latão (SP), que agora está dando seus primeiros passos na direção. Fascinada pela obra de Qorpo Santo, ela pinçou Um Credor... das comédias que o dramaturgo escreveu em Enciclopédia, condensação de vários dos seus títulos para teatro.

Essa transgressão ortográfica do "c" pelo "q", por exemplo, é apenas a ponta do iceberg surreal que ele constrói com as palavras. Qorpo Santo sempre preferiu a contramão. Ele retratou a sociedade de sua época sem o menor pudor ou falso moralismo com deferência pela comédia. Entre as mais conhecidas, estão "Mateus e Mateusa", "Eu Sou a Vida: Eu Não Sou a Morte" e "O Marido Extremoso ou o Pai Cuidadoso".

**"Um Credor da Fazenda Nacional"**, possivelmente a primeira montagem no país ("Não encontrei nenhum registro de outra", esclarece a diretora) tem um quê de Franz Kafka. Seu protagonista trabalha numa repartição pública, submisso à correção burocrática, até o dia em que os superiores não honram o pagamento combinado. Mobilizado por essa dívida, ele não encontra justificativa para que não lhe deem o dinheiro; o sujeito sofre uma transformação pessoal, rompe o silêncio e luta pelos seus direitos.

"É uma crítica social fortíssima, um brasileiro perdido nos corredores da burocracia, um cidadão que aprende a gritar e questionar as decisões que são tomadas sem que lhe deem qualquer satisfação", explica Georgette.

Para esticar a "minipeça", a diretora acrescentou cenas de mais duas do escritor, "O Marido Extremoso ou o Pai Cuidadoso" e "Dous Irmãos", que têm afinidade com a história de "Um Credor..."

A encenadora diz que a montagem, e tampouco a dramaturgia de Qorpo Santo, apontam caminhos "fechados" para os temas abordados. "O público deve rir muito, mas, aos poucos, se dará conta de que seria mais cômico ainda se a história não tratasse justamente das situações que a gente enfrenta no cotidiano", acredita Georgette, que atualmente interpreta "Esperando Godot" (Samuel Beckett) na temporada paulistana. Sob direção de Cristiane Paoli-Quito, investe nas máscaras do clown e da commedia dell'arte para a interpretação dos cinco atores em "Um Credor...", o que acentua a transição entre o onírico e o real nessa saga angustiante.

Alexandre Krug interpreta o protagonista\*, enquanto Ana Petta, Cátia Pires, Patrícia Gifford e Paula Klein revezam nos demais papéis. O espetáculo possui um caráter itinerante, com a plateia se deslocando três vezes de lugar. A relação dos atores com o espaço é determinante, como no corredor do Canal da Música, local da encenação da peça em Curitiba.

Figurinos e objetos cênicos são reciclados (um caixote de feira, uma roupa puída), "refletindo a precariedade em que vivemos".

**"Um Credor..."** já foi mostrada no teatro-laboratório da USP e terá 16 apresentações no festival, um aquecimento para a temporada prevista para o próximo semestre no Centro Cultural São Paulo.

---

*FOLHA DE SÃO PAULO, ILUSTRADA.* Sábado, 18 de março de 2000. Valmir Santos, enviado especial a Curitiba a convite da 9ª edição do Festival de Teatro de Curitiba.  
\*Errata: Patrícia Gifford interpreta o protagonista e os demais atores revezam os papéis.



Condição humana: os jovens atores da Cia de São Jorge de Variedades conseguem mostrar a atualidade do texto

## Georgette Fadel encena o Kafka dos pampas

A diretora traz para SP 'Um Credor da Fazenda Nacional', texto do gaúcho Campos Leão que conta a história de um homem enredado pela burocracia

Nada como o tempo para pôr as coisas em seus devidos lugares. Depois de ser tido como louco em sua época, sofrendo processo de interdição movido pela família, José Joaquim de Campos Leão (1829-1883), negociante

e dramaturgo gaúcho que inventou uma nova grafia para a língua portuguesa e intitulou-se Qorpo Santo (Corpo Santo), é reconhecido como um artista ímpar, dos mais originais e ousados que já se aventuraram a escrever para teatro no Brasil.

E Qorpo Santo revelou-se profeta, como prova o espetáculo *Um Credor da Fazenda Nacional*, em cartaz no Centro Cultural São Paulo com direção de Georgette Fadel. O espetáculo, que chega a São Paulo depois de bem-sucedida passagem pela mostra paralela do Festival de

Teatro de Curitiba, tem uma trama simples. O dramaturgo gaúcho mostra o que acontece a um cidadão honrado e cumpridor das leis depois que tenta cobrar uma dívida dos poderes públicos, sendo enredado em um emaranhado burocrático digno dos piores pesadelos de Franz Kafka.

### Espetáculo processional

Fadel acoplou ao texto original trechos de outras obras de Qorpo Santo. A jovem diretora de *Cabra* – ótimo trabalho apresentado em 1999 –, desenhou um espetáculo processional. A plateia excursiona pelo espaço, acompanhando as peripécias de um pobre-diabo que não é tratado com respeito pelas autoridades. Muito bem-humorada, a encenação mostra a maneira pe-

la qual o credor é empurrado de um guichê para outro, de uma repartição para outra, sem nunca chegar perto de seu objetivo: o dinheiro que lhe é devido. O credor acaba por se perder cada vez mais no caos da burocracia, que o envolve de forma implacável.

O elenco, integrado por jovens atores da Cia. São Jorge de Variedades, desenvolve um trabalho consistente, que envolve a plateia no jogo proposto pela montagem. As interpretações ajudam o espectador a entender a contemporaneidade da visão que Qorpo Santo tinha da realidade. O escritor gaúcho, considerado precursor do modernismo e do teatro do absurdo, coloca em cena, em uma linguagem fragmentada, descontinua, um retrato assustador da

condição humana.

*Um Credor da Fazenda Nacional* mostra que Qorpo Santo, apesar de seus distúrbios mentais, de sua personalidade considerada esquizoide pelas autoridades médicas, sabia muito bem do que estava falando. Seu texto é um protesto, uma exigência de tratamento digno para o cidadão comum. Mas, como indica a peça, o autor era cético, não tinha esperança de ver cumprido seu desejo.

Alberto Guzik

'Um Credor da Fazenda Nacional' – De Qorpo Santo. Direção: Georgette Fadel. Centro Cultural São Paulo (R. Vergueiro, 1000, tel. 3277-3811). Sexta e sábado, 19h30 e 21h30, domingo, 18h30 e 20h30. Ingressos a R\$ 10

## GEORGETTE FADEL encena O KAFKA DOS PAMPAS

### A DIRETORA TRAZ PARA SP "UM CREDOR DA FAZENDA NACIONAL", TEXTO DO GAÚCHO CAMPOS LEÃO QUE CONTA A HISTÓRIA DE UM HOMEM ENREDADO PELA BUROCRACIA

Nada como o tempo para pôr as coisas em seus devidos lugares. Depois de ser tido como louco em sua época, sofrendo processo de interdição movido pela família, José Joaquim de Campos Leão (1829-1883), negociante e dramaturgo gaúcho que inventou uma nova grafia para a língua portuguesa e intitulou-se Qorpo-Santo (Corpo Santo), é reconhecido como um artista ímpar, dos mais originais e ousados que já se aventuraram a escrever para teatro no Brasil.

E Qorpo-Santo revelou-se profeta, como prova o espetáculo "Um Credor da Fazenda Nacional", em cartaz no Centro Cultural São Paulo, com direção de Georgette Fadel. O espetáculo, que chega a São Paulo depois de bem-sucedida passagem pela mostra paralela do Festival de Teatro de Curitiba, tem uma trama simples. O dramaturgo gaúcho mostra o que acontece a um cidadão honrado e cumpridor das leis depois que tenta cobrar uma dívida dos poderes públicos, sendo enredado em um emaranhado burocrático digno dos piores pesadelos de Franz Kafka.

## ESPETÁCULO PROCESSIONAL

Fadel acoplou ao texto original trechos de outras obras de Qorpo Santo. A jovem diretora de "Cabra" – ótimo trabalho apresentado em 1999 – desenhou um espetáculo processional.



A plateia excursiona pelo espaço, acompanhando as peripécias de um pobre-diabo que não é tratado com respeito pelas autoridades. Muito bem-humorada, a encenação mostra a maneira pela qual o credor é empurrado de um guichê para outro, de uma repartição para outra, sem nunca chegar perto de seu objetivo: o dinheiro que lhe é devido.

O credor acaba por se perder cada vez mais no caos da burocracia, que o envolve de forma implacável.

O elenco, integrado por jovens atores da Cia. São Jorge de Variedades, desenvolve um trabalho consistente, que envolve a plateia no jogo proposto pela montagem. As interpretações ajudam o espectador a entender a contemporaneidade da visão que Qorpo-Santo tinha da realidade. O escritor gaúcho, considerado precursor do modernismo e do teatro do absurdo, coloca em cena, em uma linguagem fragmentada, descontínua, um retrato assustador da condição humana.

"Um Credor da Fazenda Nacional" mostra que Qorpo-Santo, apesar de seus distúrbios mentais, de sua personalidade considerada esquizoide pelas autoridades médicas, sabia muito bem do que estava falando. Seu texto é um protesto, uma exigência de tratamento digno para o cidadão comum. Mas, como indica a peça, o autor era cético, não tinha esperança de ver cumprido seu desejo.

---

*JORNAL DA TARDE*. Sábado, 24 de junho de 2000. Alberto Guzik.

# TEATRO

AGUINALDO RIBEIRO DA CUNHA

## Companhia resgata texto histórico de Qorpo Santo

*Autor gaúcho, tido como precursor do teatro do absurdo, escreveu 17 peças no século 19*

A Companhia São Jorge de Variedades, dirigida pela diretora e atriz Georgette Fadel, apresenta no Teatro Cacilda Becker um interessante espetáculo baseado na obra do original e pouco conhecido dramaturgo Qorpo Santo. O título — *Um Credor da Fazenda Nacional* — resume a trama, embora, na montagem, se tenha misturado este texto com outros do mesmo autor.

Qorpo Santo é o pseudônimo adotado por José Joaquim de Campos Leão, gaúcho nascido em 1833 e falecido aos 50 anos em 1883. Como doente mental, a partir de 1860, esteve internado longos anos — e escreveu toda sua obra, 17 peças, praticamente no mesmo período, em torno de 1866. Como autor, tem lugar especialíssimo, na história da dramaturgia brasileira: a ele se atribui o papel de precursor do teatro do absurdo. Sua obra, inquieta, reflexiva e crítica, foi ignorada pelos contemporâneos e somente há poucos anos é que foi reconhecida e estudada nos meios acadêmicos, passando então a ser revelada ao público.

A Companhia São Jorge tem o mérito de trazê-la agora aos palcos paulistas — onde é praticamente desconhecida. O resgate dessas peças, não apenas literário ou acadêmico, mas cênico, é de grande interesse para o teatro brasileiro. Qorpo Santo procura refletir e expor, nos textos selecionados para o espetáculo em cartaz no Teatro Cacilda Becker, a alma e o caráter nacionais. É interessante notar que, mesmo escritos no tempo do Império, os textos continuam atualíssimos. E isto, basicamente, por



EM CENA: situações remontam às origens do teatro do absurdo

duas razões: a primeira, já salientada por historiadores e intelectuais, é que foi exatamente no Brasil Império que o caráter nacional foi formado. A segunda é que ele permanece mais ou menos o mesmo, o que é estranho para uma nação tão jovem, apesar de se poder notar uma natural evolução nesta "personalidade do brasileiro comum".

O espetáculo, engraçado e envolvente, aborda questões velhas conhecidas do público: a burocracia que atrapalha e infere, a ineficiência, o desleixo, a autoimagem bem construída e elevada (ainda que fundamentada em valores frágeis), o tom grandiloquente dado ao sentido de pátria e de patriotismo. Georgette

Fadel dirigiu a nova montagem com inteligência e senso crítico e, mais do que isso, explorando em profundidade as aberturas pelos textos de Qorpo Santo.

Os belos espaços do Teatro Cacilda Becker — hall, jardins, palco e platéia — são integralmente aproveitados no espetáculo, levando ao público a sensação das antecâmaras da burocracia. O elenco, afinado e competente — da qual fazem parte Alexandre Krug, Ana Petta e Cíntia Pires —, desempenha seus papéis com a entrega a que já se habituou o público nas montagens desse grupo jovem e talentoso.

E-MAIL PARA ESTA COLUMA:  
aguinaldocunha@uol.com.br

REVISTA  
LAZER

SÃO PAULO, QUINTA-FEIRA, 8 DE MARÇO DE 2001

DIÁRIO POPULAR 3

## COMPANHIA RESGATA TEXTO HISTÓRICO DE QORPO SANTO

### AUTOR GAÚCHO, TIDO COMO PRECURSOR DO TEATRO DO ABSURDO, ESCREVEU 17 PEÇAS NO SÉCULO 19

A Companhia São Jorge de Variedades, dirigida pela diretora e atriz Georgette Fadel, apresenta no Teatro Cacilda Becker um interessante espetáculo baseado na obra do original e pouco conhecido dramaturgo Qorpo Santo. O título — **“Um Credor da Fazenda Nacional”** — resume a trama, embora, na montagem, tenha misturado este texto com outros do mesmo autor.

Qorpo Santo é o pseudônimo adotado por José Joaquim de Campos Leão, gaúcho nascido em 1833 e falecido aos 50 anos, em 1883.



Como doente mental a partir de 1860, esteve internado longos anos – e escreve toda sua obra, 17 peças, praticamente no mesmo período, em torno de 1866. Como autor, tem lugar especialíssimo na história da dramaturgia brasileira: a ele se atribui o papel de precursor do teatro do absurdo. Sua obra inquieta, reflexiva e crítica foi ignorada pelos contemporâneos; somente há poucos anos é que foi reconhecida e estudada nos meios acadêmicos, passando então a ser revelada ao público.

A Companhia São Jorge tem o mérito de trazê-la agora aos palcos paulistas, onde é praticamente desconhecida. O resgate dessas peças, não apenas literário ou acadêmico, mas cênico é de grande interesse para o teatro brasileiro. Qorpo Santo procura refletir e expor, nos textos selecionados para o espetáculo em cartaz no teatro Cacilda Becker, a alma e o caráter nacionais. E é interessante notar que mesmo escritos no tempo do império, os textos continuam atualíssimos. E isto, basicamente, por duas razões: a primeira, já salientada por historiadores e intelectuais, é que foi exatamente no Brasil Império que o caráter nacional foi formado.

A segunda é que ele permanece mais ou menos o mesmo, o que é estranho para uma nação tão jovem, apesar de se poder notar uma natural evolução nessa “personalidade do brasileiro comum”.

O espetáculo, engraçado e envolvente, aborda questões velhas conhecidas do público: a burocracia que atrapalha e inferniza, a ineficiência, o desleixo, a autoimagem bem construída e elevada (ainda que fundamentada em valores frágeis), o tom grandiloquente dado ao sentido de pátria e de patriotismo. Georgette Fadel dirigiu a nova montagem com inteligência e senso crítico e, mais do que isso, explorando profundidade e aberturas pelos textos de Qorpo Santo.

Os belos espaços do Teatro Cacilda Becker – hall, jardins, palco e plateia – são integralmente aproveitados no espetáculo, levando ao público a sensação das antecâmaras da burocracia. O elenco, afinado e competente, do qual fazem parte Alexandre Krug, Ana Petta e Cátia Pires, desempenha seus papéis com a entrega a que já se habituou o público nas montagens desse grupo jovem e talentoso.

---

*REVISTA LAZER*. 8 de março de 2001. Aguinaldo Ribeiro da Cunha.

# Pesadelo numa surrealista repartição pública

**Sucesso em Curitiba. Um Credor da Fazenda Nacional, de Qorpo Santo, estreia hoje**

BETH NESEPOLI

A partir de hoje, o público paulistano vai poder ver, no Centro Cultural São Paulo, um dos melhores espetáculos apresentados na mostra paralela do Festival de Teatro de Curitiba, em março. Dirigido por Georgette Fadel, com um elenco de cinco atores, *Um Credor da Fazenda Nacional*, reunindo três peças do gaúcho Qorpo Santo (1829-1883), é uma atuação talentosa da dramaturgia surreal do autor.

O eixo central da montagem gira em torno da peregrinação pelos corredores de uma repartição pública realizada pelo protagonista da peça que dá título ao espetáculo, o credor interpretado por Patrícia Gifford. A semelhança de Joseph K., personagem de *O Processo*, de Kafka – perseguido pela Justiça sob uma acusação jamais revelada –, o credor de Qorpo Santo sente-se perdido nos meandros de uma burocracia indecifrável.

De posse de um requerimento, ele enfrenta uma maratona diária, meses a fio, de sala em sala, de funcionário indifferente a chefe arrogante, na tentativa de receber um dinheiro que, garante o requerimento, ele tem direito. Porém, o requerimento é letra fria, um papel inútil nas mãos do credor acada dia mais perdido entre funcionários inaccessíveis, perambulando por uma repartição pública surrealista.

Numa das cenas, por exemplo, vê-se envolvido numa enlouquecida tirada de cartões e pro-



Peça consagrou-se entre as melhores do Festival de Curitiba

cessos quando simultaneamente toca a sineta do "momento cívico". Mas os burocratas não são só os valores da história. Também têm motivos para sentirem-se perdidos. Depois do "relaxamento", o sistema de som interno anuncia o



Qorpo Santo, internado como louco, escreveu artigos, poemas, 17 peças e foi considerado por muitos o precursor do absurdo e visto por outros como um autor surrealista

"pronunciamento do presidente". Com a devida solenidade, a voz em off anuncia que o salão do funcionalismo público vai ser provisoriamente... Os fortes cliques provocados por uma interferência qualquer não permitem ouvir o resto, mas os funcionários adivinharam – ou deduziram – o pior.

Em sua concepção, Georgette conseguiu levar ao palco com rara fidelidade o clima surrealista característico da dramaturgia de Qorpo Santo sem abrir mão de uma leitura atualizada do texto e da crítica social. "Todo brasileiro é um pouco credor da Fazenda; todo mundo sabe o que é enfrentar uma fila inexistente, ser mal atendido numa repartição, pior, esperar por socorro num hospital

público, onde não se é tratado como um ser humano", observa a atriz Cátia Pires.

Cátia interpreta – com ajuda de um figurino muito especial – a gongolista mãe do credor numa cena extraída de outra peça de Qorpo Santo, *Dois Irmãos*. Cenas de *O Marido Extremoso* ou *Pai Cuidadoso*, também do autor, abrem e encerram o espetáculo, que tem início no corredor de acesso à sala 4 do CCSP, onde o público vai passar, acompanhando o personagem, por diferentes "setores da repartição".

A dramaturgia de Qorpo Santo ou José Joaquim de Campos Leão, seu verdadeiro nome, foi descoberta quase cem anos após sua morte, pelo professor mine-

iro Guilherme César. Nascido na cidade de Vila do Trindade, casado, pai de seis filhos, professor, Qorpo Santo passou a ser "arquivado" do *Diário da Manhã* em 1890, algo que sempre contestou com veemência. Em 1904, viajou para o Rio onde ficou internado na Casa de Saúde Doutor Erasmo até 1898, quando os psiquiatras avaliaram que a internação piorava o estado do paciente.

Em 1920, abriu uma gráfica para editar *Seis Meses de Humana Esperança*, uma espécie de enciclopédia muito particular, em vários volumes, nos quais reuniu poemas, artigos e suas 17 peças, todas escritas durante a internação em 1898. Entre outras coisas, Qorpo Santo defendia uma reforma ortográfica que eliminasse letras inúteis, como o "h" depois do "c", regra que adotou na grafia de seu nome artístico.

Qorpo Santo foi considerado por muitos precursor do teatro do absurdo, filiação artística contestada por Eudyr Fraga no livro *Qorpo Santo: Surrealismo ou Absurdo?*, editado pela Perspectiva. As situações desconexas de suas peças o distanciam, segundo Fraga, da criação nacional de, por exemplo, Ionesco. Qorpo Santo estaria mais próximo dos surrealistas, que moravam no inconsciente para criar suas obras oníricas.

## SERVIÇO

**Um Credor da Fazenda Nacional. Comédia. De Qorpo Santo. Direção Georgette Fadel. Duração: 75 minutos. Sexta e sábado, às 19h30 e 21h30; domingo, às 18h30 e 20h30. R\$ 10,00. Centro Cultural São Paulo - Sala de Ensaio 4, Rua Vergueiro, 1.000, tel. 3277-3011. Até 18/7.**

## PESADELO NUMA SURREALISTA REPARTIÇÃO PÚBLICA

### SUCESSO EM CURITIBA, "UM CREDOR DA FAZENDA NACIONAL", DE QORPO-SANTO, ESTREIA HOJE

A partir de hoje, o público paulistano vai poder ver, no Centro Cultural São Paulo, um dos melhores espetáculos apresentados na mostra paralela do Festival de Teatro de Curitiba, em março. Dirigido por Georgette Fadel, com um elenco de cinco atores, **"Um Credor da Fazenda Nacional"**, reunindo três peças do gaúcho Qorpo-Santo (1829-1883), é uma atuação talentosa da dramaturgia surreal do autor. O eixo central da montagem gira em torno da peregrinação pelos corredores de uma repartição pública realizada pelo protagonista da peça que dá título ao espetáculo, o credor interpretado por Patrícia Gifford. À semelhança de Joseph K., personagem de *O Processo*, de Kafka – perseguido pela Justiça sob uma acusação jamais revelada –, o credor de Qorpo-Santo sente-se perdido nos meandros de uma burocracia indecifrável. De posse de um requerimento, ele enfrenta uma maratona diária, meses a fio, de sala em sala, de funcionário indifferente a chefe arrogante, na tentativa de receber um dinheiro que, garante o requerimento, ele tem direito. Porém, o requerimento é letra fria, um papel inútil nas mãos do credor a cada dia mais perdido entre funcionários inaccessíveis, perambulando por uma repartição pública surrealista. Numa das cenas, por exemplo, vê-se envolvido numa enlouquecida tirada de carimbos e processos quando subitamente toca a sineta do "momento cívico".

Todos os funcionários param o que estão fazendo e, gestos congelados, ouvem o hino "como é bom ser brasileiro", seguido do "momento de relaxamento". Mas os burocratas não são só os vilões da história. Também têm motivos para se sentirem perdidos. Depois do "relaxamento", o sistema de som interno anuncia o "pronunciamento do presidente". Com a devida solenidade, a voz em off anuncia que o salário do funcionalismo público vai ser provisoriamente... Os fortes chiados provocados por uma interferência qualquer não permitem ouvir o resto, mas os funcionários adivinham – ou deduzem – o pior. Em sua concepção, Georgette conseguiu levar ao palco com rara fidelidade o clima surrealista característico da dramaturgia de Qorpo-Santo sem abrir mão de uma leitura atualizada do texto e da crítica social. "Todo brasileiro é um pouco credor da Fazenda, todo mundo sabe o que é enfrentar uma fila imensa, ser mal atendido numa repartição ou, pior, esperar por socorro num hospital público, onde não se é tratado como um ser humano", observa a atriz Cátia Pires. Cátia interpreta – com ajuda de um figurino muito especial – a gordíssima mãe do credor numa cena extraída de outra peça de Qorpo-Santo, "Dous Irmãos". Cenas de "O Marido Extremoso ou o Pai Cuidadoso", também do autor, abrem e encerram o espetáculo, que tem início no corredor de acesso à sala 4 do CCSP, onde o público vai passar, acompanhando o personagem, por diferentes "setores da repartição".

A dramaturgia de Qorpo-Santo, ou José Joaquim de Campos Leão, seu verdadeiro nome, foi descoberta quase cem anos após sua morte pelo professor mineiro Guilhermino César. Nascido na cidade de Vila do Triunfo, casado, pai de seis filhos, professor, Qorpo-Santo passou a ser "acusado" de doente mental em 1860, algo que sempre contestou com veemência. Em 1864, viajou para o Rio, onde ficou internado na Casa de Saúde Doutor Eiras até 1868, quando os psiquiatras avaliaram que a internação piorava o estado do paciente. Em 1870, abriu uma gráfica para editar "Seis Meses de Huma Enfermidade", uma espécie de enciclopédia muito particular, em vários volumes, nos quais reuniu poesias, artigos e suas 17 peças, todas escritas durante a internação em 1866. Entre outras coisas, Qorpo-Santo defendia uma reforma ortográfica que eliminasse letras inúteis, como o "u" depois do "q", regra que adotou na grafia de seu nome artístico. Qorpo-Santo foi considerado por muitos precursor do teatro do absurdo, filiação artística contestada por Eudinyr Fraga no livro Qorpo-Santo: "Surrealismo ou Absurdo?", editado pela Perspectiva. As situações desconexas de suas peças o distanciam, segundo Fraga, da criação racional de, por exemplo, Ionesco. Qorpo-Santo estaria mais próximo dos surrealistas, que mergulham no inconsciente para criar suas obras oníricas.



TEATRO "Um Credor da Fazenda Nacional" estreia hoje no Centro Cultural São Paulo e faz crítica atemporal à burocracia

## Qorpo Santo enxerga absurdo nacional



Cena do espetáculo "Um Credor da Fazenda Nacional", de Qorpo Santo, que entra em cartaz hoje no Centro Cultural São Paulo

DA REDAÇÃO

Produzida num manicômio, em 1866, a obra teatral do porto-alegrense José Joaquim de Campos Leão, o Qorpo Santo (1829-1883), ficou esquecida durante um século.

Uma pequena amostra de seu teatro é lembrada, porém, a partir de hoje, no Centro Cultural São Paulo, na montagem de "Um Credor da Fazenda Nacional" pela Cia. São Jorge de Variedades.

A companhia, dirigida por Georgette Fadel, uma das fundadoras da Cia. do Latão, surgiu em 98, com "Pedro, o Cru", e chega de apresentações de "Credor" no Festival de Teatro de Curitiba deste ano.

O autor foi escarnecido durante toda sua vida — e morte. Lembrado na Semana de Arte Moderna (1922) pela oposição conservadora para desprestigiar Oswald de Andrade, que teria um estilo muito próximo do dele, Qorpo Santo é mais comentado como o mito esquizofrênico que escrevia peças numa noite (nesse ritmo, produziu 17 textos em menos de um ano) do que efetivamente lido.

Seu teatro, para alguns, adianta o "nonsense" e o "humour" que estão presentes nas peças de dramaturgos como Samuel Beckett e Eugène Ionesco, conhecidos como autores do teatro do absurdo.

O texto que dá nome ao espetáculo é a base para a colagem de ce-

nas de outras obras do autor, como "Dous Irmãos" e "O Marido Extremoso ou o Pai Cuidadoso".

A peça conta as desventuras de um personagem que tenta, em vão, receber dinheiro do governo numa repartição pública. Sem receber e sem ter uma justificativa para isso, sofre uma transformação pessoal e rompe o silêncio, passando a lutar por seus direitos. A trajetória do personagem preso num labirinto burocrático faz pensar em "O Processo", de Franz Kafka.

A montagem compõe-se de textos curtos, de uma oralidade que destoa da escrita romântica do oitocentos, como a de Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882). O sentimentalismo desses românticos serve apenas, em Qorpo Santo, como recheio de um delírio idealizador e idealizante.

O escritor fez dessa linguagem uma forma de retratar a sociedade da época por meio de personagens e situações autobiográficas. "Ele abre brechas para completarmos", diz a atriz Paula Klein. "Enxergamos a crítica à sociedade atual em seus textos."

(ROGÉRIO EDUARDO ALVES)

**Peça:** Um Credor da Fazenda Nacional  
**Com:** Cia. São Jorge de Variedades  
**Quando:** sex. e sab., às 19h30 e às 21h30; dom., às 18h30 e 20h30  
**Onde:** Centro Cultural São Paulo (r. Vergueiro, 1.000, tel. 3277-3611)  
**Quanto:** R\$ 10

## QORPO SANTO ENXERGA ABSURDO NACIONAL

**"UM CREDOR DA FAZENDA NACIONAL" estreia HOJE NO CENTRO CULTURAL SÃO PAULO e faz CRÍTICA à BUROCRACIA.**

Produzida num manicômio, em 1866, a obra teatral do porto-alegrense José Joaquim de Campos Leão, o Qorpo Santo (1829-1883), ficou esquecida durante um século.

Uma pequena amostra de seu teatro é lembrada, porém, a partir de hoje, no Centro Cultural São Paulo, na montagem de **"Um Credor da Fazenda Nacional"** pela **Cia São Jorge de Variedades**. A companhia, dirigida por Georgette Fadel, uma das fundadoras da Cia do Latão, surgiu em 98, com "Pedro, o Cru", e chega para as apresentações de "Credor" no Festival de Teatro de Curitiba deste ano.

O autor foi escarnecido durante toda sua vida e morte. Lembrado na Semana de Arte Moderna (1922) pela oposição conservadora para desprestigiar Oswald de Andrade, que teria um estilo muito próximo do dele, Qorpo Santo é mais comentado como o mito esquizofrênico que escrevia peças numa noite (nesse ritmo, produziu 17 textos em menos de um ano) do que efetivamente lido.

Seu teatro, para alguns, adianta o "nonsense" e o "humour" que estão presentes nas peças de dramaturgos como Samuel Beckett e Eugène Ionesco, conhecidos como autores do teatro do absurdo. O texto que dá nome ao espetáculo é a base para a colagem de cenas de outras obras do autor, como "Dous Irmãos" e "O Marido Extremoso ou o Pai Cuidadoso". A peça conta as desventuras de um personagem que tenta, em vão, receber dinheiro do governo numa repartição pública. Sem receber e sem ter uma justificativa para isso, sofre uma transformação pessoal e rompe o silêncio, passando a lutar por seus direitos. A trajetória do personagem preso num labirinto burocrático faz pensar em O Processo, de Franz Kafka.

A montagem compõe-se de textos curtos, de uma oralidade que destoa da escrita romântica dos oitocentos, como a de Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882). O sentimentalismo desses românticos serve apenas, em Qorpo Santo, como recheio de um delírio idealizador e idealizante.

O escritor fez dessa linguagem uma forma de retratar a sociedade da época por meio de personagens e situações autobiográficas. "Ele abre brechas para completarmos", diz a atriz Paula Klein. "Enxergamos a crítica à sociedade atual em seus textos."

---

*FOLHA DE SÃO PAULO, ILUSTRADA*. 23 de junho de 2000. Rogério Eduardo Alves.

# BIEDERMANN E OS INCENDIÁRIOS





|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                   |  |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | <p><i>Aquilo que se chama de destino para que você não pergunte pela causa, e que, monstruoso aniquila cidades é na verdade a desmedida humana, destruindo a estirpe mortal dos cidadãos.</i></p> <p>(Trecho da dramaturgia de “Biedermann e os Incendiários”, de Max Frisch)</p> |  |
| <p>O processo de alienação constante em nossa sociedade, que insiste em não enxergar as contradições causadas pela diferença de classe, provoca as mais cruéis expressões da barbárie. “Biedermann e os Incendiários”, que estreou em setembro de 2001, é o espetáculo da companhia que cumpriu o maior número de apresentações em temporada contínua no mesmo lugar: Teatro de Arena Eugênio Kusnet. Sua estreia foi marcante, três dias antes das Torres Gêmeas de Nova Iorque explodirem sob um atentado terrorista.</p> <p>A história de Biedermann remete à insegurança da pólis moderna. Vários incêndios assustam a cidade. Um clima de pavor e desconfiança atinge a todos. Um desconhecido pede abrigo na casa de Cândido Biedermann. O pequeno burguês, ao perder o controle da situação movido por ‘bons sentimentos’, decide hospedá-lo. Pouco depois, Biedermann descobre que o hóspede trouxe consigo uma amiga e galões de gasolina. O coro de bombeiros tenta adverti-lo do perigo, mas é inútil. Mesmo diante de todas as evidências, Biedermann mostra-se incapaz de agir e detona sua própria tragédia.</p> <p>Max Frisch (1911-1991) é um autor suíço que se inscreve principalmente na corrente do teatro épico brechtiano, embora com traços e divergências características. “Biedermann e os Incendiários”, escrita no período pós-guerra, foi classificada pelo próprio autor como uma peça ‘didática sem lição’. A atualidade temática e o refinado tratamento dramatúrgico dado pelo autor foram certamente os principais elementos para a escolha da Cia. A encenação foi pensada de maneira a torná-la receptiva à realidade, aos novos sentidos que se apresentam a cada novo acontecimento da realidade social – assim, o coro de bombeiros se inspira na linguagem dos super-heróis, tentando advertir o burguês, em movimentos coreografados e a maioria dos textos musicados –, dando à encenação um tom sarcástico e muito bem humorado.</p> |                                                                                                                                                                                                                                                                                   |  |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | <p><i>“O melhor e mais perfeito disfarce é dizer a verdade, nua e crua. É engraçado. Ninguém acredita nela”.</i></p> <p>(Trecho da dramaturgia de “Biedermann e os Incendiários”, de Max Frisch)</p>                                                                              |  |

## HISTÓRICO DE APRESENTAÇÕES

- Temporada de estreia no Teatro de Arena Eugênio Kusnet /SP - Movimento Cultural Harmonia na Diversidade - setembro 2001 a maio 2002;
- Reflexos de Cena / SESC Consolação - São Paulo - novembro de 2001;
- Projeto Vida - Escola Aberta - Sec. Mun. da Educação de São Paulo - dez. 2001;
- "Show da Paz" - UNE / SESC Pompéia - fevereiro de 2002;
- Fórum Social Mundial de Porto Alegre/POA - fevereiro de 2002;
- Festival de Comédias - Secretaria Municipal de Cultura /SP - julho de 2002;
- Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto, SP - julho de 2002;
- Teatro na Cidade - Vargem Grande Paulista, SP - março de 2002;
- Temporada Teatro de Arena Eugênio Kusnet /SP - Movimento Cultural Harmonia na Diversidade - agosto e setembro de 2002;
- CUCA - Circuito Universitário de Cultura e Arte / UNE - Ouro Preto, MG - 2002;
- Festival de Teatro Universitário - Universidade de S. Paulo - setembro de 2002;
- Festival Nacional de Teatro de Santos, SP - setembro de 2002;
- Festival Nacional de Teatro de Pindamonhangaba, SP - outubro de 2002;
- ELT - Escola Livre de Santo André, SP - dezembro de 2002;
- Associação Cultural Paidéia - SP - dezembro 2002;
- Casa de Cultura do Itaim Paulista - São Paulo/SP - dezembro de 2002;
- Projeto Oficina Boracea, Barra Funda - São Paulo - dezembro de 2002;
- 9º Festival Janeiro de Grandes Espetáculos - Recife, PE - fevereiro de 2003;
- 3ª Bienal de Cultura e Arte da UNE - Olinda, PE - fevereiro de 2003;
- Mostra São Paulo - Theatro Municipal - São Paulo - fevereiro de 2003;
- Casa de Cultura de Diadema, SP - março de 2003;
- Teatro Cacilda Becker / Cia. do Latão - São Paulo/SP - março de 2003;
- SESC Ipiranga - São Paulo/SP - abril de 2003;
- FILO - Festival Internacional de Teatro de Londrina, PR - maio de 2003;
- Teatro Nelson Rodrigues, Guarulhos, SP - dezembro de 2003;
- Teatro Municipal de Guarulhos, SP - julho de 2004;
- 11º Porto Alegre Em Cena, Porto Alegre, RS - setembro de 2004;
- Projeto Formação de Público: CEU Jambeiro, abril e maio; CEU Cidade Dutra, junho; CEU Butantã, agosto; CEU Vila Curuçá, setembro; CEU Parque Veredas, outubro; CEU Campo Limpo, novembro; Secretaria Municipal da Cultura - 2004.

## PREMIAÇÕES

- Prêmio Estímulo Flávio Rangel Secretaria do Estado de Cultura de São Paulo 2001;
- Prêmio Melhor Atriz Coadjuvante (Mariana Senne) - Festival Nacional de Teatro de Pindamonhangaba, São Paulo - outubro de 2002.

## FICHA TÉCNICA

Texto :: **Max Frisch**

Tradução :: **Alexandre Krug**

Direção :: **Georgette Fadel**

Direção Musical e Trilha Original :: **Ivini Ferraz**

Elenco :: **Alexandre Faria, Alexandre Krug, Ana Cristina Petta, Carlota Joaquina, Luís Mármora, Mariana Senne, Patrícia Gifford, Paula Klein, Rogério Tarifa**

Assistência de Direção :: **Marcelo Reis**

Coreografia :: **Roberta Estrela D'Alva**

Preparação Corporal :: **Erika Moura e Sabrina Cunha**

Figurino :: **Claudia Schapira**

Cenário e Adereços :: **Júlio Dojcsar**

Iluminação :: **Miló Martins**

Fotografia :: **Rafael Aidar**

Contrarregragem :: **Walter Machado**

Operação de Luz :: **Anderson Rodrigues**

Designer Gráfico :: **Sato do Brasil**



## Espectáculo associa graça e inteligência na dose certa

Em 'Biedermann e os Incendiários' é notável também a vivacidade das interpretações

Em um dos esplêndidos ensaios em que desbasta o caminho para o acesso do leitor brasileiro à literatura alemã, o crítico Anatol Rosenfeld assinala a inclinação de dois dramaturgos suíços exponenciais, Friedrich Dürrenmatt e Max Frisch, para "experimentar e adaptar as pesquisas universais". Como resultado, observa: "O seu teatro é acolhedor como os hotéis suíços, que recebem turistas de toda a parte."



Atuação de Compagni na obra de Dürrenmatt, interpretada no teatro de São Paulo, em 1970.

Aberto aos experimentos, sensível às influências da dramaturgia de outras culturas e línguas, as peças desses dramaturgos compensariam o insulamento e o provincianismo um tanto quanto envergonhado de um país historicamente situado à margem dos grandes tumultos europeus. Inversamente, graças a essa abertura para as contribuições de outras culturas, a dramaturgia desses dois autores acabou por responder aos dilemas e às preocupações estilísticas do teatro internacional.

Em um dos esplêndidos ensaios em que desbasta o caminho para o acesso do leitor brasileiro à literatura alemã, o crítico Anatol Rosenfeld assinala a inclinação de dois dramaturgos suíços exponenciais, Friedrich Dürrenmatt e Max Frisch, para "experimentar e adaptar as pesquisas universais". Como resultado, observa: "O seu teatro é acolhedor como os hotéis suíços, que recebem turistas de toda a parte."

## Crítica

Em um dos esplêndidos ensaios em que desbasta o caminho para o acesso do leitor brasileiro à literatura alemã, o crítico Anatol Rosenfeld assinala a inclinação de dois dramaturgos suíços exponenciais, Friedrich Dürrenmatt e Max Frisch, para "experimentar e adaptar as pesquisas universais". Como resultado, observa: "O seu teatro é acolhedor como os hotéis suíços, que recebem turistas de toda a parte."

## ESPETÁCULO ASSOCIA GRAÇA E INTELIGÊNCIA NA DOSE CERTA

### Em 'Biedermann e os Incendiários' é notável também a vivacidade das interpretações

Em um dos esplêndidos ensaios em que desbasta o caminho para o acesso do leitor brasileiro à literatura alemã, o crítico Anatol Rosenfeld assinala a inclinação de dois dramaturgos suíços exponenciais, Friedrich Dürrenmatt e Max Frisch, para "experimentar e adaptar as pesquisas universais". Como resultado, observa: "O seu teatro é acolhedor como os hotéis suíços, que recebem turistas de toda a parte."

Aberto aos experimentos, sensível às influências da dramaturgia de outras culturas e línguas, as peças desses dramaturgos compensariam o insulamento e o provincianismo um tanto quanto envergonhado de um país historicamente situado à margem dos grandes tumultos europeus. Inversamente, graças a essa abertura para as contribuições de outras culturas, a dramaturgia desses dois autores acabou por responder aos dilemas e às preocupações estilísticas do teatro internacional.

O fato é que **Biedermann e os Incendiários**, peça de Max Frisch encenada agora pela Companhia São Jorge de Variedades, embora tenha estreado em 1958, tem a permeabilidade das parábolas que em qualquer tempo e lugar preservam a abertura para a atualização. O confuso senhor Biedermann, protagonista dessa narrativa, não se circunscreve a um lugar ou tempo histórico. É um cidadão com traços tanto quanto possíveis neutros. Sabemos que é afável e timorato dentro de casa, porque não ousa desrespeitar os hóspedes e não tem energia suficiente para se defender.

Ao mesmo tempo é vagamente ligado a um lugar de classe que é a sua personalidade pública. Patrão inclemente e desonesto (apropriou-se de uma patente), é responsável pelo suicídio de um empregado cuja viúva, ao longo da peça, tenta sem sucesso invocar sua compaixão. Enquanto a cidade é destruída por incêndios, acolhe em sua casa dois personagens que, de acordo com indicações evidentes aos olhos do público, se preparam para incendiar seu lar. O senhor Biedermann, contudo, não se rende às evidências. Certas coisas só acontecem aos outros.

Não é difícil de reconhecer, na organização dessa fábula, o cruzamento de duas vertentes da dramaturgia do século 20. Enquanto figura neutra, sujeita a ameaças imponderáveis e simbólicas como o fogo, Biedermann é parente do homem comum da civilização ocidental imaginado por Eugène Ionesco. A indeterminação histórica e social dos personagens e das circunstâncias da ameaça (que atinge toda a cidade) dá margem a uma interpretação alegórica sobre a condição do homem moderno, incapaz de reagir e mudar o universo cuja forma reflete a passividade dos cidadãos. Ao mesmo tempo, os personagens no entorno do protagonista, como o coro de bombeiros, intervêm na função de narradores, advertindo sobre o fato de que nem tudo é destino ou condição humana: "Não atribuam aos erros humanos o nome de Fatalidade", recita o coro de bombeiros. Os mesmos bombeiros que, diga-se de passagem, declaram sua impotência para proteger a cidade.

A peça entrelaça dessa forma duas perspectivas da dramaturgia do pós-guerra europeu: a que acredita que as circunstâncias políticas e sociais forjam a subjetividade (neste caso, a passividade de Biedermann é resultado) e a que acredita que a organização social e política é obra de patetas desse calibre. Diante dessa ambiguidade, própria da peça, mas que poderia conduzir a um outro tipo de espetáculo, a encenação dirigida por Georgette Fadel tem clara preferência pela linha didática inspirada na teoria brechtiana, que abre, através do grotesco e da ironia, a possibilidade de reconhecimento de uma alternativa para a insensata obstinação dos que não querem tomar conhecimento da realidade.



Biedermann se recusa a ver o perigo que está literalmente sob o seu nariz: a gasolina tem cheiro. Isso, contudo, pode e deve ser mudado. Para o público, deve ficar evidente não só o perigo como o que há de ridículo nessa atitude.

O espetáculo trata, assim, todas as figuras como formas paródicas cuja graça é acentuada nas entonações, nos figurinos, por meio de características de movimentos dos personagens. Aos hóspedes-incendiários reserva-se a tonalidade mais sutil da ironia, insinuando que, pelo menos nestes, há uma consciência clara do motivo que os impele à tarefa da destruição.

O mérito desse espetáculo está em não dissociar graça e inteligência e em não confundir a comicidade de fundo crítico com a farsa. Há uma medida justa nas distorções, todos os intérpretes se submetem a essa unidade de estilo e, sobretudo, entendemos muito bem as situações e o sentido das falas. Não há sequer um procedimento cênico que não esteja enraizado nos argumentos da peça.

São notáveis a vivacidade das interpretações, os detalhes de composição de personagens e o entusiasmo da comunicação, mas há também disciplina na direção de Georgette Fadel, garantindo a harmonia da atuação conjunta. Esta é a quarta encenação da Companhia São Jorge de Variedades, mas a integração em cena e a habilidade técnica dos atores para atuar, mover-se e cantar equivale a de veteranos no palco.

---

*O ESTADO DE SÃO PAULO, CADERNO 2.* Sexta-feira, 12 de outubro de 2001. Maria Angela Alves de Lima.

## BIEDERMANN E OS INCENDIÁRIOS

### UM ANTIFAUSTO NO TEATRO DE ARENA

Uma vida confortável, fruto do empreendimento industrial de sucesso, com direito à casa luxuosa, ao bom vinho e ao bom tabaco. Além disso, a garantia de privacidade nos momentos de ócio e a possibilidade de se afastar de uma atmosfera social contaminada pela insegurança. Pode-se resumir assim toda a ambição de Biedermann, a personagem que intitula o drama de Max Frisch, encenado pela primeira vez em 1958, em Zurique.

A Cia. São Jorge de Variedades logrou uma notável adaptação do texto original, tratando de circunstanciá-lo no presente histórico da cidade de São Paulo, o que se percebe sobretudo nas manifestações do coro, o elemento épico introduzido por Frisch para se obter o efeito de distanciamento preconizado por Brecht.

O drama de Biedermann começa ao se deparar com um desconhecido, Schmitz, que lhe pede "algo de humano", afirmando que ele é dos poucos que ainda conservam tal atributo. Lisonjeado, o protagonista mal percebe a ironia de seu interlocutor. As cenas seguintes se encarregam de demonstrar que tão humano quanto a virtude é o vício. No caso de Biedermann, a falta reside numa mescla de alienação e má-consciência. Vivendo numa cidade sitiada pelo medo, refém de um mal que se propaga, sem que se lhe conheça a origem, ele invoca o direito a "não pensar" e a manter a sua rotina intocada. Também não abre mão da prerrogativa de demitir um antigo e fiel empregado, sem lhe conceder qualquer compensação.

Ao elogiar a "humanidade" de Biedermann, Schmitz abre uma fenda no muro que o próspero empresário ergiu para se isolar. Pois a máscara da generosidade insiste em cair, expondo a face de um homem inescrupuloso nos negócios e tibio diante de suas responsabilidades sociais. Contando, a seguir, com dois inquilinos potencialmente perigosos dentro de casa, Biedermann vê-se incapaz de expulsá-los, pois são pobres e ostentam sua miséria como precioso trunfo diante da culpa do anfitrião abastado.

Criado o impasse, Biedermann tenta ignorar o mal, invocando a necessidade de se restituir a boa fé e a confiança no próximo, e quando as evidências em contrário se acumulam, tenta obter alguma vantagem por meio de um acordo: já que a desgraça é inevitável, sejamos generosos com o inimigo, de modo a sermos poupados de seus desígnios. A cidade que padece sozinha, desde que se salve a nossa casa.



Max Frisch

atores, ao interpretar a empregada dos Biedermann, a atriz (Mariana Senne) busca tão somente a dicção e o gesto apropriados, evitando a versão caricatural, mesmo nos momentos em que predomina o tom farsesco. Essa interpretação "econômica" vem acompanhada de um pudor salutar diante da tentação de se fazer alusão aos atos recentes de terrorismo ou às suas consequências mais imediatas, o que só mimetizaria o comportamento representado por Biedermann, o do indivíduo acomodado, que se compraz com o clichê e com a piada de ocasião.

A trajetória do anti-herói de Frisch revela diversos paralelos com o Fausto de Goethe. Não se trata, contudo de mera semelhança, pois em geral os sinais estão invertidos: Biedermann renega a sabedoria e a inquietação da juventude, preferindo a alienação e o sossego. Fausto, inebriado pela visão de um mundo que lhe promete paixão e aventura, assina decidido o acordo com Mefistófeles,

enquanto a hesitação de Biedermann o impede de de um ato resoluto, e a assinatura do pacto se faz tardiamente e de maneira simbólica, na entrega dos fósforos a Eisengring - "em sinal de confiança". Ao invés de um prólogo no céu, Frisch acrescenta um epílogo no inferno. Porém, a diferença mais importante entre ambos se estabelece no saldo da vida que passou: Fausto se dá conta do enorme erro que cometeu, reconhece sua culpa na desgraça de Margarida, e se rebelou contra a força demoníaca que o submete.

Na entrada do inferno, Biedermann ainda insiste em sua inocência, com a única ressalva de que poderia ter infringido o sétimo mandamento, traindo a mulher - "não mais do que os outros", porém. Sabe-se da insatisfação de Max Frisch diante da recepção do público a seus dramas. Era-lhe intolerável que alguém pudesse rir de um tipo como Biedermann, sem que se percebesse rindo de si mesmo. O humor da peça deveria provocar mais o riso amarelo do constrangimento do que o a gargalhada satisfeita. Daí a introdução de um coro, elemento antidramático que interrompe a ação para interpelar diretamente o protagonista, quebrando o feitiço da ilusão em que mergulhamos, de modo a demandar a nossa reflexão e impedir a atitude descompromissada. Contudo, mesmo o recurso ao distanciamento crítico não diminui o ceticismo do dramaturgo suíço. O subtítulo do texto original, "Uma peça didática sem lição" (Ein Lehrstück ohne Lehre), dá a medida da desconfiança de Frisch quanto às possibilidades de real apreensão do sentido moral e político do drama por parte do público. A ação é de fato didática, mas a lição se faz ausente pela falta de quem se habilite a encará-la.

Para Frisch, a raiz dessa alienação encontra-se num projeto de falsa emancipação, que tenta separar em campos distintos cultura e sociedade, o que envolve entre outras coisas o desprezo pela militância política, em favor de uma pretensa ocupação com coisas mais elevadas. Em anotações tomadas na época do primeiro esboço de Biedermann, o autor salienta a necessidade de uma compreensão mais abrangente do fenômeno cultural: "Uma coisa é certa: a cultura não se limita ao campo da arte, e um povo não pode dizer de si mesmo que tem cultura pelo simples fato de que tenha produzido sinfonias". Do mesmo modo, indica as consequências danosas da despolitização: "... na política enxerga-se apenas o baixo, o ordinário, o cotidiano, com os quais o homem de espírito, de cultura, não deveria sujar as mãos", observando que aquele que não se engaja politicamente, assume justamente a condição que procura evitar, a de servir aos propósitos do partido dominante.

Assim, a tarefa que a encenação de Biedermann impõe é maior que a representação tecnicamente adequada do drama. Ela exige dos atores e da plateia um compromisso com aquilo que a ação reclama: o abandono de uma situação passiva diante da tragédia social que se atualiza em nossa cidade, em nosso mundo, em nossa própria casa.

... Tércio Redondo, doutorando em Literatura Alemã na USP.

\* Publicado originalmente em [www.weblivros.com.br](http://www.weblivros.com.br)

## "BIEDERMANN E OS INCENDIÁRIOS" UM ANTIFAUSTO NO TEATRO DE ARENA

Uma vida confortável, fruto do empreendimento industrial de sucesso, com direito à casa luxuosa, ao bom vinho e ao bom tabaco. Além disso, a garantia de privacidade nos momentos de ócio e a possibilidade de se afastar de uma atmosfera social contaminada pela insegurança. Pode-se resumir assim toda a ambição de Biedermann, a personagem que intitula o drama de Max Frisch, encenado pela primeira vez em 1958, em Zurique. A **Cia São Jorge de Variedades** logrou uma notável adaptação do texto original, tratando de circunstanciá-lo no presente histórico da cidade de São Paulo, o que se percebe sobretudo nas manifestações do coro, o elemento épico introduzido por Frisch para se obter o efeito de distanciamento preconizado por Brecht.

O drama de Biedermann começa ao se deparar com um desconhecido, Schmitz, que lhe pede "algo de humano", afirmando que ele é dos poucos que ainda conservam tal atributo. Lisonjeado, o protagonista mal percebe a ironia de seu interlocutor. As cenas seguintes se encarregam de demonstrar que tão humano quanto a virtude é o vício. No caso de Biedermann, a falta reside numa mescla de alienação e má-consciência. Vivendo numa cidade sitiada pelo medo, refém de um mal que se propaga, sem que se lhe conheça a origem, ele invoca o direito a "não pensar" e a manter a sua rotina intocada. Também não abre mão da prerrogativa de demitir um antigo e fiel empregado, sem lhe conceder qualquer compensação.

A **Cia São Jorge** sustenta uma interpretação vigorosa da tragicomédia de Frisch, auxiliada por excelente tradução do texto original. Pena que a adaptação tão inspirada de alguns nomes não tenha sido levada a cabo para todas as personagens, causando certa estranheza que haja em cena um Schmitz ou um Eisenring, quando Gottlieb, o prenome de Biedermann, é trocado por Cândido e seu ex-empregado é tratado por Carneiro. A interpretação dos atores da Cia São Jorge, contudo, ultrapassa as vicissitudes do texto e atualiza o drama, sem fazer concessões gratuitas à parafernália de efeitos cenográficos que vem assaltando os nossos palcos. À semelhança dos demais atores, ao interpretar a empregada dos Biedermann, a atriz (Mariana Senne) busca tão somente a dicção e o gesto apropriados, evitando a versão caricatural, mesmo nos momentos em que predomina o tom farsesco. Essa interpretação "econômica" vem acompanhada de um pudor salutar diante da tentação de se fazer alusão aos atos recentes de terrorismo ou às suas consequências mais imediatas, o que só mimetizaria o comportamento representado por Biedermann, o do indivíduo acomodado, que se compraz com o clichê e com a piada de ocasião.

A trajetória do anti-herói de Frisch revela diversos paralelos com o Fausto de Goethe. Não se trata, contudo, de mera semelhança, pois em geral os sinais estão invertidos: Biedermann renega a sabedoria e a inquietação da juventude, preferindo a alienação e o sossego. Fausto, inebriado pela visão de um mundo que lhe promete paixão e aventura, assina decidido o acordo com Mefistófeles, enquanto a hesitação de Biedermann o impede de um ato resoluto, e a assinatura do pacto se faz tardiamente e de maneira simbólica, na entrega dos fósforos a Eisenring – "em sinal de confiança". Ao invés de um prólogo no céu, Frisch acrescenta um epílogo no inferno. Porém, a diferença mais importante entre ambos se estabelece no saldo da vida que passou: Fausto se dá conta do enorme erro que cometeu, reconhece sua culpa na desgraça de Margarida, e se rebela contra a força demoníaca que o submete.

Na entrada do inferno, Biedermann ainda insiste em sua inocência, com a única ressalva de que poderia ter infringido o sétimo mandamento, traindo a mulher – "não mais do que os outros", porém. Sabe-se da insatisfação de Max Frisch diante da recepção do público a seus dramas. Era-lhe intolerável que alguém pudesse rir de um tipo como Biedermann, sem que se percebesse rindo de si mesmo.

O humor da peça deveria provocar mais o riso amarelo do constrangimento do que a gargalhada satisfeita. Daí a introdução de um coro, elemento antidramático que interrompe a ação para interpelar diretamente o protagonista, quebrando o feitiço da ilusão em que imergimos, de modo a demandar a nossa reflexão e impedir a atitude descompromissada. Contudo, mesmo o recurso ao distanciamento crítico não diminui o ceticismo do dramaturgo suíço.

O subtítulo do texto original, "Uma peça didática sem lição" (Ein Lehrstück ohne Lehre), dá a medida da desconfiança de Frisch quanto às possibilidades de real apreensão do sentido moral e político do drama por parte do público. A ação é de fato didática, mas a lição se faz ausente pela falta de quem se habilite a encará-la.

Para Frisch, a raiz dessa alienação encontra-se num projeto de falsa emancipação, que tenta separar em campos distintos cultura e sociedade, o que envolve entre outras coisas o desprezo pela militância política, em favor de uma pretensa ocupação com coisas mais elevadas. Em anotações tomadas na época do primeiro esboço de Biedermann, o autor salienta a necessidade de uma compreensão mais abrangente do fenômeno cultural: "Uma coisa é certa: a cultura não se limita ao campo da arte, e um povo não pode dizer de si mesmo que tem cultura pelo simples fato de que tenha produzido sinfonias". Do mesmo modo, indica as consequências danosas da despolitização: "na política enxerga-se apenas o baixo, o ordinário, o cotidiano, com os quais o homem de espírito, de cultura, não deveria sujar as mãos", observando que aquele que não se engaja politicamente, assume justamente a condição que procura evitar, a de servir aos propósitos do partido dominante.

Assim, a tarefa que a encenação de Biedermann impõe é maior que a representação tecnicamente adequada do drama. Ela exige dos atores e da plateia um compromisso com aquilo que a ação reclama: o abandono de uma situação passiva diante da tragédia social que se atualiza em nossa cidade, em nosso mundo, em nossa própria casa.

---

**Tércio Redondo, doutorando em Literatura Alemã na USP.**

(Publicado originalmente em: [www.weblivros.com.br](http://www.weblivros.com.br).)





**Grupo paulista faz releitura vigorosa do suíço Max Frisch e coloca em cena a necessidade de reinventar formas novas de dizer a verdade**

José Fernando Peixoto de Azevedo

Com seu teatro político, poeticamente empenhado em compreender a realidade, expondo didaticamente suas mais fundas contradições, o dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1898-1956) deixou questões que ainda hoje ocupam a dramaturgia e o palco. A possibilidade de aprender com a própria experiência e de elaborar artisticamente a verdade são algumas das preocupações desse teatro historicamente impregnado, que vê o homem no conjunto das relações e processos em que existe. Um dos herdeiros dessa poética engajada, o escritor suíço Max Frisch (1911-1991), é conhecido no Brasil por seus romances, mas também por peças como *Andorra* (encenada pelo Teatro Oficina, em 1964) e *Biedermann e os Incendiários*, texto de 1957/58, que podemos agora assistir nos palcos paulistanos, numa oportuna e vigorosa montagem da Cia. São Jorge de Variedades, sob a direção de Georgette Fadel.

Sé é possível rotular a dramaturgia de Frisch, particularmente *Biedermann e os Incendiários*, o rótulo será dado pelo próprio autor: trata-se de uma "peça didática sem lição". Para o dramaturgo suíço a política já não apare-

ce como campo aberto para a produção de alternativas. Seu texto não comporta nenhuma expectativa, nenhuma aposta se enuncia. Seu teatro nos "ensina" sobre a impossibilidade de aprender. Não apenas explícita o mecanismo dessa alienação; mais pessimista, a vê quase como uma condição das relações entre os homens, beirando mesmo à universalização de tal condição. Nisso, como em outros aspectos, o discípulo suíço toma distância do mestre alemão. Para Frisch também é preciso desmascarar todos os disfarces, mas isso numa época em que dizer a verdade é o maior de todos os disfarces.

Cândido Biedermann, como diz o nome em alemão, é um homem de bem. Seu comportamento é marcado por uma neutralidade "suíça", ou melhor, pela neutralidade que define o típico burguês boa alma, dividido entre a dureza dos negócios e a "caridade privada". Esse homem vai cada vez melhor nos negócios, graças à invenção de uma loção capilar, tão eficaz quanto xixi, fazendo as cabeças dos homens. O funcionário inventor da loção quer sua parte nos lucros, mas, despedido pelo bom patrão, suicida-se. A viúva, mãe de três filhos, passará a peça

tentando sensibilizar a alma desmaada humana de nosso Cândido.

A época, sem maior precisão, é uma época de incêndios. A cidade, aterrada, fora tomada por incendiários. Em meio a essa confusão, chega à casa dos Biedermann um lutador profissional desempregado, que já trabalhou no circo e no teatro (também incendiários), com sua bicicleta enferrujada, em busca de abrigo. Diante da força persuasiva do lutador, nosso homem não consegue dizer não, embora soubesse, pelos jornais, que os incendiários têm o mesmo procedimento, fazendo-se hóspedes nas casas sem muros dos cidadãos. Mas quem, numa situação assim não faria o mesmo? Como julgar esse hóspede um incendiário se ele sequer traz consigo um fósforo? Esse hóspede que em breve receberá mais dois companheiros, dos quais o "proprietário" da casa não saberá livrar-se.

**Confiar no próximo?** O que seria da humanidade se não pudessem mais confiar no próximo? E no Corpo de Bombeiros, é claro. Esses, sempre prontos a ajudar o cidadão, formam o Coro da peça. Atentos aos procedimentos, vigilantes, são a paródia do coro gre-

go e dos blocos de agitação coletiva e suas formas esvaziadas de sentido, sem deixar escapar a entonação institucionalizada dos órgãos em defesa do "homem" e do cidadão. Como não levar as suspeitas às últimas consequências diante dos galões no sótão da própria casa? Sua coreografia parodia os devaneios da boa consciência de Biedermann, e não se conforma ao seu movimento. Nessa situação, o coro põe em cheque a própria função: condenado (por convenção?) ao apelo, ao comentário, sem poder agir, "não responde por si".

O crítico Anatol Rosenfeld, em seu texto exemplar sobre o *Teatro Moderno*, alertava para essa condição do Coro em Biedermann, associada à estrutura circular da peça, que, após uma sequência de explosões (de medos, ressentimentos, e gasolina), termina no inferno, administrado pelos antigos incendiários (o Diabo e seus auxiliares; atente-se para a figura de um intelectual, ex-incendiário, seu porteiro). O inferno - tomado por pequenos pecadores, classe média, intelectuais, público de teatro - entra em greve, chama os bombeiros para apagar seu fogo, em repêlita aos céus, depois de uma anistia concedida por Deus a políticos e grandes capitalistas. O Diabo transpõe o mau infinito para o mundo dos homens, condenando-os a uma espécie de eterno retorno.

Ora, tanta ênfase na denúncia, tanta gesticulação negando o destino e a fatalidade, não correriam o risco de engradar-se na própria matéria denunciada? Isso tudo somado à pouca precisão histórica da peça. Estamos condenados a nos identificarmos com a má fé de Biedermann, e reconhecer o inevitável das situações? Presso à individualidade cega de Biedermann, o coro não será mais que a duplicação macaquada de suas falsas razões? Desde o texto de Anatol sobre os "Perigos de se imitar Brecht" muita coisa mudou. Essa transição da paródia do lirismo para o gesto narrativo, problemática no texto de Frisch, teve solução exemplar na encenação. A direção de Georgette Fadel optou, de maneira segura, pela distância narrativa e não investiu na circularidade do original. Ao pôr-se no lugar de Bie-

dermann, o Coro compreende o quão insustentável é a sua posição, e com ele a platéia. Assim, seu gesto não se reduz a uma ilustração cênica da consciência do homem de bem. Sua força está no efeito demonstrativo de sua fala, pois precisa lidar com a ineficiência da verdade. Brechtianamente, com o Coro, o espetáculo lê a platéia? reconhece a necessidade de se reinventar as formas de dizer a verdade. A época da encenação não é outra senão a nossa. Essas as vantagens de repensar com Brecht.

**Comunidade solidária e voluntarismo**  
No inferno, Biedermann exige "reparações", tinha segredo. Esse um tipo exemplar de cidadão, conhecido nesses tempos de comunidades solidárias



Max Frisch: mais pessimista que o mestre Brecht

e voluntarismo. Um tipo que se encontra em qualquer farol, fechado, em seu canto, sempre educado, "não sabe dizer não, nunca diz ao pedinte que não quer dar esmolas, prefere dizer que está sem dinheiro". Caridade só na forma de uma espetacularização da vida privada. Privacidade em risco, torna-se um perigo para o resto da sociedade. Como não dançar com Ana, a sua empregada (na bela interpretação de Mariana Senne), em meio às chamas que o levam para o inferno? Como não estar atento a cada gesto de José, o incendiário, entre a ameaça e a avacalhada, reforçada pela

interpretação extraordinária de Luis Marmor. São gestos, entonações, figuras de um Brasil prestes a explodir. A encenação insiste no fato de que tipos como Biedermann nunca vão sorrir para o inferno.

*Biedermann* é um trabalho de definição. Nesse seu quarto espetáculo, a Cia. São Jorge desenha, mais segura, sua fisionomia. A interpretação dos atores, sempre expansiva, com vigoroso resultado de conjunto, abrindo-se para o canto e para dança coletivos, não recua diante do diálogo, do tempo da contensão, elaborando uma economia de gestos que aparecem como resumos de atitudes, resultado de uma busca própria na direção de uma busca própria na direção de uma cena narrativa. A saturação dos gestos e das cores (o vermelho dos figurinos do Corpo de Bombeiros), da música, reforçando o ar juvenil da encenação, acenam também para o imaginário que a informa: uma geração que cresceu na década de oitenta; experimentou apenas fins (de ideários, de perspectivas); e que aprendeu, como lembra Georgette, com aqueles super-heróis de tv que fizeram as manhas da infância (referência divertida da montagem), que toda salvação é falsa, porque eles, como os bombeiros, sempre chegam depois que a desgraça aconteceu. Essa a tragédia dos nossos tempos. Só não se entende bem o entusiasmo com que, ao final, após o epílogo no inferno, o elenco canta algo como "só Dioniso salva...". Ora, nem Dioniso, nem incendiários! Quem são eles, afinal? A força do espetáculo está em dar forma a essa sensação de "não saber". O que deixa de ser impotência, e passa a ser uma abertura, pois "aquele que teme mais as transformações" do que a própria desgraça. O que poderá fazer? Contra a própria desgraça? mesmo a estupidez humana é histórica, e se transforma ■

**BIEDERMANN E OS INCENDIÁRIOS**  
Cia. São Jorge de Variedades  
Teatro Arena (Rua Teófilo Bruno, 94  
São Paulo, SP 056 9463)  
Aberto às 21h30 e 20h30  
ingresso R\$10 e R\$5

José Fernando Peixoto de Azevedo é dramaturgo e diretor da Cia. Teatro de Naradon, bolista de mestrado FAPESP/USP

REPORTAGEM 12 DE NOVEMBRO DE 2011

REPORTAGEM 12 DE NOVEMBRO DE 2011

# INCÊNDIOS inevitáveis

## GRUPO PAULISTA FAZ RELEITURA VIGOROSA DO SUÍÇO MAX FRISCH E COLOCA EM CENA A NECESSIDADE DE REINVENTAR FORMAS NOVAS DE DIZER A VERDADE

Com seu teatro político, poeticamente empenhado em compreender a realidade, expondo didaticamente suas mais fundas contradições, o dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1898-1956) deixou questões que ainda hoje ocupam a dramaturgia e o palco. A possibilidade de aprender com a própria experiência e de elaborar artisticamente a verdade são algumas das preocupações desse teatro historicamente impregnado, que vê o homem no conjunto das relações e processos em que existe. Um dos herdeiros dessa poética engajada, o escritor suíço Max Frisch (1911-1991), é conhecido no Brasil por seus romances, mas também por peças como *Andorra* (encenada pelo Teatro Oficina, em 1964) e *Biedermann e os Incendiários*, texto de 1957/58, que podemos agora assistir nos palcos paulistanos, numa oportuna e vigorosa montagem da **Cia São Jorge de Variedades**, sob a direção de Georgette Fadel.



Se é possível rotular a dramaturgia de Frisch, particularmente Biedermann e os Incendiários, o rótulo será dado pelo próprio autor: trata-se de uma "peça didática sem lição". Para o dramaturgo suíço, a política já não aparece como campo aberto para a produção de alternativas. Seu texto não comporta nenhuma expectativa, nenhuma aposta se enuncia. Seu teatro nos "ensina" sobre a impossibilidade de aprender. Não apenas explicita os mecanismos dessa alienação; mais pessimista, a vê quase como uma condição das relações entre os homens, beirando mesmo a universalização de tal condição. Nisso, como em outros aspectos, o discípulo suíço toma distância do mestre alemão. Para Frisch, também é preciso desmascarar todos os disfarces, mas isso numa época em que dizer a verdade é o maior de todos os disfarces. Cândido Biedermann, como diz o nome em alemão, é um homem de bem. Seu comportamento é marcado por uma neutralidade "suíça", ou melhor, aquela neutralidade que define o típico burguês boa alma, dividido entre a dureza dos negócios e a "caridade privada". Esse homem vai cada vez melhor nos negócios, graças à invenção de uma loção capilar, tão eficaz quanto xixi, fazendo as cabeças dos homens. O funcionário inventor da loção quer sua parte nos lucros, mas, despedido pelo bom patrão, suicida-se. A viúva, mãe de três filhos, passará a peça tentando sensibilizar a alma demasiada humana de nosso Cândido.

A época, sem maior precisão, é uma época de incêndios. A cidade, aterrorizada, fora tomada por incendiários. Em meio a essa confusão, chega à casa dos Biedermann um lutador profissional desempregado, que já trabalhou no circo e no teatro (ambos incendiados), com sua bicicleta enferrujada, em busca de abrigo. Diante da força persuasiva do lutador, nosso homem não consegue dizer não, embora soubesse, pelos jornais, que os incendiários têm o mesmo procedimento, fazendo-se hóspedes nas casas sem muros dos cidadãos. Mas quem, numa situação assim, não faria o mesmo? Como julgar esse hóspede um incendiário se ele sequer traz consigo um fósforo? Esse hóspede que em breve receberá mais dois companheiros, dos quais o "proprietário" da casa não saberá livrar-se. Confiar no próximo? O que seria da humanidade se não pudéssemos mais confiar no próximo? E no Corpo de Bombeiros, é claro. Esses, sempre prontos a ajudar o cidadão, formam o Coro da peça. Atentos aos procedimentos, vigilantes, são a paródia do coro grego e dos blocos de agitação coletiva e suas formas esvaziadas de sentido, sem deixar escapar a entonação institucionalizada dos órgãos em defesa do "homem" e do cidadão. Como não sentir o cheiro da gasolina? Como não levar as suspeitas às últimas consequências diante dos galões no sótão da própria casa? Sua coreografia parodia os desvios da boa consciência de Biedermann, e não se conforma ao seu movimento. Nessa situação, o coro põe em xeque a própria função: condenado (por convenção?) ao apelo, ao comentário, sem poder agir, "não responde por si".

O crítico Anatol Rosenfeld, em seu texto exemplar sobre o Teatro Moderno, alertava para essa condição do Coro em Biedermann, associada à estrutura circular da peça, que, após uma sequência de explosões (de medos, ressentimentos e gasolina), termina no inferno, administrado pelos antigos incendiários (o Diabo e seus auxiliares; atente-se para a figura de um intelectual, ex-incendiário, seu porteiro). O inferno – tomado por pequenos pecadores, classe média, intelectuais, público de teatro – entra em greve, chama os bombeiros para apagar seu fogo, em represália aos céus, depois de uma anistia concedida por Deus a políticos e grandes capitalistas. O Diabo transpõe o mau infinito para o mundo dos homens, condenando-os a uma espécie de eterno retorno.

Ora, tanta ênfase na denúncia, tanta gesticulação negando o destino e a fatalidade, não correriam o risco de enredar-se na própria matéria denunciada? Isso tudo somado à pouca precisão histórica da peça. Estamos condenados a nos identificarmos com a má-fé de Biedermann, e reconhecer o inevitável das situações? Preso à individualidade cega de Biedermann, o coro não será mais que a duplicação macaqueada de suas falsas razões? Desde o texto de Anatol sobre os "Perigos de se imitar Brecht" muita coisa mudou. Essa transição da paródia do lirismo para o gesto narrativo, problemática no texto de Frisch, teve solução exemplar na encenação.

A direção de Georgette Fadel optou, de maneira segura, pela distância narrativa, e não investiu na circularidade do original. Ao pôr-se no lugar de Biedermann, o Coro compreende o quão insustentável é a sua posição, e com ele a plateia. Assim, seu gesto não se reduz a uma ilustração cênica da consciência do homem de bem. Sua força está no efeito demonstrativo de sua fala, pois precisa lidar com a ineficiência da verdade. Brechtianamente, como Coro, o espetáculo (e a plateia?) reconhece a necessidade de se reinventar as formas de dizer a verdade. A época da encenação não é outra senão a nossa. Essas são as vantagens de repensar com Brecht.

---

## **COMUNIDADE SOLIDÁRIA e VOLUNTARISMO**

---

No inferno, Biedermann exige "reparações", tinha seguro. Esse é um tipo exemplar de cidadão, conhecido nosso desses tempos de comunidades solidárias e voluntarismo. Um tipo que se encontra em qualquer farol, fechado, em seu carro; sempre educado, "não sabe dizer não, nunca diz ao pedinte que não quer dar esmolas, prefere dizer que está sem dinheiro". Caridade só na forma de uma espetacularização da vida privada. Privacidade em risco, torna-se um perigo para o resto da sociedade. Como não dançar com Ana, a sua empregada (na bela interpretação de Mariana Senne), em meio às chamadas que o levam para o inferno?

Como não estar atento a cada gesto de José, o incendiário, entre a ameaça e a avacalhação, reforçadas pela interpretação extraordinária de Luís Mármora. São gestos, entonações, figuras de um Brasil prestes a explodir. A encenação insiste no fato de que tipos como Biedermann nunca vão sozinhos para o inferno.

Biedermann é um trabalho de definição. Nesse seu quarto espetáculo, a Cia São Jorge desenha, mais segura, sua fisionomia. A interpretação dos atores, sempre expansiva, com vigoroso resultado de conjunto, abrindo-se para o canto e para dança coletivos, não recua diante do diálogo, do tempo da contenção, elaborando uma economia de gestos que aparecem como resumos de atitudes, resultado de uma busca própria na direção de uma cena narrativa. A saturação dos gestos e das cores (o vermelho dos figurinos do Corpo de Bombeiros), da música, reforçando o ar juvenil da encenação, acena também para o imaginário que a informa: uma geração que cresceu na década de oitenta; experimentou apenas fins (de ideários, de perspectivas); e que aprendeu, como lembra Georgette, com aqueles super-heróis de tv que fizeram as manhãs da infância (referência divertida da montagem), que toda salvação é falsa, porque eles, como os bombeiros, sempre chegam depois que a desgraça aconteceu.

Essa é a tragédia dos nossos tempos. Só não se entende bem o entusiasmo com que, ao final, após o epílogo no inferno, o elenco canta algo como "só Dionísio salva..." Ora, nem Dionísio, nem incendiários! Quem são eles, afinal? A força do espetáculo está em dar forma a essa sensação de "não saber". O que deixa de ser impotência, e passa a ser uma abertura, pois "aquele que teme mais as transformações do que a própria desgraça, o que poderá fazer contra a própria desgraça?": mesmo a estupidez humana é histórica, e se transforma.

---

*REVISTA REPORTAGEM N.26, NOVEMBRO 2001. José Fernando Peixoto de Azevedo.*

"BIEDERMANN E OS INCENDIÁRIOS"

## Peça detona solidariedade burguesa

KIL ABREU

CRÍTICO DA FOLHA

A Cia. São Jorge de Variedades retoma em "Biedermann e os Incendiários" o tema da alienação, em um projeto de inequívoca vocação política.

O texto de Max Frisch é fruto da sua inquietação diante da sociedade suíça do pós-guerra. Filho de uma nação próspera, nem por isso ignorou as contradições da aparente cordialidade burguesa de seus contemporâneos. No entanto, inventa uma dialética pouco interessada na didática e marcada pelo tom paródico, em flertes com o nonsense e o absurdo.

Cândido Biedermann, fabricante de uma falsa loção capilar, é um burguês regular, com posições conservadoras e nenhuma ambição de mudança. Se de um lado é

movido pela crueldade justificada na defesa do patrimônio, de outro é tomado pelo sentimento de caridade (que, como o resto, tem explicações insuficientes na peça), ao abrigar no seu sótão dois maltrapilhos que manipulam galões de gasolina, em uma cidade tomada por incêndios criminosos.

Em "Biedermann", a Cia. São Jorge acha a medida justa da sua fala, ao dizer o texto usando elementos da cultura hip hop e buscando uma posição crítica menos ambígua do que a do autor.

A montagem de Georgette Fadel afirma o discurso da diferença de classes e povoa o imaginário com cenas de um universo ao mesmo tempo estranho e familiar, pronto a ir pelos ares no acender da primeira fagulha.

Boa parte dessa leitura vem da concepção para o trabalho dos

atores, que se lançam à paródia, em coreografias propositalmente anedóticas, que superdimensionam o que seria, no jargão brechtiano, o "gestus" social dos personagens. Ainda assim, é claro o cuidado em não sobrepor o efeito cômico ao juízo crítico.

Com acento nas frases que apontam para a necessidade de mudanças, o coro de bombeiros, às avessas do exemplo grego, descredita a fatalidade e apela para a leitura racional dos fatos, inclusive para além das linhas dos jornais, também em suspeita. A montagem faz do coro um uso mais que lateral. O artificialismo das entonações, os figurinos gritantes, as canções no melhor estilo dos programas de super-heróis servem para contrastar com a fé irredutível do burguês ilhado em sua solidariedade culpada.

Em qualquer dessas coordenadas (os incendiários, a família Biedermann, o coro de bombeiros), o trunfo do espetáculo é o entendimento que o elenco mostra sobre os significados da cena, quase uma condição diante do projeto da companhia. Os recursos formais não são dissociados da apropriação dos conteúdos, traduzidos aqui no claro desejo de intervenção e no vigor juvenil.

### Biedermann e os Incendiários

\*\*\*\*\*

Texto: Max Frisch

Direção: Georgette Fadel

Onde: teatro de arena Eugênio Kusnet Jr. Teodoro Baima, 94, São Paulo, tel. 0/xx/11/256-9463

Quando: sex. e sáb., às 21h30; dom., às 20h30

Quanto: R\$ 10

## "BIEDERMANN E OS INCENDIÁRIOS" Peça Detona SOLIDARIEDADE BURGUESA

A Cia São Jorge de Variedades retoma em "Biedermann e Os Incendiários" o tema da alienação, em um projeto de inequívoca vocação política.

O texto de Max Frisch é fruto da sua inquietação diante da sociedade suíça do pós-guerra. Filho de uma nação próspera, nem por isso ignorou as contradições da aparente cordialidade burguesa de seus contemporâneos. No entanto, inventa uma dialética pouco interessada na didática e marcada pelo tom paródico, em flertes com o nonsense e o absurdo. Cândido Biedermann, fabricante de uma falsa loção capilar, é um burguês regular, com posições conservadoras e nenhuma ambição de mudança. Se de um lado é movido pela crueldade justificada na defesa do patrimônio, de outro é tomado pelo sentimento de caridade (que, como o resto, tem explicações insuficientes na peça), ao abrigar no seu sótão dois maltrapilhos que manipulam galões de gasolina, em uma cidade tomada por incêndios criminosos.

Em "Biedermann", a Cia São Jorge acha a medida justa da sua fala, ao dizer o texto usando elementos da cultura hip hop e buscando uma posição crítica menos ambígua do que a do autor.

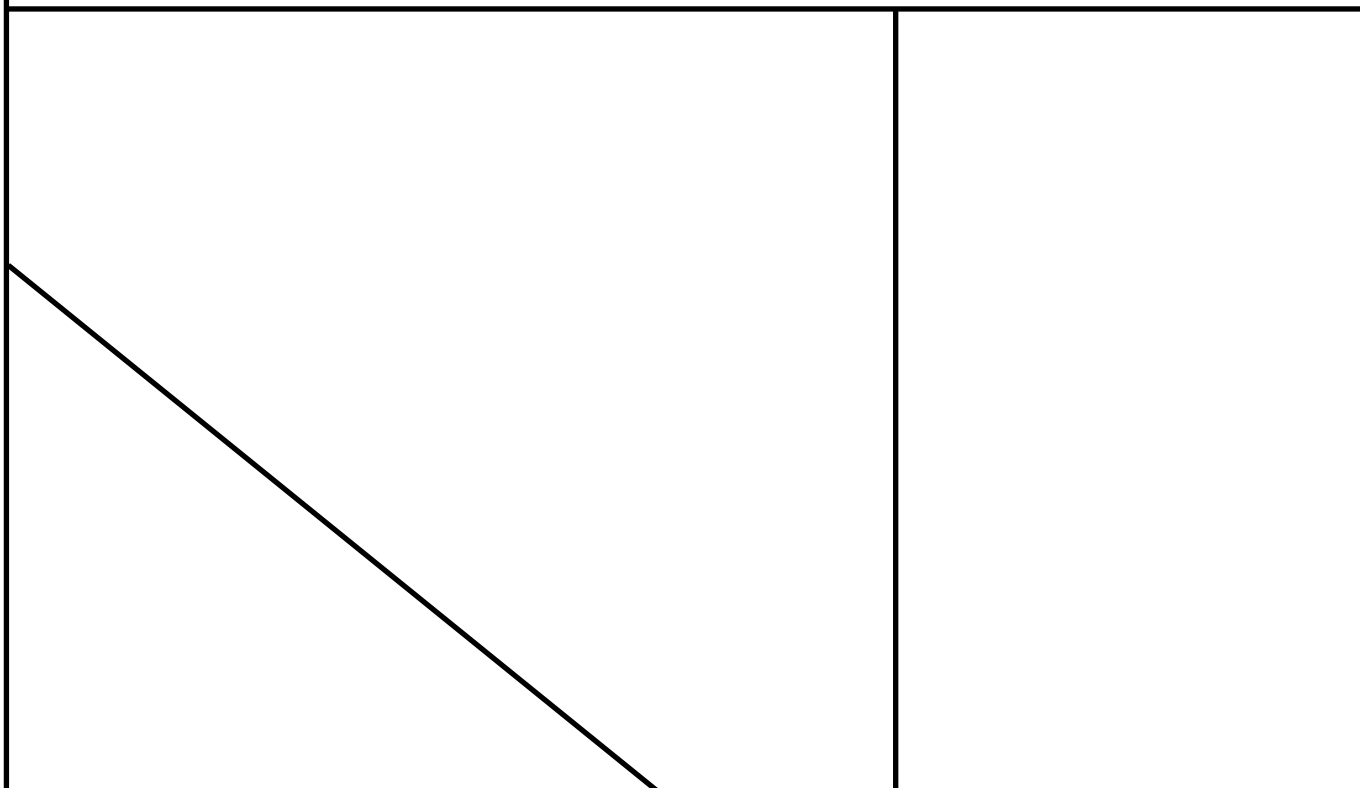
A montagem de Georgette Fadel afirma o discurso da diferença de classes e povoa o imaginário com cenas de um universo ao mesmo tempo estranho e familiar, pronto a ir pelos ares no acender da primeira fagulha. Boa parte dessa leitura vem da concepção para o trabalho dos atores, que se lançam à paródia, em coreografias propositalmente anedóticas, que superdimensionam o que seria, no jargão brechtiano, o "gestus" social dos personagens. Ainda assim, é claro o cuidado em não sobrepor o efeito cômico ao juízo crítico.

Com acento nas frases que apontam para a necessidade de mudanças, o coro de bombeiros, às avessas do exemplo grego, desacredita da fatalidade e apela para a leitura racional dos fatos, inclusive para além das linhas dos jornais, também em suspeita. A montagem faz do coro um uso mais que lateral. O artificialismo das entonações, os figurinos gritantes, as canções no melhor estilo dos programas de super-heróis servem para contrastar com a fé irredutível do burguês ilhado em sua solidariedade culpada.

Em qualquer dessas coordenadas (os incendiários, a família Biedermann, o coro de bombeiros), o trunfo do espetáculo é o entendimento que o elenco mostra sobre os significados da cena, quase uma condição diante do projeto da companhia. Os recursos formais não são dissociados da apropriação dos conteúdos, traduzidos aqui no claro desejo de intervenção e no vigor juvenil.

---

*FOLHA DE SÃO PAULO – ILUSTRADA.* Sábado, 16 de janeiro de 2002. Kil Abreu.





**TEATRO** Texto de Max Frisch, em montagem da Cia. São Jorge de Variedades, estreia hoje, às 21h30, no Eugênio Kusnet

## 'Biedermann...' apresenta visão humanista

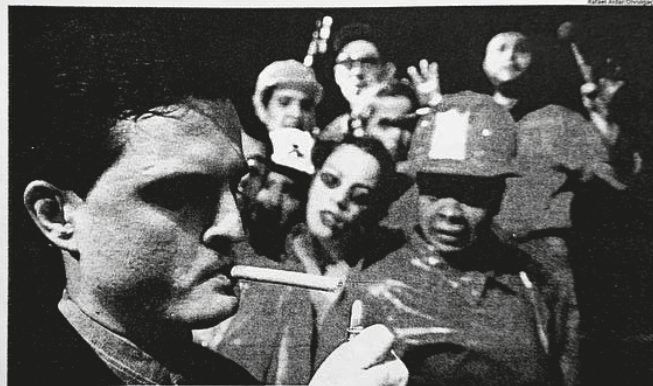
LUCIANA PAREJA NORBIATO  
DA REDAÇÃO

O projeto Harmonia na Diversidade, que vem trazendo ao teatro de arena Eugênio Kusnet manifestações culturais e debates sempre com o intuito de unir arte à reflexão, estreia hoje mais um espetáculo teatral: "Biedermann e os Incendiários", texto do alemão Max Frisch (1911-1991) com a Companhia São Jorge de Variedades e direção de Georgette Fadel.

O texto, de 1952, situa-se no pós-guerra, tema recorrente na obra de Frisch, um dos sucessores de Brecht na criação de textos com abordagem humanista, que trazem à tona as relações sociais. Por essa visão, a Cia. São Jorge o escolheu. "É uma característica nossa trabalhar a questão social", diz Marcelo Reis, 35, assistente de direção da montagem.

No enredo, Biedermann (que traduzido quer dizer "homem honesto") abriga dois elementos em sua casa. Embora seja alertado pelos bombeiros (que formam uma espécie de coro, em intervenções como no teatro grego) de que esses homens são incendiários, ele não toma nenhuma atitude, seja por medo ou uma certa culpa, até que acontece o inevitável: sua casa é incendiada e ele morre.

No epílogo — escrito por Frisch sete anos após a peça — os personagens estão no inferno. "Começamos a trabalhá-lo na íntegra, mas ia ficar muito extenso. Então,



Atores em cena de "Biedermann e os Incendiários", dirigido por Georgette Fadel, que estreia no teatro de arena Eugênio Kusnet

o transformamos em depoimentos dos personagens, apresentando os incendiários como Lúcifer e Beelzebu", explica Luis Mármore, 32 anos, ator da Cia.

A estética da montagem mescla estilos que vão do realismo ao "pop". "As seis cenas são bem realistas, e o coro de bombeiros

entra fazendo um contraponto, inspirado em seriados como "Chips" e "As Panteras", define Mármore. "Brincamos com a coisa dos musicais e dos super-heróis", diz o ator.

Para fazer caber todos os ambientes no espaço conciso do teatro de arena, Júlio Docjzar elabo-

rou uma cenografia em que poucos objetos se adaptam às cenas. Segundo a explicação de Reis, "o carro de bombeiro vira a casa do Biedermann, e em outra cena pode ser o sótão". A trilha sonora foi composta por Ivini Ferraz e traz ritmos que vão do funk ao gospel. Embora o texto seja alemão e o

grupo tenha buscado as mais diversas referências, a mistura se amarra para contextualizar o tema da peça à situação social no país. "É muito forte a questão da diferença de classes. E estamos fazendo uma coisa bem brasileira, trazendo para nossa realidade", define Mármore.

**BIEDERMANN E OS INCENDIÁRIOS** (Biedermann und die Brandstifter). De Max Frisch. Direção: Georgette Fadel. Com: Luis Mármore, Mariana Senne e outros. Onde: teatro de arena Eugênio Kusnet (r. Teodoro Baima, 94, centro, tel. 256-9463). Quando: sáb., às 21h30 e dom., às 20h30. R\$ 10

## 'Biedermann...' apresenta Visão Humanista

### TEXTO DE MAX FRISCH, em montagem da Cia. São Jorge de Variedades, estreia HOJE, ÀS 21H30, NO EUGÊNIO KUSNET

O projeto **Harmonia na Diversidade**, que vem trazendo ao teatro de arena Eugênio Kusnet manifestações culturais e debates sempre com o intuito de unir arte à reflexão, estreia hoje mais um espetáculo teatral: **"Biedermann e Os Incendiários"**, texto do alemão Max Frisch (1911-1991) com a Companhia São Jorge de Variedades e direção de Georgette Fadel.

O texto, de 1952, situa-se no pós-guerra, tema recorrente na obra de Frisch, um dos sucessores de Brecht na criação de textos com abordagem humanista, que trazem à tona as relações sociais. Por essa visão, a Cia São Jorge o escolheu. "É uma característica nossa trabalhar a questão social", diz Marcelo Reis, 35, assistente de direção da montagem.

No enredo, Biedermann (que, traduzido, quer dizer "homem honesto") abriga dois elementos em sua casa. Embora seja alertado pelos bombeiros (que formam uma espécie de coro, em intervenções como no teatro grego) de que esses homens são incendiários, ele não toma nenhuma atitude, seja por medo ou uma certa culpa, até que acontece o inevitável: sua casa é incendiada e ele morre.

No epílogo – escrito por Frisch sete anos após a peça –, os personagens estão no inferno. "Começamos a trabalhá-lo na íntegra, mas ia ficar muito extenso. Então, o transformamos em depoimentos dos personagens, apresentando os incendiários como Lúcifer e Belzebu", explica Luís Mármora, 32 anos, ator da Cia.

A estética da montagem mescla estilos que vão do realismo ao "pop". "As seis cenas são bem realistas, e o coro de bombeiros entra fazendo um contraponto, inspirado em seriados como "Chips" e "As Panteras", define Mármora. "Brincamos com a coisa dos musicais e dos super-heróis", diz o ator.

Para fazer caber todos os ambientes no espaço conciso do teatro de arena, Júlio Docjsar elaborou uma cenografia em que poucos objetos se adaptam às cenas. Segundo a explicação de Reis, "o carro de bombeiro vira a casa do Biedermann, e em outra cena pode ser o sótão. A trilha sonora foi composta por Ivini Ferraz e traz ritmos que vão do funk ao gospel.

Embora o texto seja alemão e o grupo tenha buscado as mais diversas referências, a mistura se amarra para contextualizar o tema da peça à situação social no país. "É muito forte a questão da diferença de classes. E estamos fazendo uma coisa bem brasileira, trazendo para nossa realidade", define Mármora.

---

*FOLHA ACONTECE. PAGINA ESPECIAL 1 SÃO PAULO. Sábado, 8 de setembro de 2001. Luciana Pareja Norbiato.*

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  |  |  |
|--|--|--|--|

# AS Bastianas



*“Se é grande encontro de bando sobre bando, é por igual bandidade que o intelecto dessa destreza brada com voz de fogo que é pra abrir caminho: – Dá cá a tua mão, irmão, vem descobrir como no campo se faz ninho.”*

[Trecho da dramaturgia “As Bastianas”, de Gero Camilo.]

O processo de criação da peça **“As Bastianas”** aconteceu numa relação diária com a população do Albergue Municipal Canindé - Núcleo de Cidadania e do Albergue Oficina Boracea. Durante todo o processo de ensaio, a participação da comunidade foi fundamental para a construção do espetáculo.

O resultado foi que na linguagem gerada por esse intenso processo de troca estão impregnadas as características da caminhada: uma peça que admite e vive das interferências do espaço das pessoas para as quais se apresenta. Não nega o espaço físico que a cerca, não nega a “existência do público”. Tem seu fundamento na realidade, tendo sido sua elaboração uma longa interlocução com ela.

O texto teatral tem forma fragmentada, assim como a obra literária: dez contos independentes compõem a primeira parte do livro *A Macaúba da Terra*, de Gero Camilo. O primeiro conto narra a origem miscigenada de um povo numa pequena aldeia no sertão nordestino. Como segue a tradição, cada rebento ganha nome santo inspirado na folhinha dos dias. Na peça, Bastiana, personagem de um conto que leva seu nome, queima a folhinha para acender a fogueira de pensamundos. Quando nasce mais uma, é preciso que alguém parta em busca de um nome para o batismo. A aldeia então envia Genésio, o caçula dos moços, e junto ao público espera seu retorno. Conduzido por Bastiana, o público é convidado a conhecer a aldeia e suas histórias. Um espetáculo itinerante, que acontece em espaços ao ar livre, composto por quadros independentes que tratam, sob muitos aspectos, da questão da identidade.

*Nascemo no Brasil. Dito assim é grande, mas não passa de uma lapa de légua arrudiando um açude de pedra e uns pouquim de grama, na sua infância carrapicho, na sua madureza currupio. Hoje é um tal de país em pé de guerra que até mete medo morrer assim, calçando o diabo. Embora sentido de amor deve de ser água sempre em corações áridos. Tive muito amigo na vida. Um punhado de amigos. Tudo que nem eu, perdida. Era nós e as ciência que nós inventava nos quintal. Planejava o mundo direitinho que era pra não ter queixa do vizinho. Fazia os amor afeiçoar nós tudo, e as paixão desarticular as junta. Era um mexido de gente em criação que as água das boca dos vizinho alagava os jardim. Nós era assim, intenção. Depois fomo crescendo na vida com os osso esticando por dentro que nem galho. Agora eu entendo que nós faz parte do movimento da árvore e do prenúncio do pássaro. Braço é um galho em movimento. Asa é um braço em detrimento de um galho. Ou vice ou verso, caso nós esteja de fora pra dentro. Coisa do tipo.*

[Trecho da dramaturgia “As Bastianas”, de Gero Camilo.]



## HISTÓRICO DE APRESENTAÇÕES

- Estreia em 2003 com a temporada no Albergue Municipal do Canindé - Núcleo de Cidadania - São Paulo - de set. a dez. 2003;
- UNESP - Ipiranga, São Paulo, SP - outubro / 2003;
- Praça Rui Barbosa / Escola Livre de Santo André - SP - setembro / 2003;
- Fórum Social Brasileiro - UFMG, Belo Horizonte - novembro / 2003;
- FEBEM do Tatuapé - São Paulo - dezembro / 2003;
- Vila Maria Zélia - Mostra São Paulo 2004, São Paulo, SP - março / 2004;
- Sesc Ipiranga - março 2004;
- Temporada no Albergue Oficina Boracea - abril a junho / 2004;
- Festival Internacional de São José do Rio Preto - Casa de Candomblé Katspéro - 2004;
- 11º Festival Internacional Porto Alegre Em Cena - 2004;
- Temporada Albergue Oficina Boracea - novembro / 2004;
- 4ª Bienal de Cultura e Arte da UNE, Parque do Ibirapuera, São Paulo - fevereiro / 2005;
- Praça João Pessoa - Suzano, SP - abril / 2005;
- Teatro Nelson Rodrigues - Guarulhos, SP - maio / 2005;
- SESC Pinheiros, São Paulo, SP - maio / 2005;
- Temporada no Teatro Ventoforte, São Paulo, SP - junho e novembro / 2005;
- 16º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, Caracas, Venezuela - 2005;
- "Oficina Em Vigília" - Teatro Oficina, São Paulo, SP - outubro / 2005;
- Virada Cultural /SP - São Paulo, SP - 2005;
- Temporada Centro Cultural São Paulo, São Paulo, SP - 2006;
- SESC Santo André, SP - novembro / 2006;
- PAC Circulação (SP) - Piracicaba, São José dos Campos, São José do Rio Preto, São José do Rio Pardo - junho / 2007.

## PREMIAÇÕES

- Espetáculo indicado ao Prêmio Shell 2004 na categoria Especial pela Pesquisa e Adaptação Teatral;
- 1ª Edição do Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo (2002);
- 3ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo (2003);
- 5ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo (2004);
- PAC Circulação 2007.

## FICHA TÉCNICA

Texto :: **Gero Camilo**

Direção :: **Luís Mármora**

Elenco :: **Ana Cristina Petta, Carlota Joaquina, Georgette Fadel, Mariana Senne, Patrícia Gifford e Paula Klein**

Coro de Missionários :: **Alexandre Faria, Alexandre Krug, Marcelo Reis e Rogério Tarifa**

Direção Musical :: **Tata Fernandes**

Assistência de Direção :: **Rogério Tarifa**

Roteiro e Adaptação :: **Alexandre Krug, Marcelo Reis e Luís Mármora**

Preparação Corporal :: **Tica Lemos e Eros Leme**

Cenário :: **Julio Dojcsar e Cia São Jorge de Variedades**

Figurino :: **Claudia Schapira**

Fotografia :: **Alexandre Krug e Rafael Aidar**

Iluminação :: **João Donda e Renata Pessoa**

Designer Gráfico :: **Sato do Brasil**

Do O ESTADO DE S.P.A. CADerno 2 SEXTA-FEIRA, 12 DE SETEMBRO DE 2003

## Poética de Gero Camilo inspira 'As Bastianas'

Contos do ator, músico e escritor cearense ganham adaptação e montagem em albergue

BETH NESPOLI

Gero Camilo ficou nacionalmente conhecido por sua atuação em filmes como Bicho de Sete Cabeças, no qual interpreta o louquinho Ceará, e Carandiru, vivendo o papel de Sem Chance. Mas bem antes que seu talento chamasse atenção nas telas do cinema, ele já tinha um largo currículo como ator, músico e escritor, em carreira iniciada ainda em Fortaleza, onde foi criado. Com formação teatral na USP, além de assinar o texto de seu belo espetáculo-solo A Procissão, ele é autor do livro A Macaúba da Terra (141 pág., R\$ 15,00), de edição independente.

Apesar de viver no ritmo de vida, os contos inspiram o espetáculo As Bastianas – título com o qual Gero engloba todas as histórias ambientadas no sertão –, que estreia amanhã, sob direção de Luís Marmora, com sete atrizes da Cia São Jorge. O palco do espetáculo chama a atenção pelo Albergue Municipal Canindé (abrigo para moradores de rua, próximo à estação Armênia do Metrô). O espetáculo sem início do período de estréia, onde o espectador é recebido pela mentira Bastiana, personagem central de um conto de mesmo nome, descrita como uma mulata, ela vinga, de 10 anos, que vendeu bolos feios pela avó. Bolos que trazem amor, sabedoria e sossego. Essa personagem condiz o público para o interior do albergue.

Uma vez lá dentro, o conto O Galão – sobre um menino que chega para morrer num hospital e contrai o contágio da tuberculose (Gero Camilo viveu no Contágio Espetacular, da Colômbia, em Fortaleza) – serve como epílogo de prologismo. É o olhar de uma criança sobre um espaço novo e achamos ideal para funcionar como uma espécie de adaptação do público a esse espaço do albergue. Quer queira ou não, há um estreitamento. Eu mesmo já havia tido entrada num albergue antes deste trabalho”, argumenta Marmora.

A “acomodação” do olhar é mesmo necessária, uma vez que o público estará diante de uma criação teatral poética, cujo texto não tem a ver, de forma direta, com questões sociais. Claro que isso estará presente no próprio atrito entre teatro e palco, mas, entre o local em que se está – o albergue – e o espaço da representação criada ali dentro.

Por que tal escolha? Na verdade, a companhia tinha planejado realizar um trabalho no albergue “modelo” Boracéia, em fase de construção, planejado para abrigar atividades culturais. Mas a obra atrasou. “Tínhamos urgência e conseguimos autorização para iniciar os ensaios no Canindé”. Durante todo o tempo – o Estado acompanha uma tábua de ensaios –, os atores tiveram de incorporar a intertextualidade dos albergues. “Em alguns momentos nos damos bem, em outros não sabemos direito como agir. Está sendo uma experiência importante para todos aprenderem neste lugar, cuja existência não deveria ser necessária.”

Com o público acomodado em volta de uma fogueira, no pé-

As atrizes Paula, Ana, Mariana, Patrícia e Georgette com garoto do albergue

do do Camilo, começa finalmente o espetáculo. Embora reúna diferentes histórias, uma delas, em tom meio surrealista, vem de muito central. Bastianas, raiz da formação de uma obra, qual cada novo ser nascido era batizado com nome de santo. Mas eis que nasce uma menina justamente quando a folhinha com os nomes santos foi perdida. O menino Antônio não está pelo mundo com a missão de buscar um nome para sua irmã caçula, que passou a viver trancada no quarto, brancinha, cubito batizado no pé, esquecida por falta de nome.

Na nossa história, não acompanhamos Antônio em sua busca, mas ficamos na dúvida, acompanhando o seu dia-a-dia, por a vontade, no desfecho”, diz Marmora. Ainda assim, há um itinerário polêmico. A história segue-se como contos de uma Estação de Trem e acende o rumo dos corredores do albergue. Apesar na hora do local virem, contem-se “colocamos umas cruzes nos cantos”, – cenário de outra história. A adaptação do conto Simpatia para João Antônio propicia alguns momentos de humor e distensão nesse espetáculo de forte carga poética e humana.

**SERVIÇO**  
**As Bastianas**, de Gero Camilo. Direção Luís Marmora. Espetáculo itinerante, ao ar livre, pelas diversas comarcas do albergue. Em caso de chuva, não haverá sessão. Duração: 1h30. Sábado e domingo, às 19 horas. Grátis (necessário reservar com 24 horas de antecedência pelo tel. 3292-4640 ou 9693-5559).  
**Albergue Municipal Canindé** – Várzea de Cidadania, Rua Comendador Nestor Pereira, 758. Até 24/10

## POÉTICA DE GERO CAMILO INSPIRA “AS BASTIANAS” CONTOS DO AUTOR, MÚSICO E ESCRITOR CEARENSE GANHAM ADAPTAÇÃO E MONTAGEM EM ALBERGUE

Gero Camilo ficou nacionalmente conhecido por sua atuação em filmes como “Bicho de Sete Cabeças”, no qual interpreta o louquinho Ceará, e “Carandiru”, vivendo o papel de Sem Chance. Mas bem antes que seu talento chamasse atenção nas telas do cinema, ele já tinha um largo currículo como ator, músico e escritor, em carreira iniciada ainda em Fortaleza, onde foi criado. Com formação teatral na USP, além de assinar o texto de seu belo espetáculo-solo “A Procissão”, ele é autor do livro A Macaúba da Terra (141 p., R\$ 15,00), de edição independente.

Alguns bonitos contos de Macaúba inspiram o espetáculo “As Bastianas” – título com o qual Gero engloba todas as histórias ambientadas no sertão, que estreia amanhã, sob direção de Luís Marmora, com sete atrizes da **Cia São Jorge**. O palco do espetáculo chama a atenção pelo Albergue Municipal Canindé (abrigo para moradores de rua, próximo à estação Armênia do Metrô).

O espetáculo tem início do portão de entrada, onde o espectador é recebido pela menina Bastiana, personagem central de um conto de mesmo nome, descrita como uma mulatinha vesga, de 10 anos, que vende bolos feitos pela avó. Bolos que trazem amor, sabedoria e sossego. Essa personagem conduz o público para o interior do albergue. Uma vez lá dentro, o conto "Ocabitado" – sobre um garoto que chega para morar num recém-construído conjunto habitacional (Gero Camilo cresceu no Conjunto Esperança, da Cohab, em Fortaleza) – serve como espécie de prólogo. "É o olhar de uma criança sobre um espaço novo, e achamos ideal para funcionar como uma espécie de acomodação do público a esse espaço do albergue. Quer queiramos ou não, há um estranhamento. Eu mesmo jamais tinha entrado num albergue antes deste trabalho", argumenta Mármora. A acomodação do olhar é mesmo necessária, uma vez que o público estará diante de uma criação teatral poética, cujo tema não tem a ver, de forma direta, com questões sociais. Claro que isso estará presente no próprio atrito entre teatro e palco, ou seja, entre o local em que se está, o albergue, e o espaço da representação criado ali dentro. Por que tal escolha? Na verdade, a companhia tinha planejado realizar um trabalho no albergue 'modelo' Boracea, em fase de construção, planejado para abrigar atividades culturais. Mas a obra atrasou. "Tínhamos urgência e conseguimos autorização para iniciar os ensaios no Canindé". Durante todo o tempo o Estado [jornal] acompanhou uma tarde de ensaios; os atores tiveram de incorporar a interferência dos albergados. "Em alguns momentos nos saímos bem, em outros não sabemos direito como agir. Está sendo uma experiência importante para todos nós estar neste lugar, cuja existência não deveria ser necessária." Com o público acomodado em volta de uma fogueira, no pátio do Canindé, começa finalmente o espetáculo. Embora reúna diferentes histórias, uma delas, em tom meio surrealista, serve de eixo central. É a história da formação de uma aldeia na qual cada novo ser nascido era batizado com nome de santo. Mas eis que nasce uma menina justamente quando a folhinha com os nomes santos foi perdida. O menino Antônio sai então pelo mundo com a missão de buscar um nome para sua irmã caçula, que passou a viver trancada no quarto, branquinha, cabelo batendo no pé, esquecida por falta de nome. "Na nossa história, não acompanhamos Antônio em sua busca, mas ficamos na aldeia, acompanhando seu dia a dia, até a volta dele, no desfecho", diz Mármora. Ainda assim, há uma itinerância pelo espaço. A história seguinte tem como cenário uma Estação de Trem e acontece num dos corredores do albergue. A pequena horta do local virou cemitério – "colocamos umas cruzeiras nos canteiros" – cenário de outra história. A adaptação do conto "Simpatias para João e Antônio" propicia alguns momentos de humor e distensão nesse espetáculo de forte carga poética e humana.

21/11/2003 - 12h08

## Plateia divide espaço com moradores de rua em "As Bastianas"

IVONE PORTES  
da Folha Online

PUBLICIDADE

O espetáculo teatral começa em plena rua. Enquanto os espectadores aguardam a abertura dos portões, uma andorinha rompe a quietude da fila, arrastando seu carrinho enfeitado para tentar vender flores e pedaços de "bolo de girassol". O bolo, segundo ela, trará sossego, amor e sabedoria aos que comerem.



Cena do espetáculo "As Bastianas"

Rafael Assis/Imagem360A partir daí tem início uma viagem pelo sertão nordestino, pela busca de uma identidade perdida. Isso porque o texto "As Bastianas", uma adaptação do livro "Macaúba da Terra", de Gero Camilo, fortemente calcado na cultura popular, é representado no Albergue Municipal Canindé, para uma plateia que divide o espaço com moradores de rua.

"Quando chegamos no albergue para ensaiar todos demonstraram indignação. Queriam saber se pertencíamos à igreja, à prefeitura, ou a alguma ONG", lembra a atriz Carlota Joaquina, da Cia São Jorge de Variedades, que interpreta Bastiana, uma das seis mulheres do elenco e que faz a ligação entre as histórias.

"Explicamos que éramos atores e que íamos trabalhar lá, por um determinado período", diz. "Com o tempo, eles foram confiando na gente e, hoje, muitos fazem parte, mesmo que indiretamente, do espetáculo."

Uma das cenas mais aplaudidas é justamente quando uma senhora albergada participa da apresentação. "Estávamos ensaiando tambores do candomblé quando ela se aproximou com o auxílio de um andador", diz a atriz.

"Disse que aquela cantoria trazia-lhe à memória uma antiga canção. Quando começou a cantar, nos apaixonamos", afirma, enfatizando que duas horas antes do espetáculo a "figurante" já está pronta para o número.

Participações similares, aliás, ocorrem durante toda a apresentação. Além de interativa, a peça é itinerante, ao ar livre, pela área aberta do albergue. Por isso, quando chove o espetáculo é cancelado. O número de espectadores limita-se a 30 lugares.

Poesia, canto, dança e personagens do imaginário popular ganham vida e autenticidade na expressão dos albergados.

"As Bastianas", dirigida por Luís Malmora, é a quarta montagem da Cia. São Jorge de Variedades, que desde 1998 aborda temas que refletem o homem e a sociedade. A estreia e a temporada do espetáculo fazem parte do primeiro projeto da Cia, contemplado pelo Programa Municipal de Fomento ao Teatro (Lei 13.279/02).

A temporada no Canindé, em cartaz desde 13 de setembro, aos sábados e domingos, termina no dia 7 de dezembro. Depois, o grupo se desloca para o Projeto Oficina Boraceia, um albergue modelo, inaugurado em junho deste ano, onde o projeto começou.

Porém, como o local ainda não estava ocupado, a Cia. optou por dar prosseguimento ao trabalho no Canindé, já que o contato com a população em situação de rua fazia parte do desenvolvimento do enredo.

O Boraceia é um complexo com 17 mil m<sup>2</sup>, localizado na Barra Funda. O albergue recebe os catadores, seus carrinhos e animais. Lá, o grupo fará novas pesquisas e até o final do primeiro semestre de 2004, a reestreada.

"Falar de exclusão social dentro de um teatro, com palco, luzes e confortáveis cadeiras é uma coisa", diz Carlota. "Abordar esse assunto dentro da casa deles e com a participação dos próprios excluídos está sendo uma experiência tão inusitada que mudou radicalmente a forma de a Cia. ver o teatro."

Além de Carlota, compõem o elenco as atrizes Ana Cristina Petta, Georgette Fadel, Mariana Sienne, Patrícia Giffoni e Paula Klein. Fazem uma participação rápida, porém importante, como missionários, Alexandre Krug, Marcelo Reis e Rogério Tanfa.

### AS BASTIANAS

Onde: Albergue Municipal Canindé - Núcleo de Cidadania (r. Comendador Nestor Pereira, 758, Canindé, tel. 011/3111-9693-5550)

Quando: sábados e domingos, às 19h (até 7 de dezembro)

Quanto: gratuito (retirar ingresso no local a partir das 18h)

Informações: [www.ciasaوجorge.hpg.com.br](http://www.ciasaوجorge.hpg.com.br)

# PLATEIA DIVIDE ESPAÇO COM MORADORES DE RUA EM "AS BASTIANAS"

O espetáculo teatral começa em plena rua. Enquanto os espectadores aguardam a abertura dos portões, uma andorinha rompe a quietude da fila, arrastando seu carrinho enfeitado para tentar vender flores e pedaços de "bolo de girassol". O bolo, segundo ela, trará sossego, amor e sabedoria aos que comerem. A partir daí tem início uma viagem pelo sertão nordestino, pela busca de uma identidade perdida. Isso porque o texto **"As Bastianas"**, uma adaptação do livro A Macaúba da Terra, de Gero Camilo, fortemente calcado na cultura popular, é representado no Albergue Municipal Canindé, para uma plateia que divide o espaço com moradores de rua.

"Quando chegamos no albergue para ensaiar, todos demonstraram indignação. Queriam saber se pertencíamos à igreja, à prefeitura, ou a alguma ONG", lembra a atriz Carlota Joaquina, da Cia São Jorge de Variedades, que interpreta Bastiana, uma das seis mulheres do elenco e que faz a ligação entre as histórias. "Explicamos que éramos atores e que íamos trabalhar lá, por um determinado período", diz. "Com o tempo, eles foram confiando na gente e, hoje, muitos fazem parte, mesmo que indiretamente, do espetáculo."

Uma das cenas mais aplaudidas é justamente quando uma senhora albergada participa da apresentação. "Estávamos ensaiando tambores do candomblé quando ela se aproximou com o auxílio de um andador", diz a atriz.



"Disse que aquela cantoria lhe trazia à memória uma antiga canção. Quando começou a cantar, nos apaixonamos", afirma, enfatizando que duas horas antes do espetáculo a "figurante" já está pronta para o número.

Participações similares, aliás, ocorrem durante toda a apresentação. Além de interativa, a peça é itinerante, ao ar livre, pela área aberta do albergue. Por isso, quando chove, o espetáculo é cancelado. O número de espectadores limita-se a 30 lugares. Poesia, canto, dança e personagens do imaginário popular ganham vida e autenticidade na expressão dos albergados.

**"As Bastianas"**, dirigida por Luís Mármora, é a quarta montagem da Cia São Jorge de Variedades, que desde 1998 aborda temas que refletem o homem e a sociedade. A estreia e a temporada do espetáculo fazem parte do primeiro projeto da Cia, contemplado pelo Programa Municipal de Fomento ao Teatro (Lei 13.279/02).

A temporada no Canindé, em cartaz desde 13 de setembro, aos sábados e domingos, termina no dia 7 de dezembro. Depois, o grupo se desloca para o Projeto Oficina Boracea, um albergue-modelo, inaugurado em junho deste ano, onde o projeto começou. Porém, como o local ainda não estava ocupado, a Cia optou por dar prosseguimento ao trabalho no Canindé, já que o contato com a população em situação de rua fazia parte do desenvolvimento do enredo.

O Boracea é um complexo com 17 mil m<sup>2</sup>, localizado na Barra Funda. O albergue recebe os catadores, seus carrinhos e animais. Lá, o grupo fará novas pesquisas e, até o final do primeiro semestre de 2004, a reestreia.

"Falar de exclusão social dentro de um teatro, com palco, luzes e confortáveis cadeiras é uma coisa", diz Carlota. "Abordar esse assunto dentro da casa deles e com a participação dos próprios excluídos está sendo uma experiência tão inusitada que mudou radicalmente a forma da Cia ver o teatro."

Além de Carlota, compõem o elenco as atrizes Ana Cristina Petta, Georgette Fadel, Mariana Senne, Patrícia Gifford e Paula Klein. Fazem uma participação rápida, porém importante, como missionários, Alexandre Faria, Alexandre Krug, Marcelo Reis e Rogério Tarifa.

---

*FOLHA DE SÃO PAULO - Folha Online. 21 de novembro de 2003. Ivone Portes.*

## HISTÓRIAS DE NOMES E DE LUGARES

---

Numa aldeia escondida no sertão nordestino, cada filho da terra, nascido, ganhava um nome de santo. Eram nomes retirados de um calendário, que certa feita se perdeu e, por essa razão, deixou sem nome uma menina que acabara de nascer. Assim, a sina desta menina não foi outra, senão viver trancada num quarto até que o nome do santo de seu dia pudesse ser encontrado.

Essa história é, de certa forma, o eixo narrativo do belo espetáculo **“As Bastianas”**, que a **Companhia São Jorge de Variedades** vem apresentando desde o início do mês num espaço bastante singular: o Albergue Municipal Canindé. A peça é baseada no livro *A Macaúba da Terra*, de Gero Camilo, que reúne uma série de contos ambientados no sertão. Desse modo, são alguns desses contos que permeiam o espetáculo “As Bastianas” e emolduram a trajetória da menina sem nome. Assistir a um espetáculo num lugar tão incomum como um albergue nos revela descobertas que certamente vão muito além da própria encenação que ali se desenrola. Explorar lugares pouco afeitos à montagem de peças teatrais não é, nem de longe, uma prática nova. Basta lembrar, apenas para citar um exemplo, os trabalhos do grupo Teatro da Vertigem, que já apresentou suas criações em igrejas, hospitais e presídios. Entretanto, na ocasião desses eventos e a despeito da beleza e impacto provocados por eles, aqueles lugares estavam desativados no momento do espetáculo. Em “As Bastianas”, ao contrário, não é isso que ocorre, pois, os albergados residentes no local não só assistem à apresentação, como, direta ou indiretamente, fazem parte da própria encenação.

O espetáculo é itinerante pelas áreas comuns do local e, o público, ora acomodado em bancos em torno de uma fogueira, ora percorrendo as calçadas internas, assiste à história da menina sem nome, enquanto observa, entre tantos olhares dos residentes, outras histórias escondidas, carentes de revelação, em meio a janelas semiabertas, portas escancaradas, e grupos esparsos, por vezes alheios àquele inusual público que invadiu seus domínios.

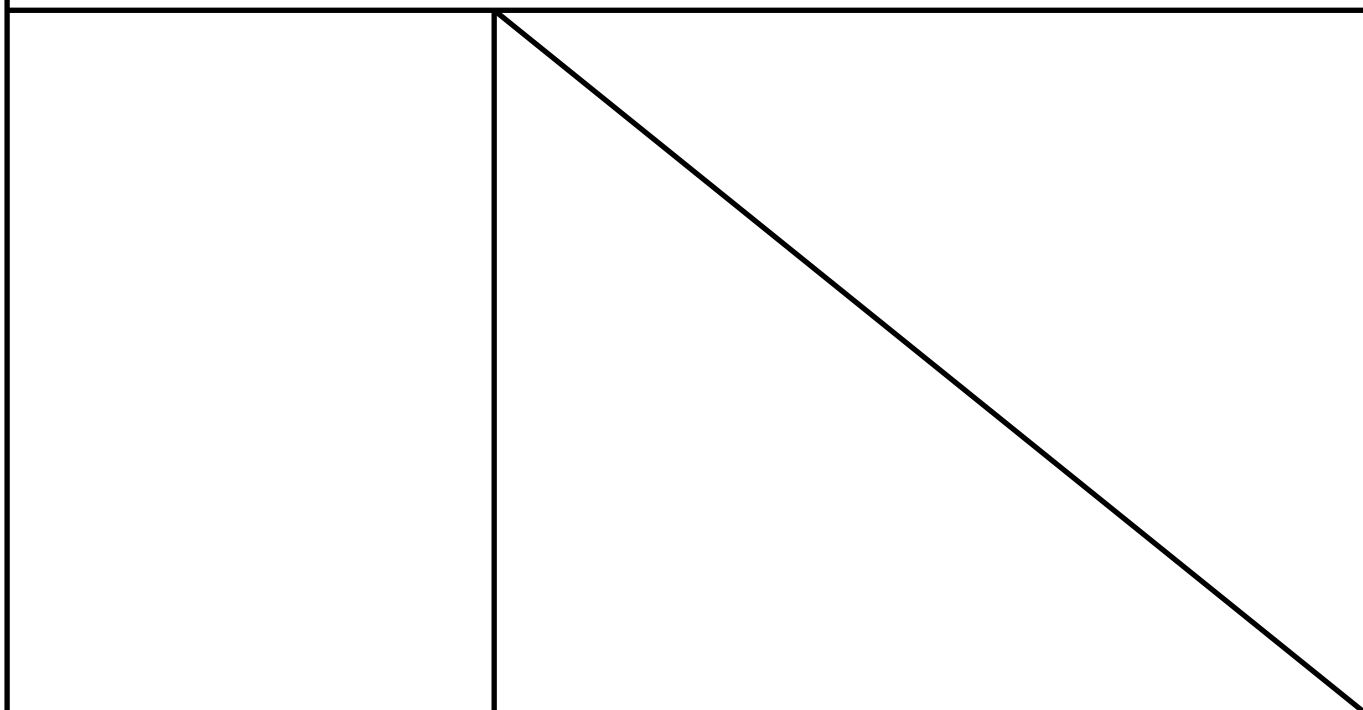
São, portanto, dois espetáculos que se entrelaçam, apresentando, ambos, universos tão distintos em suas concepções e tão próximos em sua abordagem. **“As Bastianas”** fala, entre outras coisas, de seres excluídos, mas fala sob a poesia da magia teatral, com seus múltiplos personagens, contadores de histórias de nomes e de lugares, cuidadosamente compostos para serem simultaneamente estranhos e conhecidos de todos nós. Ao lado desses personagens, circulam outros seres, efetivamente excluídos, a exemplo da menina sem nome, e abrigados para ficarem à margem daquela sociedade de onde provém o mesmo público que foi assisti-los. O impacto é inevitável. O estranhamento é grande e é impossível não ficar indiferente às distinções desses mundos.

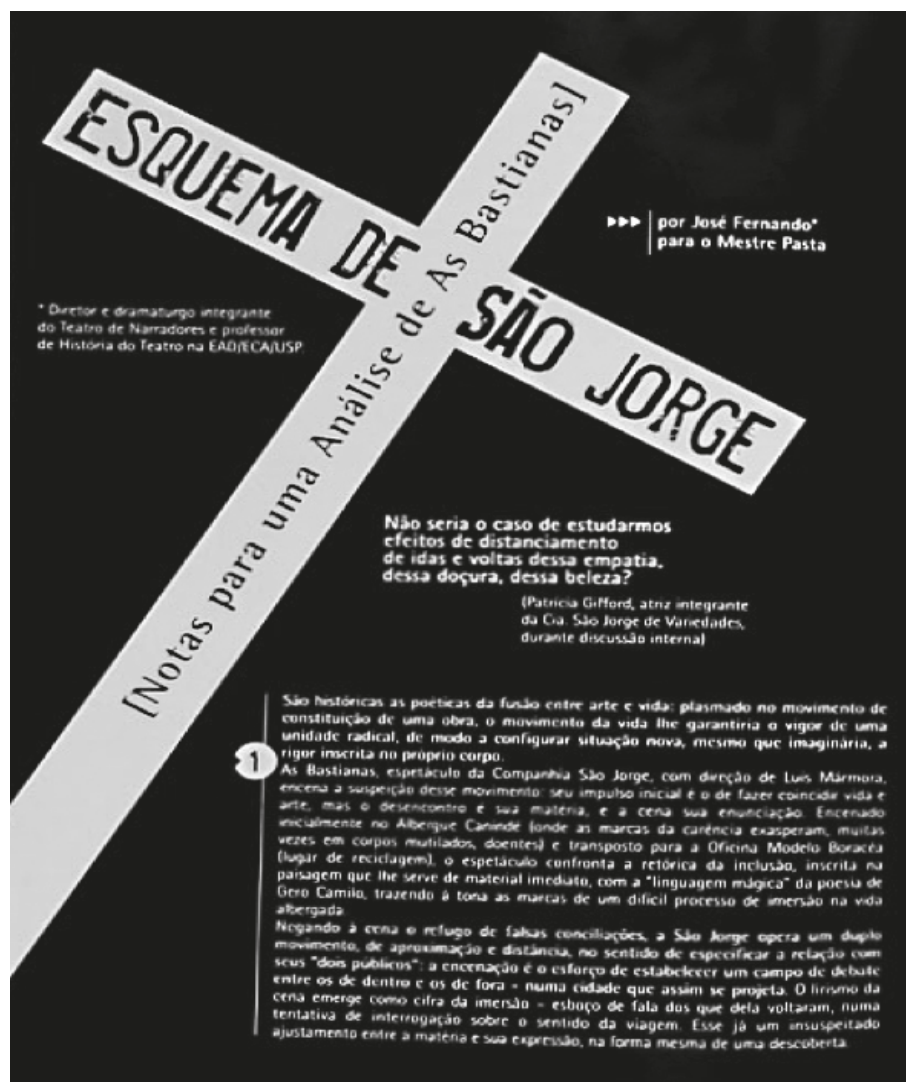
Diante dessas questões, **“As Bastianas”** segue encantando os olhares com suas imagens e sons, cumprindo um dos desígnios do teatro que é falar dos homens aos homens. **“As Bastianas”** cumpre esse papel, não sem antes, ao final do espetáculo, revelar o nome da menina cuja sina foi viver excluída. Revela não apenas um nome, mas identidades diversas que, face aos homens, fazem as coisas existirem, serem vistas e percebidas.

São históricas as poéticas da fusão entre arte e vida: plasmado no movimento de constituição de uma obra, o movimento da vida lhe garantiria o vigor de uma unidade radical, de modo a configurar situação nova, mesmo que imaginária, a rigor inscrita no próprio corpo.

---

*Canais - Colunistas - Arte e Espetáculos. 2 de outubro de 2003. Carlos de Arruda Camargo.*





## ESQUEMA DE SÃO JORGE [NOTAS PARA UMA ANÁLISE DE “AS BASTIANAS”]

Por José Fernando (para o mestre Pasta).

Diretor e dramaturgo integrante do Teatro de Narradores e professor de História do Teatro na EAD/ECA/USP.

*“Não seria o caso de estudarmos efeitos de distanciamento de idas e voltas dessa empatia, dessa doçura, dessa beleza?” (Patrícia Gifford, atriz integrante da Cia São Jorge de Variedades, durante discussão interna.)*

São históricas as poéticas da fusão entre arte e vida: plasmado no movimento de constituição de uma obra, o movimento da vida lhe garantiria o vigor de uma unidade radical, de modo a configurar situação nova, mesmo que imaginária, a rigor inscrita no próprio corpo.

**“As Bastianas”**, espetáculo da **Companhia São Jorge**, com direção de Luís Mármora, encena a suspeição desse movimento: seu impulso inicial é o de fazer coincidir vida e arte, mas o desencontro é sua matéria, e a cena sua enunciação. Encenado inicialmente no Albergue Canindé (onde as marcas da carência exasperam, muitas vezes em corpos mutilados, doentes) e transposto para a Oficina Modelo Boracea (lugar de reciclagem), o espetáculo confronta a retórica da inclusão, inscrita na paisagem que lhe serve de material imediato, com a “linguagem mágica” da poesia de Gero Camilo, trazendo à tona as marcas de um difícil processo de imersão na vida albergada. Negando à cena e refugio de falsas conciliações, a São Jorge opera um duplo movimento, de aproximação e distância, no sentido de especificar a relação com seus “dois públicos: a encenação é o esforço de estabelecer um campo de debate entre os de dentro e os de fora numa cidade que assim se projeta. O lirismo da cena emerge como cifra da imersão – esboço de fala dos que dela voltaram, numa tentativa de interrogação sobre o sentido da viagem. Esse já um insuspeitado ajustamento entre a matéria e sua expressão, na forma mesma de uma descoberta.

O espectador que chega ao albergue se defronta com um lugar de disciplina e controle. Um mundo pretensamente condenado, onde vigora a retórica, direito em hora de exceção. Numa cidade de fusos inconciliáveis, o tempo do albergue é um tempo de espera, quando a vida à espreita aguarda seu instante de reconhecimento – um salto em direção a. Encenada, “As Bastianas” desenha um mundo de não-reconciliação, face ao impulso poético, portanto justo de estar em casa em toda parte: “(...) grande cenário nas artes de imaginar. Todos os jardins são um. Todos os quintais são um. Quer mudar de casa? A escolha. Quer povoar a cena? A escolha. Moradia, aqui, é movimento. Mas a escolha é já utopia da fala e do gesto. Confronto de presenças em trânsito: ator, espectador e albergado encenam a impossibilidade de um contrato: “Hoje é um tal de país em pé de guerra que até mete medo morrer assim, calçando o diabo.

(...) Era nós e a ciência que nós inventava nos quintal. Planejava o mundo direitinho que era pra não ter queixa do vizinho. Fazia os amor afeiçoar nós tudo, e as paixão desarticular as junta. Era um mexido de gente em criação que as água das boca dos vizinho alagava os jardim. Nós era assim, intenção. Depois fomo crescendo na vida com os osso esticando por dentro que nem galho. Agora eu entendo que nós faz parte do movimento da árvore e do prenúncio do pássaro. Braço é um galho em movimento. Asa é um braço em detrimento de um galho. Ou vice ou verso, caso nós esteja de fora pra dentro. Ambivalente, a cena sugere um jogo que se quer já pacto entre supostos atuantes: os de fora e os de dentro. Ambivalente porque o mesmo movimento de sugestão e também a de suspeição. Não fosse assim, o mundo seria aquele lugar, em direção ao qual ‘se vos puxar o olhar um pouquim pra depois daquela linha do sol, vás chega. Se não chegar vos grita. Nós escuta’.



Mundo de total atimia, o mundo das Bastianas é também forja, onde tudo é demanda de contrário: 'atimizando um gem de luz até gestar semente e nascerem os caju, os milhos, as goiabas, as macaúbas'."

Em terra de nomes santos, a demanda surge da impossibilidade de nomear o próximo, pois pessoa "sendo paga pode sofrer da fraqueza de atender por nome alheio Nomear e, no jogo, exercício coletivo; na hora certa a lua faz justiça: "Estrela cadente em pio de coruja amolece as estacas e faz vibrar as farpas. O arame desenlaça com o vento, e quando vê: caiu! Manhãzinha é só olhar pra terra. No lugar que era pulseira de arame, virou braço de chão, Mão livre. Capaz de ter florado, pulseira de cipó, cordão de feijão, anel de árvore." Em roda, atores, albergados e espectadores entoam textos, recitam, falam, deixam escapar diferenças cúmplices, condição para que a cena ande. (No meio, um albergado ensaia sua fala, algo a ser restituído ou conquistado, produzido). O trajeto pelo albergue agora é o "grande cenário nas artes de imaginar". Abrindo passagem, Bastiana-Exu nos inicia no universo de sua mitologia, um mundo de misturas, circular, mas cheio de fissuras.

"A fábula: em busca de nome para a irmã, Genésio, o caçula, 'retira-se', seguindo a rata de missionários que a levam para sois distantes e combates futuros – peregrinação fora da cena, na cena, a espera: "A partida, sem choro nem risada, pois como não se tinha exatidão da distância, a família achou por bem não inventar". O espetáculo é uma encenação de espera cheia de reviravoltas. A espera é encobrimento: a cidade com o tempo jaz sob montanha branca, "afogada na areia": a menina sem nome, e que, no entanto, "umedeceu" e, já moça, permanece trancada num quarto, tecendo o cabelo que era um tapete. Espera e vida se confundem na forja de uma fala e de um olhar – ator/albergado e ator/espectador –, o mundo de Bastiana, suspense onde a história alberga, vira margem, sob o regime de fala enfeitiçada: "As veiz nós fala em prosa. Rezar nós reza em verso. Agora os pensamento nós deixa mesmo é pros repente. Mas se: viver nós não manda. Entonce o jeito é recorrer aos ideal da resistência. É a tal da filosofia. Fé pra nós é os sentido. Que vai desde de dor de umbigo até coceira nos pé. Vão pode ser em vão, no vão ou vão de ir mesmo."

Mas o mundo de "As Bastianas" é também um mundo de mulheres à espera de homens que foram em busca de demandas impossíveis. "O possível e impossível e percalço: Genésio, o homem que volta, é o irmão que "viu em cima da montanha branca uma moça sentada com os olhos no Atlântico". Na "odisseia" de Genésio: "Quando desacordei meu cordel, pedi benção a pajelança, fiz do nosso amor uma dança. Catei craves e cravei beijos. O encontro e abraço a chegada: Sem nome para trazer de volta: Eu em desespero me afogava na cachaça. A garrafa o cansaço o pavio."

O espectador que sai do albergue, de volta para a cidade-espetáculo, talvez reaja diante do lirismo encamado da cena. Atravessar o albergue, moradia provisória de figuras irredutíveis à paisagem, causa desconforto – esse, talvez o cerne da cena. Não porque seu objetivo fosse produzir desconforto na recepção, mas porque é, antes de mais nada, esse o material da cena: desconforto de artistas engajados na experiência imediata da qual vieram precipitar seu cordel.

Genésio, de volta de sua viagem, e portador, mensageiro, meio: "não passava de um papel, que a mão sangrou azul. O que a poesia contou, eu nem vi. Escrevi a cegas o enredo. Avoei peguei vento... Pensamento arribou sem medo". Desse mundo, onde o aprendizado é difícil, a cena imita sua dificuldade, menos por pretensão que por necessidade interna. A um só tempo irrevogável e ainda por fazer o destino, aparece nas mãos e os irmãos se reconhecem. Na mão de Genésio "nasceu uma dália" – que, segundo consta, é flor nativa de montanhas do México até a Colômbia, de raiz espessa, e caules que, geralmente não ramificados, terminam em belos capítulos florais: plantas que a Europa pôs em estufas e jardins.

Partir era fazer "por onde teu céu ser terra", voar na dificuldade de enraizar, esse cordel da São Jorge esboça-se algo como uma utopia às avessas. Cordel que é canto popular, mas é também meada de fio entre dois pregos, para a prumo, para o fim de assentamento de tijolos, por pedreiros. Difícil porque: *"Tudo aqui casa tudo aqui separa. Movimento e parada: Tudo aqui caminha tudo aqui respira / Tudo aqui é uma bola azul suspensa / Que o homem pisa e não cai / Porque o fundo da Terra não é o fundo do homem / O fundo do homem é o que está sobre sua cabeça."*

---

FANZINE nº 4 – SÃO JORGES, 2004 - Cia São Jorge de Variedades (pp. 20,21 e 22).  
José Fernando.

# O Santo GUERREIRO E O HERÓI DESAJUSTADO





*“Bordei no peito a lua cheia de esperança, plantei um arco-íris no chão do meu país, eu sou Quixote sonhador, São Jorge Guerreiro eu sou, ô dá licença que hoje eu quero ser feliz.”*

(Trecho da dramaturgia “O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado” - música de Jonathan Silva.)

O primeiro espetáculo de rua da Cia propõe um encontro entre um grande clássico da literatura universal e a cultura popular brasileira. Um espetáculo em que a literatura sai para as ruas e se transforma, ganhando cores de um desfile de escola de samba, desenvolvendo-se com carros alegóricos, suas alas e samba-enredo. A história conta o tão improvável quanto necessário encontro entre Dom Quixote de La Mancha e São Jorge Guerreiro e é uma reflexão sobre o sentido do herói nos dias de hoje na grande metrópole.

Uma companhia de teatro, caminhando há séculos em busca do mar, chega à metrópole. É neste imenso “oceano” de concreto e gente que ela vem apresentar a história de Dom Quixote e de São Jorge Guerreiro. O honrado fidalgo Quixote, em sua luta individual e solitária, enxerga na grande cidade a imagem da sua amada Dulcinéia. Porém, seus nobres ideais entram em conflito com as regras e leis que regem a realidade da metrópole; Quixote acaba vendo-se perdido, inadaptável à contemporaneidade. Sancho Pança, filho do povo, tem a coragem e a decisão de lhe indicar um possível caminho para fora do desespero, da inércia, da cegueira em que se afoga a grande cidade. Um caminho onde os solitários Quixotes tornam-se sábios São Jorges. São Jorge, o santo popular, vem rompendo os caminhos para revelar a importância da coletividade que ainda pulsa na cidade. E a secular companhia de teatro segue seu caminho, para continuar contando sua fábula ainda por muitos séculos...

O jogo entre fantasia e realidade, a reflexão sobre a necessária humanização, a espiritualização, a transcendência e a transformação promovidas pela arte continuam sendo um caminho possível de resistência contra a barbárie do mundo desencantado em que vivemos. Se Quixote apela para a força da imaginação individual para romper uma realidade problemática, São Jorge vem completar esse esforço ao apontar para a força da coletividade que se liga espiritualmente à terra; esta se manifesta no espetáculo pela própria **Cia São Jorge de Variedades**, que narra a história, assim como pelos coletivos artísticos convidados a participar do final celebrativo de cada apresentação. Esses novos coletivos que se integram, trazem o cortejo de São Jorge Guerreiro, no intuito de fortalecer o pensamento de uma vida comunitária, festiva e popular. É a luta do santo guerreiro contra as injustiças e em favor de todos aqueles que lhe pedem socorro. As forças de resistência que lutam pela conquista de uma vida mais humana para todos.

*Finca, São Jorge, essa espada no meu peito ... tu és bem forte, ó tão nobre cavaleiro, tens o teu nome conhecido no mundo inteiro, sigo contigo sonhador nós dois guerreiros, nós somos Jorges e Quixotes brasileiros."*

(Trecho da dramaturgia "O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado", música de Georgette Fadel e Walter Machado.)



## HISTÓRICO DE APRESENTAÇÕES

- Estreia em 2007 - temporadas na Pça. da República – S.Paulo, SP - 2008 a 2010;
- Paidéia Associação Cultural - São Paulo, SP – 2007;
- Circuito Sesc de Artes - S.Paulo 2008 - 10 cidades do interior de SP: Jaboticabal, Barretos, Franca, Sertãozinho, Ribeirão Preto, São Carlos, São José do Rio Pardo, São João da Boa Vista, Pirassununga, Brotas;
- Projeto Palco Giratório do Sesc 2009 - 11 estados e 32 cidades do Brasil: Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Cuiabá, Brasília, Taguatinga, Ceilândia, São Paulo, Florianópolis, Campina Grande, Porto Velho, Salvador, Rio de Janeiro, Gravataí, São Leopoldo, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Erechim, Passo Fundo, Carazinho, Ijuí, Santa Rosa, Uruguaiana, Santa Cruz do Sul, Lajeado, Campo Grande, Brasília, Cariri;
- Festival Internacional de S. J. do Rio Preto, SP - 2010.

## PREMIAÇÕES

- Vencedor do Prêmio Shell de Melhor Figurino - 2008;
- 10ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo (2006);
- PAC Circulação 2008 do Estado de São Paulo;
- PAC Produção 2007 do Estado de São Paulo.

## FICHA TÉCNICA

Dramaturgia :: **Marcelo Reis, Rogério Tarifa, Alexandre Krug**

Direção :: **Rogério Tarifa**

Direção Musical :: **Nina Blauth, Jonathan Silva e Georgette Fadel**

Elenco :: **André Capuano, Candido Jorge de Lima, Darcio de Oliveira, Glauber Pereira, Fernanda Machado, Isabel Soares, Jonathan Silva, Jordana Dolores, Josy Mattos, Lílian de Lima, Majó Sesan, Manuel Boucinhas, Marcelo Reis, Nina Blauth, Patrícia Gifford, Paula Klein, Rogério Tarifa, Rodrigo Ramos e Vanessa Carvalho**

Preparação de Atores :: **Mariana Senne**

Preparação Vocal :: **Patrícia Gifford**

Cenário, Figurino e Adereço :: **Casadalapa - Silvana Marcondes, Fernando Sato e Júlio Dojcsar**

Direção de Produção :: **Carla Estefan**

Design Gráfico :: **Sato do Brasil**

Assessoria de Imprensa :: **Nossa Senhora da Pauta**

## 72 ■

A julgar pela leitura do texto de Ruy Guerra e pelo ensaio da montagem da Cia São Jorge vistos pelo Estado [jornal], há muitos pontos de união entre os espetáculos. Antes de mais nada, ambos do teatro musicado, e se inspiram na cultura popular. Ruy Guerra adaptou a história para o sertão – e ritmos nordestinos, como o maracatu, se fazem presentes. As aventuras de Quixote viram samba na versão da Cia. São Jorge, cujas aventuras se passam na cidade de São Paulo, e o cavaleiro da triste figura ouve versos de Cartola – “preste atenção, o mundo é um moinho” – ao ser derrotado por gigantes.

O humor também se faz presente em ambas as montagens. Por exemplo, as duas fazem graça com Rocinante, o cavalo de Quixote. Na versão produzida por Celulari, ele simplesmente fala, e é bem tagarela. Ele e Sancho vivem às turras, e dessa rixa brota humor. Já no ensaio da Cia São Jorge, na Praça Princesa Isabel, o público gargalhou ao ver o pangaré de Quixote ‘interpretado’ por André Ribolli, que tira efeito cênico de sua extrema magreza.

Um coro ‘grego’ – que se espanta com o fato de ser grego – abre o espetáculo “Dom Quixote de Lugar Nenhum”, que tem entre seus corifeus um cego rabequeiro, vivido pelo ator Pedro Gracindo. Esse papel em “O Herói Desajustado” é feito por uma comissão de frente carnavalesca, que conclama o público a ‘aprender a sonhar’, e tem São Jorge como corifeu. Aliás, por uma coincidência que é reveladora das raízes populares desses espetáculos, o encontro entre o santo guerreiro e o cavaleiro andante se dá nas duas versões.

Se as semelhanças são muitas, algumas diferenças chamam atenção. A montagem protagonizada por Celulari tem patrocínio de R\$ 1,2 milhão, enquanto a São Jorge se produziu com R\$ 150 mil do Programa (estadual) de Ação à Cultura (PAC). Enquanto o público terá de se arrumar para entrar no shopping e pagar R\$ 80,00 para uma delas, a outra poderá ser vista na praça, de graça, e foi acompanhada com incrível atenção pelos curiosos, na manhã de terça-feira, na degradada Praça Princesa Isabel. Tais disparidades não impedem a principal semelhança, invisível no palco, porque reside não no resultado final, mas no ponto de partida, no impulso criativo: a saudável ambição de fazer arte relevante. “Quando faço teatro, quero falar coisas que sejam importantes”, diz Celulari. Não é outro o objetivo da São Jorge ao levar essa história de sonho e luta às ruas da cidade.

Não por coincidência, os artistas dessas duas produções, cada qual a seu jeito, se declaram Quixotes. Como vem acontecendo com as pessoas há 400 anos, eles se identificam e se encantam com esse personagem que deseja lutar contra as injustiças, tem a capacidade de transformar a realidade com sua imaginação e admirável coragem de enfrentar gigantes.

Dulcinéia é uma cidade no espetáculo **“O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado”** da Cia. São Jorge. À metrópole, Dom Quixote dedica seu amor e nela vê “Águas límpidas”, enquanto o coro observa que é “um amor difícil, repleto de edifícios”. Numa cena, Sancho Pança exulta com a possibilidade de comprar uma casa financiada em 20 anos, o que deixa Quixote indignado: “Os cavaleiros não dormem em casas, e sim sob o manto das estrelas.” Sob o sol, dormia num carrinho, em plena praça onde a trupe ensaiava, Martim, de sete meses, filho do diretor Rogério Tarifa e da atriz Patrícia Gifford.

Quixotes? Assim como Celulari pode quebrar o preconceito que envolve o galã televisivo, os artistas da São Jorge desmontam a ideia de que teatro na rua, de graça, é obra de amadores no sentido da precariedade, arte menor. Na manhã de terça-feira, o ensaio era despretenso, mas ainda assim foi atraindo o público. Primeiro chegaram devagar os ‘moradores’ da praça, catadores com seus carrinhos, meninos que pouco antes cheiravam cola escondidos sob as árvores. Depois foram os aposentados e os garotos de escola, como Gabriel, de 6 anos que, fascinado, esqueceu até do sorvete que tinha na mão.

Talentosa como atriz e diretora, Georgette Fadel assina a direção musical de **“O Herói Desajustado”**; e Rogério Tarifa, a direção da montagem, que tem dramaturgia criada a seis mãos: por Tarifa, Marcelo Reis, o intérprete de Quixote, e pelo ator Alexandre Krug. A opção foi estudar a linguagem do carnaval, pelo seu potencial de mobilização. A pesquisa, que envolveu palestras de pesquisadores, começou em janeiro, quando o grupo foi contemplado com o Programa Municipal de Fomento: R\$ 324 mil para o prazo de 1 ano, voltados para a manutenção da sede e da pesquisa. “A produção do espetáculo, que tem 18 atores, foi feita exclusivamente com a verba do PAC (R\$ 150 mil)”, diz Mariana Senne, atriz e preparadora corporal.

A valorização do trabalho coletivo está não só na prática, mas na dramaturgia dessa transposição cênica do romance de Cervantes. “Para nós, é importante o fato da luta de Quixote ser solitária. Não adianta lutar sozinho, e isso queríamos ressaltar em nossa montagem”, diz Rogério. Ao fim, a montagem reverte a relação entre Sancho e Quixote. “Como homem do povo, Sancho pode guiá-lo até os focos de resistência que são os coletivos que existem na cidade.”

---

*O ESTADO DE SÃO PAULO - CADERNO 2. 7 de setembro de 2007. Beth Néspoli.*



## ilustrada/acontece



Raimundo Pacci/Folha Imagem

A companhia em ensaio da peça "O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado", que estreia hoje

## Espetáculo da Cia. São Jorge leva Dom Quixote à praça da República

Versão para obra de Cervantes tem estrutura de desfile de escola de samba

VALMIR SANTOS  
DA REPORTAGEM LOCAL

Há anos em busca do mar, uma companhia de teatro assenta no chão de concreto da praça da República. É a metáfora que move a Cia. São Jorge de Variedades no espetáculo que estreia hoje, "O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado", uma versão do "Dom Quixote" de Cervantes para a rua.

Espaço e relação com público sempre nortearam os trabalhos do grupo, diz o ator e diretor da vez, Rogério Tarifa, 31. "O desafio foi não cairmos em clichês do que seja 'fazer teatro de rua'. Buscamos o melhor teatro pos-

sível nesse novo espaço."

A dramaturgia que ele assina com Marcelo Reis e Alexandre Krug promove um encontro de Quixote com São Jorge Guerreiro. Perdidos na metrópole, "inadaptáveis à contemporaneidade", Quixote e Sancho Pança são socorridos pelo santo popular. Fixados em lutas solitárias, os personagens seriam revelados à importância do sentido da coletividade.

O roteiro segue a estrutura de um desfile de escola de samba. "Trazemos o espírito das festas populares para o teatro. São manifestações teatrais no seu sentido mais puro, e é preciso quebrar as barreiras. A ca-

da sessão, um coletivo de arte será convidado a criar o final da peça conosco", diz Tarifa.

"O Santo Guerreiro..." envolve 28 profissionais da São Jorge, nascida em 1998. "Desde o início nos colocamos como Quixotes, cavaleiros diante de uma realidade absurda como a de hoje. Qual o sentido de fazer teatro? Em que medida ele interfere na vida urbana?", questiona o diretor.

➔ O SANTO GUERREIRO E O HERÓI DESAJUSTADO

Quando: hoje, às 16h e sex., às 12h, e sáb. e dom., às 16h. Até 28/10  
Onde: praça da República, s/nº, tel. 3874-9339  
Quanto: grátis

## ESPETÁCULO DA CIA SÃO JORGE LEVA DOM QUIXOTE À PRAÇA DA REPÚBLICA

### VERSÃO PARA OBRA DE CERVANTES TEM ESTRUTURA DE DESFILE DE ESCOLA DE SAMBA

Há anos em busca do mar, uma companhia de teatro assenta no chão de concreto da praça da República. É a metáfora que move a **Cia São Jorge de Variedades** no espetáculo que estreia hoje, "**O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado**", uma versão do Dom Quixote de Cervantes para a rua.

Espaço e relação com público sempre nortearam os trabalhos do grupo, diz o ator e diretor da vez, Rogério Tarifa, 31. "O desafio foi não cairmos em clichês do que seja 'fazer teatro de rua'. Buscamos o melhor teatro possível nesse novo espaço."



A dramaturgia que ele assina com Marcelo Reis e Alexandre Krug promove um encontro de Quixote com São Jorge Guerreiro. Perdidos na metrópole, "inadaptáveis à contemporaneidade", Quixote e Sancho Pança são socorridos pelo santo popular. Fixados em lutas solitárias, os personagens seriam revelados à importância do sentido da coletividade.

O roteiro segue a estrutura de um desfile de escola de samba. "Trazemos o espírito das festas populares para o teatro. São manifestações teatrais no seu sentido mais puro, e é preciso quebrar as barreiras. A cada sessão, um coletivo de arte será convidado a criar o final da peça conosco", diz Tarifa.

**"O Santo Guerreiro..."** envolve 28 profissionais da São Jorge, nascida em 1998. "Desde o início nos colocamos como Quixotes, cavaleiros diante de uma realidade absurda como a de hoje. Qual o sentido de fazer teatro? Em que medida ele interfere na vida urbana?", questiona o diretor.

---

*FOLHA DE SÃO PAULO - ACONTECE.* 15 de setembro de 2007. Valmir Santos.



Todos os anos, com o objetivo de promover o debate dentro do módulo de Atividades Formativas e avaliar os espetáculos apresentados durante os onze dias do Festival, o FIT promove o Painel Crítico. Ao todo, seis leitores críticos, de diferentes partes do país, foram convidados pela Curadoria do Festival para virem até Rio Preto com o objetivo de assistir e escrever suas visões a respeito de todos os espetáculos nacionais que serão apresentados durante o FIT.

As críticas serão publicadas diariamente no jornal do evento e no site [www.festivalriopreto.com.br](http://www.festivalriopreto.com.br), além de serem disponibilizadas para veiculação em jornais, revistas e sites. Este ano, os leitores críticos convidados são: Alexandre Mate, de São Paulo; Luiz Cláudio Cajaíba, da Bahia; Nina Caetano, de Minas Gerais; Fernando Villar, de Brasília; José da Costa, do Rio de Janeiro; e Robson Corrêa de Camargo, de Goiás.

---

## **“O DRAGÃO DA MALDADE e o Santo GUERREIRO”**

---

Começa muito bem o Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto (2008). A largada foi dada com o grupo paulistano Companhia São Jorge de Variedades que, com suas espadas e estandartes em punho, lançaram na praça a saga de “O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado”. O espetáculo de rua é uma adaptação carnavalizada das desventuras do visionário Don Quijote e de seu escudeiro, agora configuradas nas barrocas ruas da conturbada capital paulista.

A pergunta que o elenco quer fazer é: como este Don Quijote, que enfrenta todos os dias os gigantes da miséria, as serpentes do trânsito, a horda e as barracas dos miseráveis de rua e dos vendilhões do templo, como pode ainda este pobre homem estar apaixonado pela imaginada e linda Dulcinea de San Pablo. Esta peça é, como o espectador percebe, uma alegre e carnavalizada declaração de amor à cidade que origina o grupo. Seus monstros são muito simpáticos. As cenas de combate do cavaleiro da triste figura e de seus companheiros se alternam como se fosse um desfile mambembe de uma velha e animada e bem ensaiada escola de samba. O trágico é um mosaico vivo, divertido e colorido de várias histórias que se entrelaçam.

O espetáculo teatral da **Cia São Jorge** pode parecer nome de filme complicado e pós-moderno de Glauber Rocha, mas não é. É puro teatro de rua que entretém crianças e adultos a cada cena e canção, ou como quer o grupo, a cada ala. A história mostra uma companhia de teatro caminhando inicialmente em busca do mar, quando chegam na metrópole e encontram um livro de histórias. Neste momento, abrem as páginas mostrando personagens que ganham vida. Nelas estão Don Quijote, Sancho Pança e outros imaginados batalhões de seres imaginados, como seu esquálido cavalo Rocinante. A inversão que surge é instigante, pois aqui o visionário e imaginado anti-herói espanhol se defronta com monstros reais da cidade, suas visões são a pura realidade, feita arte pela mão do trabalho coletivo ou colaborativo de uma equipe artística eficiente, competentemente coordenada pelo jovem diretor Rogério Tarifa.

As cenas, em sua simplicidade, em cores vivas, nos envolvem com delicadeza, ao nos permitir olhar os monstros conhecidos surgir a cada momento, monstros reais, mas que nos embalam pelo riso e escárnio, fazendo da dura realidade vivida um ato de poesia. Citações de citações que se acumulam, justapõem-se. Estabelecem, como queria Cervantes, uma ordem desordenada, onde a arte, imitando a natureza, parece por um momento vencer, deixando a vida um pouco mais alegre. Funciona por contraste. Um estranhamento que dialoga com a arte que cita e se alimenta da realidade circundante. Como numa ciranda, vai dando as mãos a todas as proposituras artísticas que entram no baile para fazer seu momento, antropófagos alucinantes. O anti-herói e o santo guerreiro se unem para questionar a realidade, trazendo para a praça qualquer forma de arte que sirva para a discussão.

Esta e outras inversões ocorrem porque quem encena esta peça é a Companhia São Jorge de Variedades, um grupo de teatro fundado em 1998, e que se torna uma das importantes companhias brasileiras. Neste espetáculo, parece tecer sua história, não nos épicos das letras do desfile carnavalesco, mas nas letras e músicas do mais paulistano dos paulistanos: Adoniran Barbosa e do carioca Stanislaw Ponte Preta, no seu Samba do Criolo Doido. Aliás, as músicas são um dos pontos altos e chave da narrativa mostrada, pois envolvem o público e elenco no sabor da história. A trilha, ou melhor, o caminho musical, foi urdido com muita habilidade por Georgette Fadel, Nina Blauth e Jonathan Silva, estabelecendo um panorama da memória musical brasileira durante todo o espetáculo, o que envolve citações ao vivo do rock ao bolero, passando por Dorival Caymmi e composições de próprio punho inscritas em nossa tradição musical.

A dramaturgia colaborativa de Marcelo Reis e Alexandre Krug, em conjunto com a direção, estabelece os paradigmas da Cia São Jorge de Variedades.

Cozinham uma construção conjunta que desenrola o processo, desde o esquema inicial de criação com os artistas até o final com o público, participe em todo o espetáculo. Não é dramaturgia, é um cortejo, vivem as memórias que apresentam, na discussão que se estabelece e nos olhares de cumplicidade que envolve todo espetáculo. Querem navegar contra a corrente individualista que assola o país. Como afirma o diretor, a manutenção de uma equipe de dezenove atores e atrizes em si já é uma opção, ao contrapor a multidão de artistas descortinando suas cenas contra as opções dos elencos reduzidos, num contexto que impulsiona cada vez mais os artistas e os cidadãos ao individualismo. Figurinos, cenários, adereços, mostram força por sua simplicidade, forjando um teatro rico nas simples soluções.

Por que lutar sozinho? É a pergunta que atravessa o espetáculo e a estética, apresentando São Jorge e seus cavaleiros. Após a derrota dos sonhos quixotescos, na emblemática cena dos moinhos, abrem um momento final para o público e os artistas se darem as mãos e celebrar, numa ciranda pelo menos, a arte das praças, num momento de comunhão humana. Derrotar o Quixote individual e assumir o compromisso coletivo é um desejo ainda sadio e necessário de se ter.

Os atores e atrizes, todos, mostram uma convincente história de uma companhia de teatro que atravessa o mar real e o sertão imaginário, nesta saga da arte que derrota o real e o imaginado. Uma evidente provocação ao teatro político brasileiro. A peça é um emaranhando e divertido passear de citações artísticas, a fórmula é simples: o trabalho coletivo, a unidade de todos numa ciranda é o caminho para reverter mazelas de nosso povo. Mas onde inova é que ela entretece num coletivo também os elementos vários da cultura circundante, com os olhos cheios de amores e dores. A novidade é a composição, como anjos olham a história e compõem os cacos da cultura com qualquer elemento que apareça, sem cerimônia e com alegria.

Estabelecem, como em Cervantes, uma ordem desordenada onde a paródia revela os simples contrastes e a metáfora nos faz perceber a beleza da arte. Vencem os entrepostos da miséria estabelecida, na ordem desordenada. Mas, o mais interessante para o conhecedor das lides teatrais é o mosaico que fazem do próprio teatro, no início parece uma antiga peça do Teatro de Arena de São Paulo, nos musicais da década de sessenta, depois do Teatro União e Olho Vivo, lembrando Corinthians Meu Amor, costuradas pelas técnicas do monge Amir Haddad (que auxiliou na montagem), compondo um painel crítico que tenta reescrever, desde longe, as formas do teatro e da arte política no Brasil, nesse início do século XXI.

Parece não ser coincidência o fato de que a peça teve como pano de fundo uma passeata alegre dos carteiros em greve, que insistia em passar ao longe, com seus apitos e cartazes, lembrando que a arte dos artistas e a vida do público se encontram, num momento fugaz.

---

*"O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado"*. 12 de julho de 2008. Robson Corrêa de Camargo.

---

Robson Corrêa de Camargo é diretor e professor de teatro da Universidade Federal de Goiás. Trabalha atualmente nas encenações de "Despertar da Primavera", "Senhora dos Afogados" e "Macbeth". Doutor em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo, com tese sobre o Espetáculo do Melodrama. Atuou como crítico teatral nos jornais Folha de São Paulo e Movimento.



## **“O Santo GUERREIRO e O HERÓI DESAJUSTADO”**

### **ACORDA POVO, VEM CIRANDAR OU FAÇO CHOVER**

Sexta-feira. Sabe aquele dia em que você tá com o sono e o trabalho acumulados da semana toda? Aquele dia em que você já sabe desde que saiu da sua casa que vai enfrentar um puta trânsito pra voltar? Então, é no meio de um destes dias que a **Companhia São Jorge** convida os passantes da praça da República e, claro, seus moradores, pra cirandar (eles também estão lá nos finais de semana, mas disso o Fabrício já falou).

Bem, eu fui cirandar. De novo. Com Dom Quixote e São Jorge juntos, pra notar o quanto são complementares esses dois rapazes. Veja bem, São Jorge não está nessa história só porque é nome da companhia, né?! Até poderia, mas não. Na sutileza da música: “eu sou Quixote, sonhador, São Jorge guerreiro eu sou”, o grupo delineia um perfil muito típico, construindo uma linda metáfora em que a doçura e a esperança infinitas do fidalgo que enlouquece de tanto ler se misturam com a força e a coragem de São Jorge resultando no paulistano. Assim, os sonhadores também são guerreiros, que sonham, mas não se conformam. Têm suas ilusões, sim, mas administram-nas lado a lado com a luta cotidiana.

E, se a intenção é regar a luta cotidiana com esperança, nada melhor que uma praça no centro de São Paulo, cheia até a boca de cotidianos que precisam muito dessas ilusões quixotescas (no melhor dos sentidos). Numa linda cena, os gigantes que atacam Dom Quixote (lembra? Aqueles que por conta de o mundo estar enfeitado, só Dom Quixote vê como gigantes; os outros veem como simples moinhos) promovem um “bailinho” ao som de “O Mundo é um Moinho”, do Cartola. Neste momento, um morador de rua que passeava por ali, soltando vários “filho da puta” e mancando por ter um dos pés torto, foi tirado pra dançar e deu um show de rebolado. Emocionante. Mais emocionante do que ele só um garoto que, de cima da árvore, com a cabeça coberta com um papelão, observava tudo caladão, meio tristonho. Enquanto todos sorriam, parecia que nele a arte e a alegria que ela semeava não conseguiam tocar. Foi quando um dos atores em uma perna de pau subiu na mureta e deu três tapinhas no papelão que cobria a cabeça do garoto, que riu. Ele riu. E pronto.

Não tinha tanta gente quanto no final de semana, não tinha uma Dulcinéia-moradora-de-rua-atriz-contratada, mas perdi a conta de quantos comentários eu ouvi de pessoas que tiveram que abandonar o espetáculo para voltar pra labuta e reencontrar, cada um, sua própria Dulcinéia-São-Paulo (no trabalho, na caminhada, no assalto na esquina, no trânsito, no coco de cachorro, na garoa). Um deles, aliás, chegou a dizer: "vale até tomar chuva!", antes de ir pro seu escritório coberto. Sim, chuva. Afinal, depois que eu cheguei, veio a garoa. Caros, isto é um aviso: se você faz uma peça de rua ou que tenha algum trecho que aconteça ao ar livre, não me chame! Eu faço chover. E nem é por maldade.

---

## 5 Gotas na testa

---

PS: Cada apresentação de **"O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado"** conta com a participação de um grupo paulistano de música ou teatro. Justamente neste dia, quem esteve lá cantando e tocando foi o pessoal do Ventoforte, que está em cartaz com "A Casa do Gaspar ou Kaspar Hauser, o Órfão da Europa", peça para onde eu também já levei chuva. Não digam que eu não avisei...

---

*BACANTE*. 12 de janeiro de 2008. Juliene Codognotto.



- [Críticas](#)
- [Rate-Papers](#)
- [Especial](#)
- [Galerias de Fotos](#)
- [Blog](#)
- [Quem Nilo Somos](#)
- [Editorial](#)
- [Colabore](#)
- [Facebook](#)
- [Twitter](#)

### O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado

[Críticas](#) | [Fabrício Muriana](#) | 24 de setembro de 2007 | [4 comentários](#)

#### Manual da ode a São Paulo

Leia também a [crítica de Juliene Codognotto para este espetáculo](#).

Fotos: Zeca Caldeira



Acho cada vez mais difícil fazer odes a qualquer coisa sem cair numa breiguice chata. Odes, já ensinou o Mário de Andrade, são boas mesmo quando falam mal, quando criticam, enfim, quando não são odes. Essa deve ter sido a premissa da [Cia São Jorge de Variedades](#) ao começar a pesquisa de seu último trabalho: **O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado**.

<https://www.bacante.org/critica/santo-guerreiro-e-o-heroi-desajustado/>



O primeiro é o guerreiro que monta o cavalo e luta com o dragão, Ogum para alguns, é personagem de um dos episódios do *Mundo da Lua de Lucas Silva*, e está no nome e no sangue da Companhia. São Jorge está lá para apresentar o segundo, o fidalgo mais conhecido da literatura mundial, que enxerga o mundo sem o feitiço cotidiano: Dom Quixote. Ele veio parar na praça da República, pra mostrar tudo o que terá de enfrentar por sua honra de cavaleiro e seu amor por Dulcinéia.

Olha, eu já tinha pensado na Dulcinéia de tudo quanto era jeito: feia, bonita, alta, magra, desdentada, esquelética, homem, sapatona, prostituta, inconsciente coletivo, mas nunca, nem nos meus mais profundos delírios de ácido eu diria que Dulcinéia é São Paulo. Por isso existe o trabalho desse grupo: ressignificar Dulcinéia e São Paulo, como uma coisa só.

Este Dom Quixote passa toda sua trajetória procurando por uma Dulcinéia que vai se revelando cheia de moradores de rua, motoboys, camelôs, cheiradores de cola, madames com poodles e, óbvio, ele enfrentará os famosos moínhos de vento. Aqui, Dulcinéia é poluída, problemática, mas nem por isso faz perder a paixão que todo paulistano tem em organizar a vida no amor e ódio diário por essa cidade doída. Aqui está a Ode. Não há como falar de São Paulo com mais um sermão da Globo. Eu não vou assistir e quem for vai achar chato ou pelo menos repetitivo. São Paulo é revelada das entranhas quando um grupo resolve apresentar seu espetáculo na Praça da República, uma homenagem torta, um personagem torto, como nós, que procuramos uma beleza que cada vez fica mais difícil de encontrar.

Não tenho a menor dúvida de que esta peça será resenhada diversas vezes, assim como já foi noticiada em toda imprensa paulistana, por isso vou me ater a uma única história que aconteceu no dia em que assisti. Sentada ao meu lado, estava uma moradora de rua que não parava de falar ao longo de todo o espetáculo. Em dado momento, ela saiu e foi buscar um "trago". Quixote, já nos seus delírios finais clama por Dulcinéia, e eis que ela é personificada por essa moradora, que ressurge, entra em cena sem ser chamada e afirma, cara a cara com o fidalgo: "Eu sou Dulcinéia!". Quixote desconcertado não quer enxergar a verdade, mas ela insiste: "Eu tomei um pouco de Sol, mas sou eu". E a partir daí ela fará dupla com Sancho Pança, seguirá na procissão e dará a impressão de que tinha sido contratada. Claro que não, aquilo é simplesmente um dos fatos que faz deste dia de apresentação, como todos os outros, plenamente único.

Afirmando o movimento dos grupos, que é o legado mais importante do teatro dessa cidade, os integrantes da Cia São Jorge de Variedades produzem um espetáculo profundamente nudo e micro-político, sem serem panfletários e chatos. Uma experiência emocionante (no sentido menos piegas da palavra), daquelas pra se

02/11/2020

Bacante x O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado

guardar no canto mais gostoso da memória de todos aqueles que acordam, andam, vivem, choram e fazem odes diárias a São Paulo.

300 pessoas reunidas, pelo menos, assistindo na praça. E cabia muito mais.

204

## O SANTO GUERREIRO E O HERÓI DESAJUSTADO" Manual da ODE a SÃO PAULO

Acho cada vez mais difícil fazer odes a qualquer coisa sem cair numa breiguice chata. Odes, já ensinou o Mário de Andrade, são boas mesmo quando falam mal, quando criticam, enfim, quando não são odes. Essa deve ter sido a premissa da Cia. São Jorge de Variedades ao começar a pesquisa de seu último trabalho: **"O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado"**. O primeiro é o guerreiro que monta o cavalo e luta com o dragão, Ogum para alguns, é personagem de um dos episódios do Mundo da Lua de Lucas Silva e Silva e está no nome e no sangue da Companhia. São Jorge está lá para apresentar o segundo, o fidalgo mais conhecido da literatura mundial, que enxerga o mundo sem o feitiço cotidiano: Dom Quixote. Ele veio parar na praça da República, pra mostrar tudo o que terá de enfrentar por sua honra de cavaleiro e seu amor por Dulcinéia.

Olha, eu já tinha pensado na Dulcinéia de tudo quanto era jeito: feia, bonita, alta, magra, desdentada, esquelética, homem, sapatona, prostituta, inconsciente coletivo, mas nunca, nem nos meus mais profundos delírios de ácido eu diria que Dulcinéia é São Paulo. Por isso existe o trabalho desse grupo: ressignificar Dulcinéia e São Paulo, como uma coisa só.

Este Dom Quixote passa toda sua trajetória procurando por uma Dulcinéia, que vai se revelando cheia de moradores de rua, motoboys, camelôs, cheiradores de cola, madames com poodles e, óbvio, ele enfrentará os famosos moinhos de vento. Aqui, Dulcinéia é poluída, problemática, mas nem por isso faz perder a paixão que todo paulistano tem em organizar a vida no amor e ódio diário por essa cidade doida. Aqui está Ode. Não há como falar de São Paulo com mais um seriado da Globo. Eu não vou assistir e, quem for, vai achar chato ou pelo menos repetitivo. São Paulo é revelada das entranhas quando um grupo resolve apresentar seu espetáculo na Praça da República, uma homenagem torta, um personagem torto, como nós, que procuramos uma beleza que cada vez fica mais difícil de encontrar.

Não tenho a menor dúvida de que esta peça será resenhada diversas vezes, assim como já foi noticiada em toda imprensa paulistana, por isso vou me ater a uma única história que aconteceu no dia em que assisti. Sentada ao meu lado, estava uma moradora de rua que não parava de falar ao longo de todo o espetáculo. Em dado momento, ela saiu e foi buscar um “trago”. Quixote, já nos seus delírios finais clama por Dulcinéia, e eis que ela é personificada por essa moradora, que ressurge, entra em cena sem ser chamada e afirma, cara a cara com o fidalgo: “Eu sou Dulcinéia!”. Quixote desconcertado não quer enxergar a verdade, mas ela insiste: “Eu tomei um pouco de Sol, mas sou eu”. E a partir daí, ela fará dupla com Sancho Pança, seguirá na procissão e dará a impressão de que tinha sido contratada. Claro que não, aquilo é simplesmente um dos fatos que faz deste dia de apresentação, como todos os outros, plenamente único.

Afirmando o movimento dos grupos, que é o legado mais importante do teatro dessa cidade, os integrantes da **Cia São Jorge de Variedades** produzem um espetáculo profundamente macro e micropolítico, sem serem panfletários e chatos. Uma experiência emocionante (no sentido menos piegas da palavra), daquelas pra se guardar no canto mais gostoso da memória de todos aqueles que acordam, andam, vivem, choram e fazem odes diárias a São Paulo.

---

*Bacante*. 24 de setembro de 2007. Fabrício Muriana.



# QUEM NÃO SABE MAIS QUEM É, O QUE É E ONDE ESTÁ, PRECISA SE MEXER





|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|--|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|  | <p><i>“Não sou Hamlet. Não represento mais nenhum papel. Minhas palavras já não me dizem mais nada. Os meus pensamentos sugam o sangue das imagens. Meu drama não se realiza mais. Atrás de mim monta-se a cena. Por pessoas às quais meu drama não interessa. Para pessoas as quais ele nada importa. A mim também ele já não interessa.”</i></p> |
|  | <p>(Trecho da dramaturgia “Quem Não Sabe Mais...”.- Heiner Muller /“Hamlet Machine”.)</p>                                                                                                                                                                                                                                                          |

Em “**Quem Não Sabe...**”, a ação começa na rua, onde os três atores se encontram e conduzem o público a um provocativo e bem-humorado “passeio” em volta da quadra, numa intervenção que causa variadas reações e ruídos no cotidiano, dialogando com os que trabalham e passam e instando o público a questionar a ordem estabelecida. Da rua, o público é levado até a sede, onde entra na lúdica cenografia de um apartamento, ou melhor, um “aparelho revolucionário”. Sem assumir personagens específicos, chamando-se por seus próprios nomes, as duas atrizes e o ator ali enclausurados buscam revelar mecanismos cotidianos, os mitos e forças que permeiam nossa rebeldia, tédio e esperança de um mundo melhor, tocando a complexidade de nossos vícios e o contemporâneo de nossas frustrações. Ao fim do espetáculo, os 3 atores voltam para a amplidão das ruas, num final “sem final”, misturado à vida.

A geração nascida a partir da década de 70, parte dela, cresceu ouvindo falar do fracasso da revolução, o fracasso do sonho, alimentados pelas ideias de inutilidade, incapacidade de se lutar por algo, aliadas à falta de sentido da vida.

Herdeiros diretos dos sonhos esmagados dos anos 60, adolescentes nos anos 80, adultos de 2009, aprendizes de si em busca de novas estratégias, em busca da atualização das vontades, despregando-se dos gritos do passado e gritando, ainda desajeitadamente pela possibilidade do presente e futuro.

Em **“Quem Não Sabe Mais...”**, a companhia faz um autorretrato bem-humorado, mas cruel. Há energia, vontade, clareza, mas estamos deslocados do centro da ação, presos nos muitos apartamentos. Do jeito certo na hora errada, na hora certa no lugar errado etc. Os personagens da peça são cheios de vida e intenções, têm inteligência, ideais, coração, mas vivem o patético da ação aprisionada.

Mas a forma da peça tenta se confrontar com o tom pessimista em relação ao destino humano. O trabalho em direção a uma interferência real no fluxo cotidiano, criando imagens, personagens, figuras deslocadas da lógica vigente habitando as paisagens das cidades, instauram a via artística como possibilidade real a cada instante, o mundo como espaço sem limites de invenção, intervenção e comunicação.

**“Quem Não Sabe mais Quem É, O Que É E Onde Está, Precisa Se Mexer”** ganhou forma a partir da pesquisa e improvisação sobre o universo de Heiner Müller. As peças do autor alemão, suas entrevistas e a intensidade de seu discurso dão o tom do espetáculo.

Foram 3 provocações que moveram o processo criativo da montagem, provocações com implicações temáticas, éticas e estéticas que estão intrinsecamente colocadas em Müller. São elas: a necessidade de reflexão histórica, a busca de uma relação verdadeira e viva com o público, a luta contra domesticação do teatro, que pode ser expressa nas oposições sucesso e efeito, ou entretenimento versus interferência.

*“Sou Ofélia, a mulher na forca, a mulher com as veias cortadas, estou só com os meus seios, minhas roupas e meu ventre. Arrebento os instrumentos do meu cativeiro: a cadeira, a mesa, a cama... Destruo o campo de batalha que foi o meu lar, escancaro as portas pra que o vento possa entrar e o grito do mundo! Toco fogo na minha prisão, atiro minhas roupas no fogo e vou pra rua, vestida em meu sangue - vou pra rua.”*

(Trecho da dramaturgia “Quem Não Sabe Mais...” - Heiner Müller / “Hamlet Machine”).

## HISTÓRICO DE APRESENTAÇÕES

- Estreia em 2009, com 02 temporadas com 36 apresentações na sede da Cia São Jorge de Variedades. (Barra Funda, São Paulo, SP);
- Temporada de 18 apresentações no espaço da Cia. Livre, também no bairro da Barra Funda (São Paulo, SP), 2011;
- Mostra Folias - Galpão do Folias (São Paulo, SP), 2011;
- Centro Cultural Monte Azul (São Paulo, SP), 2009;
- Sacolão das Artes - Sede da Cia. Brava (São Paulo, SP), 2011;
- Mostra - Engenho Mostra um Pouco do Gosta - Sede do Grupo Engenho (São Paulo, SP), 2010;
- FIT - Festival Internacional de São José do Rio Preto, SP, 2010;
- Festival Nacional do Teatro de Recife, Recife, PE, 2010;
- Fiac Bahia/BA, 2010;
- Tempo Festival das Artes do Rio de Janeiro, RJ, 2010;
- Projeto de ocupação da Caixa Cultural Rio de Janeiro/RJ e Caixa Cultural Brasília/BSB, 2011;
- Circulação Nacional no Norte do Brasil - Acre: Rio Branco, Porto Acre, 2010;
- Circulação Nacional no Norte do Brasil - Rondônia: Porto Velho, Ariquemes, 2010;
- Guaratinguetá/SP com o projeto Petrobrás Ao Coro Retornarás, 2011;
- 35º FITEI – Festival Internacional de Expressão Ibérica – de Portugal, se apresentando em Guimarães (cidade capital da Cultura Europeia 2012) e a convite da Mostra São Palco, em Coimbra, organizado pelo Teatrão, 2012.

## PREMIAÇÕES

- Prêmio Shell de Teatro na categoria Especial 2009 pela Criação do Espetáculo;
- Melhor Estreia de 2009 pela Folha de São Paulo;
- 12ª Edição do Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de S.Paulo (2008);
- Prêmio Funarte Myriam Muniz 2010.

## FICHA técnica

Dramaturgia :: **Cia São Jorge de Variedades** sobre a obra de **Heiner Müller**

Direção :: **Georgette Fadel**

Atores Criadores :: **Marcelo Reis, Mariana Senne e Patrícia Gifford**

Consciência Corporal :: **Erika Moura**

Direção de Movimento :: **Lu Brites**

Tratamento de Figurino :: **Foquinha**

Direção de Produção :: **Carla Estefan**

Assistência de Direção :: **Paula Klein**

Direção de Arte, Cenário e Figurinos :: **Rogério Tarifa**

Produção Executiva :: **Isabel Soares**

Equipe Técnica :: **Glauber Pereira, Edson Luna, Rodrigo Ramos e Andreas Guimarães**

Designer Gráfico :: **Sato do Brasil**

Registro em Foto e Vídeo :: **Cacá Bernardes e Bruna Lessa**

Assessoria de Comunicação :: **Nossa Senhora da Pauta - Frederico de Paula**

## 90 ■



Georgette Fadel projeta um enorme buraco negro cênico, vácuo que vai lenta e minuciosamente sugando toda a representação e esvaziando o espetáculo de qualquer potência ou densidade, até seu derradeiro esgotamento. É um movimento sutil que se afirma aos poucos e afasta espectadores convencionais, mas não deixa de ser brilhante e renovador.

---

## **sensação DE RISCO**

---

Na primeira parte, quando os espectadores são levados por um passeio pela Barra Funda e são propostas intervenções-relâmpago, com faixas estendidas entre postes, fixação de cartazes nos muros, e estímulo à sensação de risco, já se antevê a estratégia de desmonte.

Diante do teatro São Pedro, declara-se o que será repetido várias vezes depois. Eles, atrizes e ator, já não são Hamlet e já não representam nenhum papel. Há uma ambiguidade na situação, pois eles vestem figurinos e jogam com os espectadores um faz-de-conta de que se vive uma ação revolucionária. Assim, quando se retorna ao espaço da companhia, qualquer encanto que aquelas ações pudessem ter sugerido já se tornou contrafação.

O que prossegue na segunda parte não é um drama, ou uma história que se queira narrar. É a continuação dessa espécie de faxina geral que o espetáculo propõe nos procedimentos supostamente engajados e nas aspirações pretensamente elevadas que ainda se possam cultivar.

A despeito dos aspectos cômicos que se configuram, é um doloroso extirpar de ilusões, e realizado na própria carne do grupo, ou daquelas individualidades que ali se despem de qualquer autoengano. É um movimento coerente com a perspectiva de Müller, ele também um crítico ácido de qualquer sublimação otimista. A desmontagem de expectativas estéticas que esse pseudoespetáculo opera tem a potência de revitalizar a cena paulistana, exatamente pelas constrições que se autoimpôs e por não ter evitado, mesmo em seus entusiasmos, malograr.

Importante ressaltar que, além do claro gesto, ao mesmo tempo inventivo e provocador, de Fadel, o êxito desta antiobra não teria se efetivado sem o talento desses atuantes que já não querem representar, mas, mesmo assim, se lançam enérgicos, e por inteiro, no vazio.



É um trecho da peça “Hamlet Machine”, de Heiner Müller, autor que refletiu sobre a crise da representação dramática. Para João Paulo Araújo de Souza e seu amigo Samuel da Costa, garotos de 11 anos em uniforme escolar, a frase é um completo enigma. Mas, a exemplo do jovem Hamlet, João Paulo se sente desafiado a decifrá-lo – o que é Hamlet?, pergunta a um adulto próximo. “Pega!” Grita alguém do boteco em frente. “Vem pegar”, retruca a atriz. Ninguém ousa. “Depois o louco sou eu”, comenta um homem vestido com roupas rotas, observando a passagem do grupo que já segue a atriz no ensaio acompanhado pelo Estado [jornal]. “Teatro político não é aquele que está ao lado de uma força estabelecida, mas sim o que provoca reação.” A frase, do encenador Matthias Langoff em entrevista publicada na revista Vintém, da Cia do Latão, parece se encaixar perfeitamente no pensamento que funda esse espetáculo. Georgette, premiada e elogiada como encenadora e atriz-intérprete de Elizabeth I em “Rainha(s)” – fundadora e uma das diretoras da Cia São Jorge, grupo cujo talento coletivo já foi igualmente reconhecido – fala de sua insatisfação.

“Somos parte de uma geração que cresceu ouvindo falar do fracasso do socialismo. Temos a nostalgia desse movimento interrompido, mas não houve fracasso e sim aniquilação.” O texto do espetáculo costura trechos de peças e entrevistas de Heiner Müller com outras inserções, como um texto de Rosa de Luxemburgo. Ela foi assassinada, como muitos outros ‘revolucionários’, e jogada ao rio.” Artaud dizia ser Van Gogh um ‘suicidado pela sociedade’. Da mesma forma, a ideia de que a utopia de um mundo justo foi ‘fracassada’ e deve ser retomada sob outros parâmetros parece alimentar o desejo de expressão dos integrantes da São Jorge. “Mas sinto que nossos ídolos ainda são os mesmos”, diz Georgette. “Nós, da Cia São Jorge, estamos neste movimento de tentar provocar um outro tipo de compreensão. Até para nós mesmos. Temos de dar um salto. Não se trata mais de demolir o mundo como na década de 60, há que se ter bom humor para retratar talvez até quanto estamos perdidos, mas gostaria, sim, que fosse também uma arte sangrenta. Eu não me sinto satisfeita com o bom gosto de nosso teatro de grupo, não estou supercontente com isso”, diz Georgette. E cita Müller: “Eu sou Ofélia. A mulher na forca. A mulher com as veias cortadas. Destruo o campo de batalha que foi o meu lar. Escancaro as portas para que o vento possa entrar e o grito do mundo. Vou para a rua, vestida no meu sangue.”

Voltando à montagem, abre-se o palco e a cenografia remete a um apartamento a um só tempo estranho e reconhecível. O lugar onde se habita, se pode namorar e comer bananas no sofá, mas também palco onde o homem cria e simboliza. Espaço que será, aos poucos, ampliado pelos atores, que tomam a ‘sala de espera’ e, ao fim, saem para a rua, destino não definido para o público.





Do caldeirão, emerge a pergunta: sonhos libertários como os de três, quatro décadas atrás, ainda são viáveis, ou todo gesto revolucionário está hoje fadado ao anacronismo? Surpreendidos pelo cortejo inusitado, os vizinhos da companhia respondem a seu modo. "O barato é doido!", exclama o funcionário da oficina mecânica, diante do homem caracterizado de executivo que murmura frases como "o poder é solitário" e "o tempo já não trabalha a meu favor".

Mal sabe ele que, na esquina seguinte, o ator trocará o terno por um short azul e um cocar de índio. Diante da seminudez, a menina de mochila nas costas reage: "Sai fora, neném!". Não verá o desassossegado que, depois de buzinar sem sucesso para a atriz que anda no meio da rua, cavará um espaço na esquerda e sairá cantando pneu. Na volta à sede da São Jorge, ponto de partida do cortejo, quem tem ingresso conhece o "aparelho" em que se encontram os três revolucionários temporões que perambulavam há pouco pelo bairro: "Eles são quase uma paródia da própria companhia, que se reúne para brincar, falar o que pensa, cantar, sem saber muito por quê. O certo é que é preciso se mexer, ainda que com ações deslocadas, patéticas. É essa a provocação que o Müller faz: destruir nossa ordem interna, sair de nós mesmos", diz a diretora, Georgette Fadel, 35.

---

## **Sem Partidarismos**

---

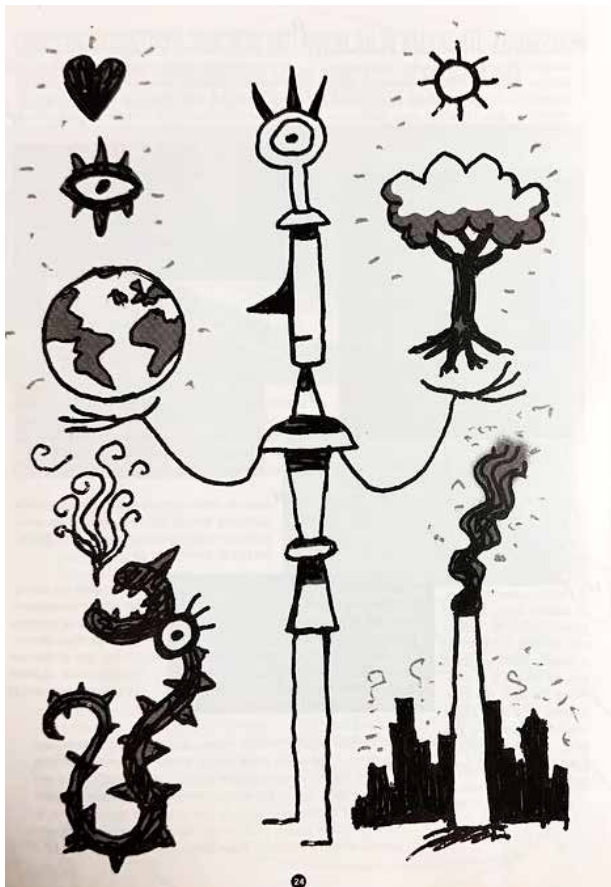
Daí o movimento expansionista, em direção à rua, que a peça encontra no fim. "Precisamos deixar de lidar com as pessoas como provedoras, conhecê-las de fato. E não é um discurso 'paz e amor', mas sim de declarar guerra a nós mesmos, pois o outro revela nossas sombras", observa Fadel. Apesar da filiação socialista de Müller, a diretora acha que o texto transcende inclinações partidárias: "Estou falando de PFL (atual DEM), PT e PMDB dentro de mim. Se fossem só forças externas, poderia tomar uma posição e dizer tchau". Além de **"Quem Não Sabe..."**, Fadel dirige outro espetáculo em cartaz em São Paulo: "Cem Gramas de Dentes", da Cia Azul Celeste, de São José do Rio Preto (SP). O texto de Bosco Brasil narra o encontro de um matador com um líder comunitário.

"Ambos mostram crianças brincando de jogos adultos. Em **"Quem Não Sabe..."**, é como se o 'aparelho' fosse um playground que aprisiona. Não é uma crítica simples, porque, como artistas, também queremos brincar. Mas há enroscos na psique de que a criança em nós talvez não dê conta", diz a diretora. Sorte do menino Caíque, aquele que entrou na brincadeira da São Jorge sem nem desconfiar o que se passava.

---

*FOLHA DE SÃO PAULO, ILUSTRADA. 11 de março de 2009. Lucas Neves.*





## QUEM NÃO SABE MAIS QUEM É O QUE É E ONDE ESTÁ PRECISA SE MEXER

Estes comentários são sobre a apresentação de quinta-feira, dia 19 de março. Numa obra como essa, assinalar o dia em que foi vista é fundamental, uma vez que não se trata de algo que se "coloque" como fechada e acabada. Sua característica é de outra ordem, a meu ver (claro, você me dirá, é você quem está escrevendo). Vamos lá. A itinerância pelo bairro abre uma janela importante para começar a se entender esse novo espetáculo de vocês. O público é convidado a, de alguma maneira, conhecer onde está localizado e onde se dará, geograficamente, falando em termos urbanos, o espetáculo que veio para assistir. Ou seja, transitar pelo bairro, às 12 horas de um dia da semana, é um convite pra se entender o seu cotidiano, no caso fabril e de serviços, sendo que nessa hora os trabalhadores gozam a parada do almoço. No seu horário de descanso, veem a passagem de uma representação teatral que, mesmo estando em seu bairro, não terão a possibilidade de conhecer no todo, já que do "espetáculo" só veem aquilo que transita pelas ruas do bairro. Como trabalhadores, já devem estar acostumados a ver e receber informações truncadas. O público que segue os criadores/fazedores são os privilegiados que conhecerão a todo do espetáculo. Como diz a personagem, "a revolução começa como um passeio" – frase escrita em cartolina que é pregada num muro do bairro. E o passeio vai apresentando o bairro e os "criadores/fazedores" da Cia. São Jorge nessa sua nova "reflexão" sobre a realidade atual (?), o papel do indivíduo (?), o que sobrou para a geração dos nascidos no pós-1964, como os da São Jorge (?). (As interrogações e exclamações, mais do que significar o que demonstram como sinal gráfico, simbolizam o que este que escreve pensa de possíveis janelas para a sua decodificação.) Esse teatro processional contemporâneo, totalmente mundano, mesmo utilizando uma forma sacra medieval,

insere-se na intervenção artística que usa o "popular/profano" para se comunicar com aqueles que cruzam o seu caminho. Mesmo que às vezes, como se soasse fora de tom (caso do texto de Hamletmachine em frente ao Teatro S. Pedro), utilize "falas construídas dramaticamente e empoladas". Por sinal, esse encontro entre os seguidores/atrizes e o Teatro S. Pedro, teatro do bairro que está distante da população e cuja programação dirige-se a uma classe social que tem uma relação mais natural com a criação cultural e que não é do bairro, é um momento que pode e deve ser mais explorado como sendo a "utilidade inútil" da dita arte erudita e dos equipamentos culturais da cidade administrados pela "elite branca", como são chamados, pelo nosso ex-governador Claudio Lembo, aqueles que detêm o Capital. Percorrido o itinerário do bairro, volta-se ao TEATRO da São Jorge. Um espaço com poucos lugares, para um público pequeno, não convencional, com um cenário em forma de palco italiano, isto é, frontal, com saídas, coxias. Volta-se para aquilo que é mera convenção, que está no território do estético. (O passeio pelo bairro pode-se dizer que se encontra no cruzamento do estético e do ético (?)). Um apartamento, onde os objetos não estão colocados realisticamente, mas cumprem uma "função". Com o desenvolvimento da encenação, daremos conta das suas possíveis significações simbólicas ou não. Novamente a cena é historicizada – um noticiário local é ouvido pelo público enquanto os criadores/fazedores bebem, comem e se (re)conhecem. Em seguida um "desfile" em que tipos (pode-se dizer que de diferentes gerações e profissões) passam pela habitação/palco. Ainda estamos no prólogo do que virá a ser o espetáculo (?), ainda a revolução é um passeio etnográfico e iconográfico, nada que não seja assimilável pelo público e, em muitas cenas, risível.

## “QUEM NÃO SABE MAIS QUEM É, O QUE É E ONDE ESTÁ, PRECISA SE MEXER”

Estes comentários são sobre a apresentação de quinta-feira, dia 19 de março. Numa obra como essa, assinalar o dia em que foi vista é fundamental, uma vez que não se trata de algo que se "coloque" como fechada e acabada. Sua característica é de outra ordem, a meu ver (claro, você me dirá, é você quem está escrevendo). Vamos lá. A itinerância pelo bairro abre uma janela importante para começar a se entender esse novo espetáculo de vocês. O público é convidado a, de alguma maneira, conhecer onde está localizado e onde se dará, geograficamente, falando em termos urbanos, o espetáculo que veio para assistir. Ou seja, transitar pelo bairro às 12 horas de um dia da semana é um convite pra se entender o seu cotidiano, no caso fabril e de serviços, sendo que nessa hora os trabalhadores gozam a parada do almoço. No seu horário de descanso, veem a passagem de uma representação teatral que, mesmo estando em seu bairro, não terão a possibilidade de conhecer no todo, já que do "espetáculo" só veem aquilo que transita pelas ruas do bairro". Como trabalhadores, já devem estar acostumados a ver e receber informações truncadas. O público que segue os criadores/fazedores são os privilegiados que conhecerão a todo do espetáculo.

Como diz a personagem, “a revolução começa como um passeio” – frase escrita em cartolina que é pregada num muro do bairro. E o passeio vai apresentando o bairro e os criadores/fazedores da Cia São Jorge nessa sua nova “reflexão” sobre a realidade atual (?), o papel do indivíduo (?), o que sobrou para a geração dos nascidos no pós-1964, como os da São Jorge (?). (As interrogações e exclamações, mais do que significar o que demonstram como sinal gráfico, simbolizam o que este que escreve pensa de possíveis janelas para a sua decodificação). Esse teatro processional contemporâneo, totalmente mundano, mesmo utilizando uma forma sacra medieval, insere-se na intervenção artística que usa o “popular profano” para se comunicar com aqueles que cruzam o seu caminho. Mesmo que às vezes, como se soasse fora de tom (caso do texto de “Hamlet Machine” em frente ao Teatro São Pedro), utilize “falas construídas dramaturgicamente e empoladas”. Por sinal, esse encontro entre os seguidores/atriz e o Teatro São Pedro, teatro do bairro que está distante da população e cuja programação dirige-se a uma classe social que tem uma relação mais natural com a criação cultural e que não é do bairro, é um momento que pode e deve ser mais explorado como sendo a “utilidade inútil” da dita arte erudita e dos equipamentos culturais da cidade administrados pela “elite branca” (como são chamados), pelo nosso ex-governador Claudio Lembo, aqueles que detêm o Capital.

Percorrido o itinerário do bairro, volta-se ao TEATRO da São Jorge. Um espaço com poucos lugares para um público pequeno, não convencional, com um cenário em forma de palco italiano, isto é, frontal, com saídas, coxia. Volta-se para aquilo que é mera convenção, que está no território do estético. (O passeio pelo bairro, pode-se dizer que se encontra no cruzamento do estético e do ético [?!]). Um apartamento, onde os objetos não estão colocados realisticamente, mas cumprem uma “função”. Com o desenvolvimento da encenação, daremos conta das suas possíveis significações simbólicas, ou não. Novamente a cena é historicizada – um noticiário local é ouvido pelo público enquanto os criadores/fazedores bebem, comem e se reconhecem. Em seguida, um “desfile” em que tipos (pode-se dizer que de diferentes gerações e profissões) passam pela habitação/palco. Ainda estamos no prólogo do que virá a ser o espetáculo [?!?!], ainda a revolução é um passeio etnográfico e iconográfico, nada que não seja assimilável pelo público e, em muitas cenas, risível.

Uma mudança radical e exasperadora: vestida como uma “crente das religiões da reforma” – batista, protestante, universal, etc e tal (ou estou errado sobre o modelito usado?) –, a jovem atriz faz um grande apelo proselitista sobre a necessidade de se tomar uma “atitude”, de se encontrar os “instrumentos” capazes de contribuir com a transformação, tudo dito muito veementemente e em muitas ocasiões, sem “caprichar” para ser entendida, como é de hábito nas

"pregações políticas proselitistas". Afinal, por que entender tudo quando a mensagem nada nos diz? Creio que a jovem atriz deve ter sentido isso em uma série de encontros, debates e discussões políticas de que tenha participado, quando os oradores não fazem parte de sua geração e têm um velho discurso "militante" que, para o mais jovem, nada diz do que ele quer ouvir. É o início do que poderia ser chamado de um grande "grito mudo" inconformado e "deformado" sobre as condições de vida no "mundo", em que Drummond já disse ter se realizado o congresso do medo. Falar o quê, é a pergunta em última instância a se fazer? Que palavras usar? Não por outro motivo, talvez, se recorra a Heiner Müller. "Para que alguma coisa surja é preciso que alguma coisa desapareça. A primeira configuração da esperança é o medo. A primeira manifestação do novo é o horror."

Não à toa, o espetáculo é um desconstruir o próprio espetáculo, assim como a interpretação é um negar a construção do personagem. A cena dando-se no momento mesmo de sua feitura, o personagem sendo, no momento mesmo do "depoimento" da atriz e do ator a criá-lo. Uma sessão de exorcismo e de psicodrama com "afastamento" ou, como disse a jovem atriz no 'encontro do Itaú Cultural', "estou me especializando no biodrama". Designações que, confesso – já estou completando 40 anos de brincadeiras teatrais –, são meio estranhas a um dinossauro que, hoje em dia, apenas quer contribuir para que o mundo não se desfaça. Mas, como diria minha avó: para que se colocar num escaninho tudo que há no mundo? Às vezes não é melhor apenas se saber que se tem, mesmo não se sabendo o que se é? Fernando Peixoto assim escreve sobre o teatro de Müller, que de alguma maneira vocês elegeram como "paradigma": "Uma destruição de tempo e espaço que rompe com o discurso linear, mas não perde o fio de múltipla condução a uma compreensão reveladora de passado-presente-futuro, mergulha de forma implacável no campo da ética e do comportamento do indivíduo inserido no contraditório processo social transformador."

As referências dialogam com as outras obras e, em especial, com o Heiner Müller, tudo dentro do que se quer destruir: o espetáculo mercadoria, ilusório, publicista... Uma pergunta: por que não se dá, então, nomes aos bois, com a clareza de quem ganha um campeonato de pebolim sem fazer muito esforço? Pergunta com sentido, levando-se em conta a idade dos criadores/fazedores – o que têm a perder se colocarem as coisas com a clareza da fala que não faz da metáfora uso, porque vive um tempo em que, aparentemente, as coisas podem ser ditas com o "nome" que têm? É interessante se notar que há um pulo entre a rua e a sala. É como se, ao se chegar na sala do espetáculo, onde nos dizem do alto da Europa central que não estamos aparelhados para exercer esse velho ofício, necessitássemos da "citação" dos cultos eurocentristas para garantir nossa "sapiência teatral".

O discurso do populacho se perde ao se entrar no TEATRO, mesmo não sendo, porque a própria sala é a negação do que seja um edifício teatral tradicional. É como se a parte da rua fosse o respiro do "operário" na sua hora de descanso que, ao entrar para o local de trabalho, após a sirene tocar (podem ser as três pancadas de Molière), não está mais na posse de sua individualidade, mas assume, mesmo inconscientemente, a "persona" que lhe exigem as relações produtivas para a sua sobrevivência enquanto trabalhador.

Ninguém está a "pedir", "exigir" discurso pronto, receitas e soluções mirabolantes para os problemas da humanidade. Mas a destruição do "teatro", em última instância, seria o silêncio da palavra teatral, para dar lugar à palavra que nomeia, que dá o nome que as coisas têm ou deveriam ter. E aí o "discurso" estaria mais próximo do anseio e da coragem daqueles que estão a se expor sobre o fato de não saberem quem são. Do fato de se terminar o espetáculo no boteco do vizinho não é sintomático de nossos tempos onde as coisas, por mais graves que sejam, terminam sempre em pizza e, assim, nos transformamos em grandes revolucionários de mesa de restaurante? Mas o que são ideias perante a concretude da prática? E o que importa é a prática que o espetáculo realiza como instrumento de construção de algo que não se sabe ainda o que será, mas que vem depois da destruição do deserto criativo em que vivemos.

E talvez a jovem atriz pudesse dizer: "Eu não sou Ofélia. Aquela que o rio não conservou. A mulher na forca. A mulher com as veias cortadas. Ontem tentaram me matar. Estava só com meus seios, minhas coxas, meu ventre. Luto para rebentar os instrumentos do meu cativeiro – o medo, a insegurança, a necessidade de se dar bem. Escancaro as portas do meu lar para que o vento possa entrar e o grito do mundo. Com as mãos firmes rasgo as fotos dos homens que pensei amar e que no fundo se serviam de mim. Toco fogo na minha prisão, essa sombra que nos faz esconder atrás de altos muros para o mundo não ver. Atiro no fogo aquilo que esconde meu set. Abro meu coração para novos pulsares, aqueles que ainda deverão vir. Vou para a rua, vestida com o rubro do sangue e da vontade de já não querer o que me dão." Porque afinal, ao contrário do companheiro Müller, vivemos num mundo que ainda está para ser construído. O nosso cansaço não é o mesmo da milenar Europa com todas as suas culpas a expiar de colonização, de exploração, de ódios e vendetas. As nossas culpas são de outra ordem, e para isso necessitamos de outros "mea culpa", que não aqueles que nos quiseram impingir os Jesuítas na época da colonização. Fiquei espantado mas contente em encontrá-los nesse espaço de reflexão a que me convidaram. Beijos. Reinaldo Maia. Março de 2008.

---

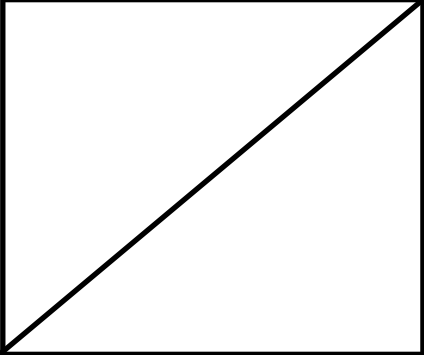
*FANZINE nº 7 - SÃO JORGES - Cia São Jorge de Variedades, 2009 (pp.25,26e27).*  
Reinaldo Maia.



# BARAFONDA







*“O nosso futuro agora já é conhecido – tristes são os homens e uma época que conhecem qual será o seu destino. Em tempos sombrios, ajudam-nos aqueles que souberam andar à noite. Entre corpos, escombros e embalagens vive há milênios a pequena orquídea. E se os nossos próximos passos estão fadados à concretude, só nos resta caminhar para o passado, um passado que não nos foi contado, nem passado a nós. Mas que ainda temos nele a esperança, os mistérios, os sonhos e as nossas utopias, as nossas revoluções massacradas!”*

(Trecho da dramaturgia de “Barafonda”)

“**Barafonda**” é um espetáculo processional pelo bairro da nossa sede, **CASA DE SÃO JORGE**, na Barra Funda. O bairro é entendido como território mítico de transformações humanas e históricas, e a peça realiza um passeio de trás para frente, passando pelo futuro, presente e passado, na companhia de personagens mitológicos e cotidianos que falam sobre nossa condição humana, efêmera e ao mesmo tempo persistente. Traz para as ruas um grande coro multifacetado em trajetória pelo espaço-tempo, em jogo constante com os transeuntes, forjando uma linguagem de interferência coletiva, invadindo a rua no seu cotidiano, com trânsito intenso de pessoas e veículos, com todo o comércio em pleno funcionamento, com a cidade em sua “louca” normalidade. O conjunto total de artistas e assistentes envolvidos chega a mais de 40 pessoas, sendo 31 em cena. São percorridos 2km em 4h de espetáculo.

A experiência viva de “**Barafonda**” tanto agrega e oferece chances de encontro e convivência quanto, ao mesmo tempo, evidencia a impossibilidade real desse encontro e as profundas separações no meio social.

A dramaturgia associa os mitos fundamentais de Prometeu e Dionísio à história da Barra Funda. Na tragédia de Prometeu encontramos a questão da própria essência contraditória do ser humano: é o deus que nos deu o fogo da consciência, e com ele toda a sorte de artifícios na luta contra a natureza. O desenvolvimento que constrói, mas que também aniquila e aprisiona. Na tragédia de Dionísio vemos aquele que subverte a ordem, e nos permite a transcendência e o encontro com a parte divina em cada um de nós, mas que é aprisionado em sua própria terra natal.

À sombra destas forças, o grande coro da **Cia São Jorge de Variedades** fala sobre o papel do artista e do trabalhador diante destes dilemas. O bairro da Barra Funda foi palco do 1º Cordão Carnavalesco Paulista, o Grupo Carnavalesco Barra Funda, que mais tarde viraria a Escola de Samba Camisa Verde e Branco. Formado por negros, que eram excluídos das comemorações de Carnaval, o cordão foi fundado por Dionísio Barbosa no Largo da Banana (onde hoje está o Memorial da América Latina), que no início do século passado era um local para as rodas de Tiririca e de batuque trazidos pelos ex-escravizados.

Dionísio Barbosa, fundador do primeiro cordão de Carnaval e o deus Dionísio, da tragédia grega “As Bacantes”, estão presentes no espetáculo.

*“Ó da rua, do palácio  
Do concreto, do porão  
Vem cantar essa Barafonda  
Vem saudar nosso cordão*

*Viemos aqui para dançar  
Dançar por Dionísio a doce dança  
E assim participar do que é eterno  
Cravar amor no peito feito lança  
Do que no mundo sempre é e nunca finda  
Do que fica mesmo quando não mais somos  
Do que é belo e faz a vida ser mais linda  
Do que ecoa mesmo quando não gritamos*

*Cantemos sempre intenso e forte  
O que nos faz vivos em direção à morte.”*

(Trecho da dramaturgia de “Barafonda” -  
música de Jonathan Silva, Lincoln Antonio  
e Patrícia Gifford.)

## HISTÓRICO DE APRESENTAÇÕES

- “Barafonda” estreou em maio de 2012, realizou 40 apresentações no bairro da BarraFunda

## PREMIAÇÕES

- Prêmio Cooperativa Paulista de Teatro para Melhor Espetáculo de Rua, e Melhor Direção e Dramaturgia 2012;
- Indicada ao Prêmio Shell 2012 na categoria Especial;
- Indicada ao Prêmio Governador do Estado 2012;
- 15ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao teatro para a Cidade de São Paulo 2010;
- Petrobras Cultural 2011.

## FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral :: **Patrícia Gifford**

Dramaturgia e Direção :: **Cia São Jorge de Variedades**

Elenco :: **Alexandre Krug, André Capuano, Angela Maria Prestes, Anna Cosenza, Antonia Mattos, Bárbara Bonnie, Caco Pontes, Camilla Martinez, Carol Portela, Cristiano Kunitake, Dárcio de Oliveira, Fernanda Machado, Georgette Fadel, Isa Santos, Ivan Zancan, Jonathan Silva, João Innocencio, José Andery, Juliana Amorim, Leandro Rosario, Majo Sesan, Marcelo Reis, Maria Carolina Macari, Marina Donati, Marita Prado, Mauro Grillo, Patrícia Gifford, Paula Klein e Rogério Tarifa** | Ator Convidado :: **Flávio Porto**

Participação Especial :: **Pascoal da Conceição** | Colaboração :: **Mariana Senne**

Direção de Arte :: **casadalapa** | Direção Musical :: **Lincoln Antônio**

Música Original :: **Jonathan Silva, Lincoln Antônio e elenco**

Direção Vocal :: **Lucia Gayotto** | Engenheiro de Som :: **Ivan Garro**

Direção de Movimento :: **Jorge Garcia** | Direção de Produção :: **Carla Estefan**

Design Gráfico :: **Sato do Brasil** | Produção Executiva :: **Isabel Soares**

Engenheiro de Som :: **Ivan Garro** | Técnica de Som :: **Daniela Feitosa**

Técnica de Luz :: **Alexandra Deitos** | Cenotécnico: **Carlos Ceiro**

Equipe Ateliê de Arte :: **Alexandre Deitos, Angélica Müller, Isa Santos, João Brites, Marcela Donato e Maria Basili** | Equipe Apoio à Produção e Contrarregragem :: **Ademir Pereira, Daiane Rodrigues, Érika Fortunato, Fagundes Emanuel, Luana Csermark, Luiz Altieri e Venício Toledo**

Registro Foto/Vídeo :: **Cacá Bernardes e Bruna Lessa** | Fotos da Arte :: **Bob Sousa**

Assessoria de Comunicação :: **Nossa Senhora da Pauta - Frederico de Paula**



## PALCO NAS RUAS CONTRADIÇÕES E PROBLEMAS DA CIDADE GANHAM RELEVO EM “BARAFONDA”, NOVO TRABALHO DA CIA SÃO JORGE DE VARIEDADES

Fazer uma arte que se pretenda engajada, que tencione ser instrumento de ação social, de transformação política. Os anos parecem tornar a tarefa cada vez mais difícil. Como levar tal ambição adiante em um mundo em que todas as certezas parecem ter se tornado fluidas?

Talvez o caminho esteja em substituir as respostas pelas perguntas. Distanciar-se um tanto de macroestruturas para olhar o que está mais próximo: a cidade, o bairro, a rua em que se vive. Em seu novo espetáculo, a Cia São Jorge de Variedades toma esse rumo. Com estreia marcada para o próximo dia 4, “Barafonda” é um mergulho do coletivo na história da Barra Funda. Consumiu quase dois anos de pesquisa.

Surge como uma montagem itinerante, que começa à margem do Minhocão e conduz o público por cerca de 1,7 quilômetro, até chegar à linha do trem e ao antigo Largo da Banana. "Queremos trazer as pessoas de uma maneira mais festiva, inclusive abrindo espaço para as interferências que extrapolam a cena", comenta a atriz Georgette Fadel.

Mas esse olhar voltado para o espaço urbano não é exclusividade da Cia São Jorge. Ao contrário. Insinua-se em uma série de trabalhos da safra recente. No dia 27, o Teatro da Vertigem apresenta trechos do projeto que deve estreiar em junho: uma investigação sobre o Bom Retiro, foco de fluxos migratórios dentro da cidade.

O novo espetáculo do Folias, atualmente em cartaz, também se localiza no mesmo espectro. Em "A Saga Musical de Cecília", o grupo reinventa seu lastro militar tematizando justamente o seu entorno. A partir do percurso de quatro personagens, realiza um amálgama entre sua trajetória e a história da Santa Cecília, onde está sua sede.

Refletir sobre a cidade parece ter se tornado um meio de reinventar o teatro político. Ou, ao menos, de equacioná-lo de outra maneira. Nas relações de micropoder que regem o cotidiano existe alguma pista para entendermos a complexidade e as contradições de uma época.

"É como se houvesse um movimento de retomada do espaço urbano, que foi retirado das pessoas", observa a crítica teatral e professora da USP Sílvia Fernandes. "Essa questão dos condomínios fechados, dos shopping centers, das áreas privadas. É a contraface disso que o teatro está mobilizando."

---

*O ESTADO DE SÃO PAULO, CADERNO 2.* 19 de abril de 2012. Maria Eugenia de Menezes.



**Solo o Minhocão.**  
Grupo acredita  
mais na força  
da finta que  
nos humos.

**EDUCATION:**  
 Pys. Mareschal Deschamps Institute  
 in the Ar. Amphibian from a Road in  
 Foz de Iguaçu, Mato. vol. 2014-2015  
 October 14-17, 19th Jan 2016.

# ARTE CIDADE

Teatro político  
ganha novo  
fôlego ao eleger  
espaço urbano  
como tema

María Eugenia de Noronha

Introdução: O Brasil. Como  
tudo se pode estabelecer  
Criticar a situação, mas de  
segurança. Todas as coisas  
mas a ser quebra no país  
dos grupos que pretendem  
um novo de transição polí-  
ca. Mas não é que não se  
deixam continuar a ser  
das da mesma maneira.

Sel da cima a diacronia, sempre con riferimento alle sue lagune, Paolo Zuccherato. Ma non mancano i più originali: Massimo Mucchetti, "Sottosviluppo e centro di tutto tipo. Le lute per il controllo della giustizia. Massimo Mucchetti, da Roma a Bologna, il diluvio di riforme e principi in materia come tanta inordinanza", di Maria Giuseppina Fadda, da Caltanissetta. E, naturalmente,

Em Riofingado, o primeiro grupo apresenta a partir de 1920, as primeiras tendências políticas, bem como os primeiros O'beiros da Baía Fúndia em sua organização política e nos trabalhos que são feitos em suas comunidades, onde se encontram as Opções, além de também possuírem o sistema político da Tenda de Varrigens - importante sob

Novos produtos, como a linha de acessórios para o novo sistema de

[illegible]

As grandes questões foram, e continuam sendo, o ensino de matemática aos jovens pelo ensino. Há grande consenso quanto à importância de que os professores tenham formação adequada para exercerem suas funções. Intervenções que abrem brechas para o aprendizado em matemática, as transformações de quem ensina em quem ensinado.

“O LADO MAIS POLÍTICO DESSE TRABALHO É O CONFRONTO DESSAS

**Fabrizio D'Amico**  
*Professor of Law, University of California, Berkeley*

Na última década, o Teatro Tietgen, do diretor Armando Araújo, notadamente se por sobressair de intervenções urbanas em um meio de equacionar problemas cruciais do País: a violência, a exclusão, a corrupção. O ocuparam um privilegiado, um ícone, o Rio Tietê. Agora, propõem, se para renovar por um lado os sentidos. Pretendem tornar o Rio Tietê como um cenário e proporcionar a sua cultura.

"A cidade passa a aparecer não só como lancha, mas como um pedaço de um diálogo social. E quem contempla isso de uma maneira muito forte foi o 'Vertigem'", comenta o crítico Silvio Saraceni. "A Cia. do corpo indicava de uma certa maneira, a questão de uma cidade."

De certa maneira, é comum se considerar a social também a territorializada via mais ou menos que estende. A complexidade de sua prática se observada tradi-

avala parte mare. Dacă, grupurile  
progresiste pot să-și păstreze în  
bucătăria lor un anumit număr  
de oameni, acestea vor putea  
să-și păstreze și pe cei care  
sunt în afara lor.

**Praga Marechal Deodoro.**  
Ponto de início da peça



**Elefante.** Uma das espécies ameaçadas no Vietnã.



**Parada.** Está prevista uma comemoração na noite de sábado.

que vivemos no Brasil não são iguais, com características culturais e sociais próprias.

Além de ser o primeiro brasileiro eleito para o Conselho, também foi o primeiro brasileiro a ocupar o cargo de chefe de missão. O Brasil também enviou uma delegação para acompanhar o trabalho da Comissão de Meio Ambiente da Organização das Nações Unidas (Unesco).

O tempo mesmo ligada à vida do "Manga" como uma figura de destaque das questões da po-

the\*, besides *Stylis* Furcraea, *O* species have a common, particular, good use and are much more diverse and better distinguished in their origins, to use the words of the author.

# ARTE CÍDADE

## Teatro político ganha novo fôlego ao eleger espaço urbano como tema

Reivindicações sociais. Contestações ao poder estabelecido. Críticas a manifestações de autoritarismo. Todas essas continuam a ser questões na pauta dos grupos que pretendem fazer um teatro de ressonância política. Mas isso não quer dizer que elas continuem a ser mobilizadas da mesma maneira.

Sai de cena o discurso unívoco. Entram em seu lugar muitos discursos. Menos resolutos. Mais ambíguos. "Somos simpatizantes de todo tipo de luta pela liberdade, pela justiça. Mas o nosso teatro não tem a intenção didática de colocar princípios marxistas com tanta veemência", observa Georgette Fadel, da **Cia São Jorge de Variedades**.

Em “**Barafonda**”, espetáculo que o grupo apresenta a partir do dia 4, as pretensões políticas merecem matizes. O bairro da Barra Funda torna-se protagonista de um trabalho que não tem uma mensagem direta a ser transmitida. Opção, aliás, que também pauta as últimas obras do Teatro da Vertigem – espetáculo sobre o Bom Retiro que estreia em junho – e do grupo Folias, que mira o bairro da Santa Cecília.

Nos três casos, seus criadores arriscam-se em amarrações mais sofisticadas, abrindo espaço para discussões que extrapolam o tradicional ideário de esquerda. “A gente tem clareza do nosso pensamento sobre o mundo. Só achamos que existem outras forças envolvidas nesse jogo todo”, diz Fadel. “Também estamos lidando com o pensamento mágico, com um discurso ecológico. Acreditamos mais na força de uma festa, do que em levantar bandeiras que possam tornar o espetáculo chato.” Ao longo de quatro horas, o público segue o elenco de mais de 30 atores pelo bairro. Há paradas em lojas e pontos simbólicos. Cenas que acontecem em cruzamentos. Intervenções que abrem brechas para o imprevisto: os carros, as manifestações de quem passa sem saber exatamente a que está assistindo.

Na última década, o Teatro da Vertigem, do diretor Antonio Araújo, notabilizou-se por valer-se de intervenções urbanas como meio de equacionar problemas cruciais do País: a violência, a exclusão, a insegurança. Já ocuparam um presídio, uma igreja, o Rio Tietê. Agora, preparam-se para itinerar por um bairro inteiro. Pretendem tomar o Bom Retiro como cenário e protagonista da sua criação.

“A cidade passa a aparecer não só como locação, mas como parceira de um diálogo teatral. E quem começou isso de uma maneira muito forte foi o Vertigem”, comenta a crítica Sílvia Fernandes. “A **Cia São Jorge** caminha de um jeito parecido. A questão de estar na cidade, de estar levando o público pela rua, tira a moldura teatral tradicional. Eles contracenam como espaço e fazem o público contracenar junto.”

De certa maneira, é como se a problemática social também se tornasse cada vez mais uma questão estética. A complexidade do real precisa ser absorvida e traduzida pela cena. Daí, grupos com propósitos políticos podem trabalhar em uma chave experimental, opção impensável para a dramaturgia de caráter engajado que vicejou no Brasil dos anos 60 com Guarnieri e Vianinha.

“‘**Barafonda**’ tem conteúdos firmes. Mas talvez o lado mais político desse trabalho seja o confronto desses artistas com a cidade, enquadrando essa cidade de várias maneiras”, comenta Patrícia Gifford, atriz e coordenadora do projeto. Tanto a dramaturgia quanto a direção do espetáculo são assinadas coletivamente.

Ainda que eleja o bairro como objeto de reflexão, “**Barafonda**” não se coloca como uma história da Barra Funda. Abarca aspectos marcantes de sua constituição: as rodas de samba do tempo dos escravos, o passado industrial, as partidas de futebol de várzea que não existem mais. “Mas muita coisa nos escapa”, acredita Fadel. “Abandonamos a ideia de traçar um panorama geral da região para selecionar coisas que nos tocassem. Mesmo correndo o risco de não sermos políticos o suficiente, de sermos até confusos e parciais.”

O teatro nasce ligado à cidade. “Surge como uma ágora de discussão das questões da pólis”, lembra Silvia Fernandes. O que está em curso, portanto, pode ser um movimento dessa arte em direção às suas origens, à sua força primeira e maior.

---

*O ESTADO DE SÃO PAULO.* 19 de abril de 2012. Maria Eugenia de Menezes.

# ilustrada

## teatro

### Peça leva mito de Prometeu para as ruas

Inspirado em texto de Ésquilo, "Barafonda" será encenado na região da praça Marechal Deodoro, em São Paulo

**Espectáculo da Cia. São Jorge propõe interação com os moradores para retratar a história do bairro Barra Funda**

CARMELO MYLLÖ  
(IN) ADOÇÃO DO PAPA E PÓS-PA

Prometeu é libertado de suas correntes em pleno Minho. Em "Barafunda", nova peça da Cia; São Jorge de Várzea, que estreia no próximo dia 4, o personagem es- traído do clássico de Inqui- se recusa a abandonar sua condição de escravo.

Depois de cerca de 2.000 anos de aprisionamento, habíamos-se à imobilidade.

Cementa improvisável na co-  
ração de São Paulo se desen-  
rola em dois quilômetros de  
percurso pelas ruas do baí-  
rro da Baía Funda e vem reu-  
nindo dezenas de especta-  
dores durante os ensaios.

Alguns assistem atentos às cenas de forte impacto visual, que mais se parecem instalações urbanas. Outros interagem com o espetáculo de forma mais espontânea, como um pedestre que surge da avenida, desvencilha-se de

na cama e dança aos pés  
do Prometeu.

o vendedor pesa o pedido de um cliente enquanto atores postam-se ao lado das carnes.

"Barafondu" é um misto de teatro e intervenção urbana, festa e rito, ficção e realidade. Radicaliza a percepção do grupo em rituais como "Quem

Não Sabe Mais Quem É, o Que É e Onde Está, Precisa se Mover", que venceu o Prêmio

"Estamos ainda mais misturados na cidade e mais expostos", diz Patrícia Gifford.

atrás da São Jorge.

A peça amplia a trilha aberta por José Celso Martinez Corrêa desde 1967, com "O Rei da Vela". O diretor do Teatro Oficina foi precursor ao romper os limites do palco e celebrar o teatro como experiência

"Nossa intenção não é colocar panos quentes nas contradições da metrópole, mas expor as incoerências na festa. Isolamento gera impotência", afirma Gifford.

Além de se apropriar de "Prometeu Acorrentado" para lançar um olhar crítico sobre o progresso, "Batalha de" celebra as festividades de Dionísio, inspirando-se em "As Bacantes", de Eurípedes, e em histórias reais dos moradores da Barra Funda.

O coro formado por atores e espectadores relaciona-se com a cidade de modo insuado, como quando participa de uma roda de samba numa rua deserta, que parece perdida na contemporaneidade.

"Sentimos nostalgia da época em que a rua era espaço de conversa, de partida de futebol, de roda de samba", diz a atriz Conceição Fadel.

## DATA COLLECTION

Quando variou, as 13% de 4/3 a 22% até 15/5, as 15% de 19/5 a 11/6.

**OMC** p.p. Marechal Desobry, 1300  
cimentado de av. Angélica com a  
c. das Esplanadas, tel. (011) 4733

**QUANTO g-100**  
 100 g di pasta di semola di grano duro

**Peça Leva mito de Prometeu  
Para as Ruas**

**Inspirado em texto de Ésquilo,  
"BaraFonda" será encenado na região  
da Praça Marechal Deodoro, em São Paulo**

**Espetáculo da Cia São Jorge propõe  
interação com os moradores para  
retratar a história do bairro Barra Funda**

Prometeu é libertado de suas correntes em pleno Minhocão. Em "**Barafonda**", nova peça da **Cia. São Jorge de Variedades**, que estreia no próximo dia 4, o personagem extraído do clássico de Ésquilo se recusa a abandonar sua montanha de concreto.

Depois de cerca de 2.000 anos de aprisionamento, habituou-se à imobilidade. O evento improvável no coração de São Paulo se desenrola em dois quilômetros de percurso pelas ruas do bairro da Barra Funda e vem reunindo dezenas de espectadores durante os ensaios.



Alguns assistem atentos às cenas de forte impacto visual, que mais se parecem instalações urbanas. Outros interagem com o espetáculo de forma mais espontânea, como um pedestre que surge da avenida, desvencilha-se de sua camisa e dança aos pés de Prometeu.

Durante o percurso, um morador da Barra Funda abre sua barbearia ao público, dividindo memórias pessoais e de habitantes ilustres do bairro. Mais adiante, no açougue, o vendedor pesa o pedido de um cliente enquanto atores postam-se ao lado das carnes.

"Barafonda" é um misto de teatro e intervenção urbana, festa e rito, ficção e realidade. Radicaliza a pesquisa do grupo em obras como **"Quem Não Sabe Mais Quem É, O Que É E Onde Está, Precisa Se Mexer"**, que venceu o Prêmio Shell em 2009 na categoria Pesquisa e Criação. "Estamos ainda mais misturados na cidade e mais expostos", diz Patrícia Gifford, atriz da São Jorge.

A peça amplia a trilha aberta por José Celso Martinez Correa desde 1967, com "O Rei da Vela". O diretor do Teatro Oficina foi precursor ao romper os limites do palco e celebrar o teatro como Carnaval. "Nossa intenção não é colocar panos quentes nas contradições da metrópole, mas expor as incoerências na festa. Isolamento gera impotência", atesta Gifford.

Além de se apropriar de "Prometeu Acorrentado" para lançar um olhar crítico sobre o progresso, **"Barafonda"** celebra as festividades de Dionísio, inspirando-se em "As Bacantes", de Eurípides, e em histórias reais dos moradores da Barra Funda.

O coro formado por atores e espectadores relaciona-se com a cidade de modo inusitado, como quando participa de uma roda de samba numa rua deserta, que parece perdida na contemporaneidade. "Sentimos nostalgia da época em que a rua era espaço de conversa, de partida de futebol, de roda de samba", diz a atriz Georgette Fadell.

---

*FOLHA DE SÃO PAULO, ILUSTRADA.* Quinta-feira, 26 de abril de 2012. Gabriela Mellão, em colaboração para a Folha.



# FOLHA DE S.PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FERRAS FILHO

ANO 92 • QUINTA-FEIRA, 24 DE MAIO DE 2012 • Nº 10.267

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 18H15 • R\$ 3,00

## ilustrada

### teatro



O ator Rogério Tarifa em cena da peça de quatro horas

CRÍTICA DRAMA

## Peça na Barra Funda reinventa as ruas como espaço artístico

"Barafonda", da Cia. São Jorge, costura história do bairro ao mito de Prometeu

LUIS FERRANDO RAMOS  
CRÍTICO DA FOLHA

Cena à deriva. "Barafonda", criação da Cia. São Jorge, propõe um passeio com Prometeu pelas ruas do bairro da Barra Funda, em busca de uma nova vida e de uma teatralidade urbana, posta além dos teatros.

Os pontos de partida são o mito de Prometeu, aquele que apresentou o fogo e as artes aos seres humanos, e a história de um bairro centenário de São Paulo, a Barra Funda, tomada a partir da saga de um de seus heróis, o pintor Raphael Galvez (1907-1998).

O espetáculo percorre, ao longo de quatro horas, um traçado da praça Marechal Deodoro à linha férrea, que fraturou a região – e cujos trilhos cruza por uma passarela. Nesse trajeto contamina

os espaços e a paisagem com a narrativa apresentada, carregando consigo um público atento e participante.

Um mesmo ator, o inspirado Rogério Tarifa, dobrará como Prometeu e Galvez. O primeiro, acorrentado pelos deuses por milhares de anos até ser libertado por Hércules, reaparecerá sempre prisioneiro, incapaz de gozar sua liberdade.

O segundo, como condutor da encenação, narra a história "Barafonda" indo de hoje ao passado. Começa já morto, com 105 anos, e chega à sua infância, numa festa de rua no extinto largo da Barana, em que se misturam negros e italianos.

O percurso da fábula é desencadeado no ritmo da "rédio Clô", dispositivo de alto-falantes instalados numa fábula – em uma um barulho re-

corda em tom poético lúto e feitos e desfilam-se sambas análogos de compositores que cantaram o bairro, como Geraldo Filme (1928-1995) e Germano Mathias.

### CORÔ SE DESTACA

O mais belo na montagem são os quadros que o vibrante e heterogêneo coro de 30 sorveteiros compõe, a partir das realidades achadas da cidade que o grupo atravessa.

Acropas, amarrinhas, lojas de móveis antigos e barbearias tornam-se espaços mágicos. Mais do que teatro de rua, trata-se de atuação que encampa a rua e a noite. Cenas relampejam nas falas de pedestres nos intervalos dos faróis. A audiência maior se realiza no asfalto, entre carros em movimento, a partir ritual de adoração à Dionísia.

Em diálogo com o Teatro Oficina, mas reinventando as formas do mito, o coro pede a São Jorge "uma novidade espacial", ainda evocando as "revoluções frías e quentes".

"Barafonda" é um marco na cena paulistana e na carreira da companhia, desta vez capitaneada por Patrícia Tibond. Situa-se no eixo de muitos grupos da mesma geração para alcançar uma arte viva e transformadora, cavada no concreto, mas ensaiando uma graça distinta, no pelo menos humana, na poeira que lhe cabe de Prometeu.

### BARAFONDA

QUANDO: sexta, 25.5h, até 22h.  
ONDE: praça Marechal Deodoro, esp. 2/ de Argêntica, tel. (11) 3112-0626-9139  
QUANTO: grtis  
CLASSIFICAÇÃO: 10 anos  
AValiação: ótimo

## PEÇA NA BARRA FUNDA REINVENTA AS RUAS COMO ESPAÇO ARTÍSTICO

### "BARAFONDA", DA CIA SÃO JORGE, COSTURA HISTÓRIA DO BAIRRO AO MITO DE PROMETEU

Cena à deriva. "Barafonda", criação da Cia. São Jorge, propõe um passeio com Prometeu pelas ruas do bairro da Barra Funda, em busca de uma nova vida e de uma teatralidade urbana, posta além dos teatros.

Os pontos de partida são o mito de Prometeu, aquele que apresentou o fogo e as artes aos seres humanos, e a história de um bairro centenário de São Paulo, a Barra Funda, tomada a partir da saga de um de seus heróis, o pintor Raphael Galvez (1907-1998). O espetáculo percorre, ao longo de quatro horas, um traçado da praça Marechal Deodoro à linha férrea, que fraturou a região – e cujos trilhos cruza por uma passarela. Nesse trajeto contamina os espaços e a paisagem com a narrativa apresentada, carregando consigo um público atento e participante. Um mesmo ator, o inspirado Rogério Tarifa, dobrará como Prometeu e Galvez. O primeiro, acorrentado pelos deuses por milhares de anos até ser libertado por Hércules, reaparecerá sempre prisioneiro, incapaz de gozar sua liberdade.

O segundo, como condutor da encenação, narra a mítica **"Barafonda"** indo de hoje ao passado; começa já morto, com 105 anos, e chega à sua infância, numa festa de rua no extinto Largo da Banana, em que se misturam negros e italianos.

O percurso da fábula é credenciado no ritmo da rádio. Cipó, dispositivo de alto-falantes instalados numa bicicleta, em que um locutor recorda em tom poético fatos e feitos e desfiam-se sambas antológicos de compositores que cantaram o bairro, como Geraldo Filme (1928-1995) e Germano Mathias.

---

## **CORO SE DESTACA**

---

O mais belo na montagem são os quadros que o vibrante e homogêneo coro de 30 intérpretes compõe, a partir das realidades achadas da cidade que o grupo atravessa. Açougues, armarinhos, lojas de móveis antigos e barbearias tornam-se espaços mágicos. Mais do que teatro de rua, trata-se de atuação que encampa a rua e a recria. Cenas relampejam nas faixas de pedestres nos intervalos dos faróis. A audácia maior é realizada no asfalto, entre carros em movimento, a parte ritual de adoração a Dionísio.

Em diálogo com o Teatro Oficina, mas reinventando as formas do rito, o coro pede a São Jorge "uma novidade espiritual", ainda evocando as "revoluções fracassadas". **"Barafonda"** é um marco na cena paulistana e na carreira da companhia, desta vez capitaneada por Patrícia Gifford. Sintetiza esforços de muitos grupos da mesma geração para alcançar uma arte viva e transformadora, cavada no cimento, mas emanando uma graça divina, ou pelo menos humana, na parte que lhe cabe de Prometeu.

---

*FOLHA DE SÃO PAULO, ILUSTRADA.* 24 de maio de 2012. Luiz Fernando Ramos.

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  |  |  |
|--|--|--|--|



*O que a Barra Funda tem...  
O que a Barafonda, da São Jorge, acordou em tantos de nós...  
Um bairro espetáculo se reinventou!*

**Alexandre Mate,**  
professor e  
"feliz espectador" dos  
espetáculos do grupo

*Que sempre que o homem sonha o mundo pula e avança  
Como bola colorida entre as mãos de uma criança.  
Pedra filosofal. Antônio Gedeão e Manuel Freire.*

Normalmente, ninguém escolhe não ter memória! Normalmente, quase todos preenchem as lacunas de sua memória com histórias inventadas, sonhadas!

Por motivos que nem sempre escolhemos, a maioria de nós não tem informação ou dimensão da história de nossas vidas. Não sabemos direito quem foram nossos avós e desconhecemos, quase por completo, quem foram nossos bisavós. Quase sempre nossas histórias de vida vêm à lembrança faltando muitos pedaços...

Não sabemos muito bem quem fundou o bairro em que moramos, por que a rua em que fica nossa casa tem tal nome e o que ele, sendo um nome próprio, significa. Desconfiamos, mas acabamos dizendo que o Brasil foi descoberto... E por aí vai!

Nossa existência tem muitos não sabidos... E preenchemos o que não sabemos, muitas vezes com histórias que não são as nossas.

Além disso, quase sempre, pela pressa da vida moderna, não olhamos com detalhe por onde passamos... Os espaços públicos, como afirmam tantos, transformaram-se em espaços de passagem...

Ao montar o excepcional e emocionante Barafonda, a Companhia São Jorge de Variedades propõe ao imenso coro de espectadores que segue o percurso de apresentação do espetáculo, com mais de 2 km de percurso, que recoloca os olhos no bairro e em sua gente e em si mesmo.

O espetáculo é surpreendente e começa na "abandonada pelo poder público" Praça Marechal Deodoro e segue para a Barra Funda para o "coração" do bairro, depois do leito da estrada de ferro. Em caráter processional, o espetáculo mescla histórias de personagens do teatro grego da Antiguidade àquelas do

próprio bairro. Todos os espaços percorridos transformam-se em cenário, em festa e em poesia para acolher uma nova memória que se instaura. Apesar de haver um grande número de atores e atrizes, pelo cuidado de seu conjunto de criadores, a maior protagonista do espetáculo acaba sendo o próprio bairro: a Barra Funda de uma gente esquecida.

No trecho da rua General Olímpio da Silveira, tudo surpreende: os atores e atrizes aparecem em todos os lugares e de modos os mais inusitados: pelo ar do metrô que faz as roupas dançarem; por atrizes e atores que aparecem em lojas, bares, canteiros, ruas, calçadas... de modos os mais inusitados: cantando, dançando, correndo, limpando fachadas de prédio, estimulando conversas com gentes do lugar... Nós espectadores, desde o começo, aprendemos a olhar, a redimensionar o visto. Tudo passa a ser admirado, artistas e logradouros. Muitas vezes não se sabe se o visto é cena teatral ou cena real...

Paramos para um café e outras guloseimas na Casa de São Jorge (sede do grupo teatral na rua Lopes de Oliveira), depois da conversa com o barbeiro, que há mais de 30 anos está no mesmo lugar. Depois da pausa vem nova jornada: bananeiras são plantadas no duro do asfalto; uma partida de futebol é apresentada; o poeta Mário de Andrade - em pleno viaduto sobre o leito da estrada de ferro da CPTM - nos delicia com fragmentos de seu deslumbrante poema Paulicéia desvairada.

Na mistura das gentes, transformando e resignificando espaços e memórias, ficção e realidades, viveres e sonhos, a épica festa "termina" na rua Luigi Greco, mas, quem sabe é o que se espera (pelo menos o foi para mim), forme um coro maior de gentes que venham a cantar e conhecer as suas aldeias.

11

*Que sempre que o homem sonha o mundo pula e avança  
Como bola colorida entre as mãos de uma criança.*

(Pedra filosofal. Antônio Gedeão e Manuel Freire.)

*O que a Barra Funda tem...  
O que a "Barafonda", da São Jorge, acordou em tantos de nós...  
Um bairro espetáculo se reinventou!*

(Alexandre Mate, professor e "feliz espectador" dos espetáculos do grupo.)

Normalmente, ninguém escolhe não ter memória! Normalmente, quase todos preenchem as lacunas de sua memória com histórias inventadas, sonhadas!

Por motivos que nem sempre escolhemos, a maioria de nós não tem informação ou dimensão da história de nossas vidas. Não sabemos direito quem foram nossos avós e desconhecemos, quase por completo, quem foram nossos bisavós. Quase sempre nossas histórias de vida vêm à lembrança faltando muitos pedaços.

Não sabemos muito bem quem fundou o bairro em que moramos, por que a rua em que fica nossa casa tem tal nome e o que ele, sendo um nome próprio, significa. Desconfiamos, mas acabamos dizendo que o Brasil foi descoberto. E por aí vai! Nossa existência tem muitos não sabidos. E preenchemos o que não sabemos, muitas vezes, com histórias que não são as nossas. Além disso, quase sempre, pela pressa da vida moderna, não olhamos com detalhe por onde passamos... Os espaços públicos, como afirmam tantos, transformaram-se em espaços de passagem. Ao montar o excepcional e emocionante **"Barafonda"**, a Companhia São Jorge de Variedades propõe ao imenso coro de espectadores que segue o percurso de apresentação do espetáculo, com mais de 2 km de percurso, que recoloca os olhos no bairro e em sua gente e em si mesmo.

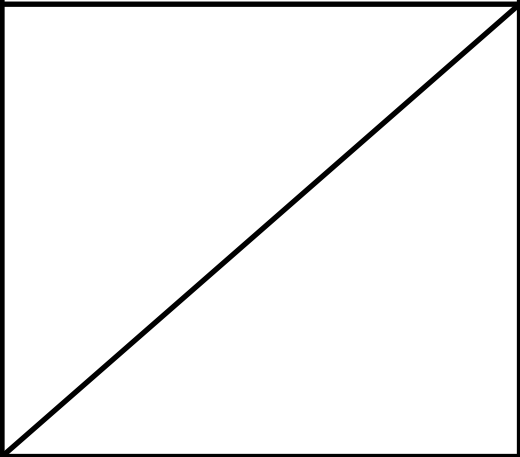
O espetáculo é surpreendente e começa na "abandonada pelo poder público" Praça Marechal Deodoro e segue para a Barra Funda para o "coração" do bairro, depois do leito da estrada de ferro. Em caráter processional, o espetáculo mescla histórias de personagens do teatro grego da Antiguidade àquelas do próprio bairro. Todos os espaços percorridos transformam-se em cenário, em festa e em poesia para acolher uma nova memória que se instaura. Apesar de haver um grande número de atores e atrizes, pelo cuidado de seu conjunto de criadores, a maior protagonista do espetáculo acaba sendo o próprio bairro: a Barra Funda de uma gente esquecida. No trecho da rua General Olímpio da Silveira, tudo surpreende: os atores e atrizes aparecem em todos os lugares e de modos os mais inusitados: pelo ar do metrô que faz as roupas dançarem; por atrizes e atores que aparecem em lojas, bares, canteiros, ruas, calçadas de modos os mais inusitados: cantando, dançando, correndo, limpando fachadas de prédio, estimulando conversas com gentes do lugar. Nós espectadores, desde o começo, aprendemos a olhar, a redimensionar o visto. Tudo passa a ser admirado, artistas e logradouros. Muitas vezes não se sabe se o visto é cena teatral ou cena real. Paramos para um café e outras guloseimas na **Casa de São Jorge** (sede do grupo teatral na rua Lopes de Oliveira), depois da conversa com o barbeiro, que há mais de 30 anos está no mesmo lugar. Depois da pausa vem nova jornada: bananeiras são plantadas no duro do asfalto; uma partida de futebol é apresentada; o poeta Mário de Andrade – em pleno viaduto sobre o leito da estrada de ferro da CPTM – nos delicia com fragmentos de seu deslumbrante poema "Pauliceia desvairada". Na mistura das gentes, transformando e ressignificando espaços e memórias, ficção e realidades, viveres e sonhos, a épica festa "termina" na rua Luigi Greco, mas, quem sabe, é o que se espera (pelo menos o foi para mim), forme um coro maior de gentes que venham a cantar e conhecer as suas aldeias.



# SÃO JORGE MENINO





|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | <p><i>“Vamos chegando, vamos<br/>Se aproximando, vamos<br/>Não tenha medo, não tenha pressa<br/>Como é que uma história começa?<br/>Como é que uma história começa?<br/>Quem é a mãe da sua mãe?<br/>E a mãe da mãe da sua mãe?<br/>Como é que uma história começa?<br/>Ê mundo girou<br/>Quem era bebê agora é avô<br/>A gente nasce, a gente cresce, a gente ama<br/>Depois a gente morre e a terra vira nossa cama<br/>Mãe da terra<br/>Mãe da rua<br/>A gente acaba<br/>Mas o mundo continua”</i></p> <p>(Trecho da dramaturgia de “São Jorge Menino” - música de Jonathan Silva.)</p> |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <p>Dentro da comemoração dos 15 anos de existência da <b>Cia. São Jorge de Variedades</b>, o dramaturgo e diretor Ilo Krugli, fundador do Teatro VentoForte, foi convidado a escrever um texto inédito a partir da figura legendária do Cavaleiro São Jorge voltado para o público infantil.</p> <p>A partir de sua longa e fascinante experiência de vida, Ilo Krugli se inspira em suas memórias de infância, quando sua primeira fronteira foi a rua. Filho de uma família de imigrantes e morador de um bairro periférico da cidade de Buenos Aires, Ilo conviveu com muitos estrangeiros, na Argentina. Sua mãe o protegia e quase nunca o deixava sair sozinho. E como lembrança, atravessar a rua foi o primeiro desafio para ir ao encontro do desconhecido, a outras culturas diversas, com outras comidas e costumes que enriqueceram para sempre o seu olhar de criança e o seu olhar de artista. Ilo Krugli é um dos maiores artistas do teatro brasileiro e, em sua trajetória, criou obras de reconhecida excelência voltadas para o público infantil. O dramaturgo e diretor pensava o teatro para as crianças como um teatro para todas as idades, uma experiência para toda a família e para todas as classes sociais.</p> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |

**“São Jorge Menino”** é a primeira peça infantil da Cia e acontece na rua. Propõe investigar o tempo e espaço rituais das festas. A rua e o festejar na rua, para além de propiciar espaços de convivência e partilha de criações, representa também um ato de resistência, por preservar o espaço público como lugar de liberdade e manifestação. “São Jorge Menino” cria um espaço de celebração em que a plateia participa ativamente da experiência, as crianças e seus familiares são protagonistas da obra tanto quanto os atores.

O espetáculo propõe um cortejo pela rua e conta com a participação de 06 atores e 04 músicos que contam a história de Jorge, um menino de rua, que dorme em cima de uma estátua de São Jorge no momento de sua inauguração. Ao retirar os panos que cobrem a estátua, todos ficam em dúvida sobre o verdadeiro santo, o menino ou a estátua. E assim, Jorge começa a caminhar e a levar o público para uma saga digna das narrativas dos nossos santos cultuados.

*“Lá vai o menino  
abrindo os caminhos, pedindo licença  
ele vai de branco  
se é gente  
ou se é santo  
não faz diferença*

*um menino só  
não dá conta não  
é preciso 3, 16, 23  
um montão de uma vez  
pra derrubar o dragão*

*veste sua roupa  
pegue sua espada  
e vamo embora  
veste sua roupa  
pegue sua espada  
tem muita vida lá fora”*

[Trecho da dramaturgia da peça “São Jorge Menino” - música de Jonathan Silva.]

## HISTÓRICO DE APRESENTAÇÕES

- “São Jorge Menino” foi criado em parceria com Sesc Belenzinho (São Paulo, SP) e cumpriu temporada de 10 apresentações entre março e abril de 2014, atingindo um público de aproximadamente 1000 pessoas;
- Festival de Inverno Sesc Rio. 03 apresentações, nas cidades de Nova Friburgo, Teresópolis e Petrópolis - Rio de Janeiro, em agosto de 2014;
- Festival Mirada do Sesc. 03 apresentações nas cidades de Cubatão, Bertioga e Santos - São Paulo, em setembro de 2014;
- VIII Festival Internacional Paidéia de Teatro para Infância e Juventude, da Paidéia Associação Cultural, no bairro de Santo Amaro - São Paulo, em setembro de 2014;
- Sesc Interlagos (São Paulo, SP). 02 apresentações dentro da programação especial para o mês das crianças, em outubro de 2014.
- PE - Olinda - Circulação Petrobras - junho 2019;
- PB - Cabedelo / Bayeux - Circulação Petrobras - maio e junho 2019;
- MA - BARREIRINHAS - Prêmio Myriam Muniz - Associação do Boi de Panaquatira – 21 de janeiro de 2016;
- MA – S.Luís - Prêmio Myriam Muniz - Casa do Maranhão, 25 de fev. de 2016;
- PA - Belém - Prêmio Myriam Muniz - Pq. do Povo do Centur, 20 de fev. de 2016;
- PA - Santarém Novo - Prêmio Myriam Muniz - Ginásio Municipal, 17 de fev. 2016;
- SP - Cananéia - ProAC - Rua do Artesão - Praça Theodolina Gomes, 21 de nov. de 2015;
- SP - Embu-Guaçu - Circuito Sesc de Artes, 09 de maio de 2015;
- SP – Francisco Morato - ProAC - Espaço CONPOEMA, 25 de outubro de 2015;
- SP – Franco da Rocha - ProAC – Calçadão, 24 de outubro de 2015;
- SP – Itapeverica da Serra - Circuito Sesc de Artes, 10 de maio de 2015;
- SP – Itirapina - Circuito Sesc de Artes 200, 02 de maio de 2015;
- SP - Mococa - Circuito Sesc de Artes, 01 de maio de 2015;
- SP – Mogi das Cruzes - Circuito Sesc de Artes – 25 de abril de 2015;
- SP - Piracicaba - ProAC Circulação - Praça José Bonifácio, 14 de nov. de 2015 (2 apresentações)
- SP - Presidente Prudente - FENTEPP - Praça 9 de Julho e SESC Thermas - 22 e 23 de agosto de 2015 (2 apresentações);
- SP – Ribeirão Pires - Praça Central Ernest Solvay (Praça do Doce) – 24 de abril de 2015;
- SP – São Bernardo do Campo - Circuito Sesc de Artes – 26 de abril de 2015;
- SP – São João da Boa Vista - Circuito Sesc de Artes – 03 de maio de 2015;
- SP – São Paulo - Sesc Campo Limpo – 05 e 06 de março de 2016 (02 apresentações);
- SP – São Paulo - Sesc Consolação – 12 de outubro de 2016;
- SP – Taboão da Serra - Circuito Sesc de Artes – 08 de maio de 2015.

## Premiações

- Programa Petrobras Distribuidora de Cultura 2017/2018;
- ProAC Circulação Rua– 2014;
- Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2015.

## Ficha Técnica

Dramaturgia :: **Ilo Krugli**

Direção :: **Rogério Tarifa**

Direção Musical :: **Lincoln Antonio**

Composições Musicais :: **Jonathan Silva**

Elenco :: **Adriana Aragão, Daniela Biancardi, Jonathan Silva, Lincoln Antonio, Marcelo Reis, Mauricio Damasceno, Patrícia Gifford, Rodrigo Ramos, Rogério Tarifa, Vera Lamy**

Cenário :: **Ateliê La Tintota**

Figurinos :: **Anahí Santos**

Supervisão de Animação de Bonecos :: **Luiz André Cherubini**

Confecção de Bonecos :: **Mandy**

Produção Executiva :: **Isabel Soares**

Direção de Produção :: **Carla Estefan**

Cenotécnicos :: **Majó Sesan, João Attuy e Edson Luna**

Projeto Sonoro :: **Ernani Napolitano**

Técnico de Som :: **Lucas Silva**

Designer Gráfico :: **Sato do Brasil e Murilo Thaveira - casadaLapa**

Fotos :: **Cacá Bernardes**

Vídeo :: **Bruna Lessa**

Assessoria de Imprensa :: **Nossa Senhora da Pauta**





Também desenhavam com café e farinha, no chão. O traço e o tema lembram as pinturas de Candido Portinari (1903-1962) e Di Cavalcanti (1897-1976).

Mas não são só os atores que desenhavam. No início do espetáculo, eles distribuem lápis e convidam o público a pintar qualquer parte do cenário, feito de papel, assim como os figurinos. Tudo branco. No ensaio do último dia 23, um espectador de três anos disse que desenhava um "dragão" na Mãe-Rua.

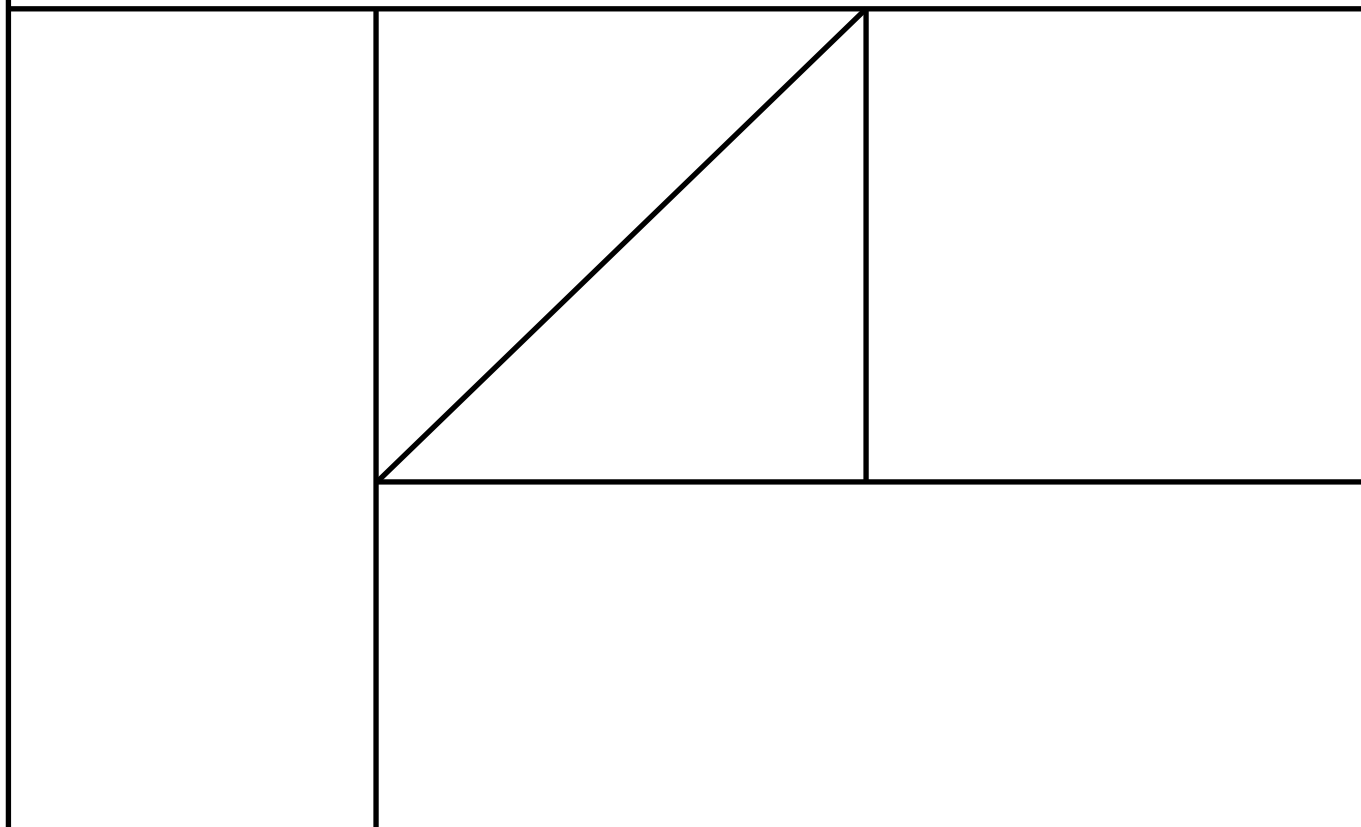
Essa personagem é um mistério: uma mistura de gente e boneco, mas que parece também uma torre. Sua roupa é tão comprida que toma a rua inteira. Ela fala coisas que a gente tem de imaginar o significado.

A Mãe-Rua conta ser devota de São Jorge e convida todos a inaugurarem a estátua do santo na praça. Um menino sujo dorme entre os pés do cavalo do monumento. Todos pensam que ele é o santo e passam a segui-lo.

O espetáculo marca a estreia da Cia São Jorge de Variedades no teatro infantil. Entre suas peças para adultos está "Barafonda" (2012), que faz um cortejo parecido pelo bairro paulistano da Barra Funda.

---

FOLHA DE SÃO PAULO - FOLHINHA. 08 de março de 2014. Mônica Rodrigues da Costa.



**Fausto**



*“Oh lua cheia, se eu pudesse vaguear sobre montanhas,  
Iluminado por tua doce luz  
E flutuar com espíritos pelas grutas  
Tecer na tua aurora, sobre a relva dos prados  
E, livre de todo o martírio do saber, banhar-me saudável  
em teu orvalho!  
E ainda perguntas por que teu coração  
Se comprime assim no peito?  
Por que uma dor inexplicável  
Inibe toda a tua força de vontade?  
Em vez de toda natureza viva  
Em que deus criou os homens, cercam-te fumaça, bolor,  
Esqueletos de animais e pés mortos.”*

(Trecho da dramaturgia de “Fausto”)

**“Fausto”** é um olhar sobre a nossa geração e as gerações próximas às nossas, perplexas, hipnotizadas ou indignadas diante de tanto lixo, lixo-comida, lixo-ar, lixo-água, lixo-mil produtos, lixo-pensamento, lixo-padrões, lixo-instituições, e todo esse barulho depositado sobre nossos vários corpos criando crostas que nos separam do mundo e dos outros. É sobre o desejo de superar os limites do conhecido e do possível. Sobre a arrogância. A separação entre o saber-pensar-estudar e o experimentar-viver-ser. Sobre o ser humano cindido. O incrível amortecimento de nossa sensibilidade em vários sentidos: físico, mental, emocional e, portanto, social. Fausto, um estudioso de várias ciências, um alquimista, um buscador, se lança ao seu extremo oposto e se torna um consumidor voraz com uma força imensa de oposição a quem era antes ou, pelo menos, a como se comportava antes. Devora e cospe as coisas, o amor e o mundo. Egoísta, faminto. O que lhe faltou para que o seu projeto de tornar vivo e luminoso o seu saber se realizasse sem tal cisão entre vício e virtude, pensar e agir, sofrer e gozar?

A **Cia São Jorge de Variedades** traz **“Fausto”** para a arena do teatro a fim de debater as formas e relações da modernidade e do contemporâneo. Através dessa obra gigante, tenta realizar um salto de compreensão e expressão da condição humana atual. A essência da obra está na contradição e na ideia de que o homem quis e obteve mais conhecimento, evolução tecnológica, para evoluir socialmente e viver bem, mas não o reconhecimento da alteridade. A cegueira para a natureza e existência do outro torna tudo o seu oposto. A busca do trabalho dramaturgico foi a síntese. A pesquisa em todas as frentes da concepção do espetáculo foi pelo indispensável, sem floreios, para que tudo o que está em jogo fique claro. Cenografia, luz, figurinos e interpretação buscam o cerne, o essencial.

**“Fausto”** tem na palavra, no som, na musicalidade um de seus pontos fortes de composição. A música executada ao vivo é presente na montagem, com três músicos em cena e cinco instrumentos (piano, violoncelo, guitarra, baixo e bateria), criando-se um contraponto entre instrumentos mais clássicos e modernos, com cenas musicais que remetem a uma opereta e outras com face mais moderna, nas quais o grupo atualiza o texto com suas vozes.

A criação do espetáculo se deu através da experimentação orgânica com texto e intenções das cenas em coro, e todos os integrantes do elenco passam pelos principais personagens.

*“Mefistófeles: Maior dos sedutores, está chegando ao fim de tua anedota, aquele ponto em que os senhores costumam perder a cabeça.*

*Por que te associas a nós se não tens expediente para negociar?  
Queres voar e tens vertigem?*

*Ei! Fomos nós os oferecidos ou foste tu?*

*Fausto: Não arreganhes esses dentes famintos para mim, que me dá nojo.*

*Grande, poderoso espírito, que se dignou a aparecer para mim,  
que conhece meu coração e minha alma, por que tinhas que me  
soldar a esse companheiro de opróbrio, que se farta no dano e se  
deleita com o apodrecimento?”*

[Trecho da dramaturgia de “Fausto”.]

## HISTÓRICO DE APRESENTAÇÕES

- O espetáculo estreou em 2014 no Mirada Festival Ibero-Americano de Artes Cênicas/ SESC Santos, SP;
- Temporada no Teatro Folias d'Arte 2014, São Paulo, SP;
- Circuito Sesc de Artes 2014 - SESC/SP - apresentações em 10 cidades do interior do Estado;
- Temporadas no Sesc Pompeia, São Paulo, SP;
- Temporada Teatro João Caetano, São Paulo, SP;
- Festival Internacional de Londrina - FILO 2015, Londrina, PR;
- Circuito Caixa Cultural - Brasília, DF, 2016.

## PREMIAÇÕES

- 22ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo, 2013;
- Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2013;
- Indicado ao Prêmio Shell de Melhor Música 2014.

## FICHA TÉCNICA

Texto :: **Johann Wolfgang von Goethe**

Dramaturgia :: **Georgette Fadel, Claudia Schapira e Alexandre Krug** – livre adaptação das traduções de **Cristine Röhrig, Jenny Klabin Segall e João Barrento**

Direção :: **Claudia Schapira e Georgette Fadel**

Elenco :: **Alexandre Krug, Edgar Castro, Marcelo Reis, Patrícia Gifford, Paula Klein e Pedro Felício**

Músicos :: **Luiz Gayotto, Lincoln Antonio e Filipe Massumi**

Assistentes de Direção :: **Vicente Ramos e Rafael Guerche**

Direção Musical e Música Original :: **Luiz Gayotto e Lincoln Antonio**

Cenografia :: **Rogério Tarifa** | Figurino :: **Claudia Schapira e Rogério Tarifa**

Preparação Corporal :: **Renata Melo** | Treinamento Vocal :: **Luis Päetow**

Desenho de Luz :: **Aline Santini** | Engenheiro de Som :: **Ernani Napolitano**

Técnico de Som :: **Duda Gomes** | Cenotécnico :: **Edson Luna**

Direção de Vídeo :: **Bianca Turner** | VJs :: **Vic Von Poser e Catarina Assef**

Direção de Produção :: **Carla Estefan** | Assistente de Produção :: **Isabel Soares**

Fotos e Vídeo :: **Cacá Bernardes e Bruna Lessa**

Design Gráfico :: **Sato do Brasil e Murilo Thaveira – Casadalapa**

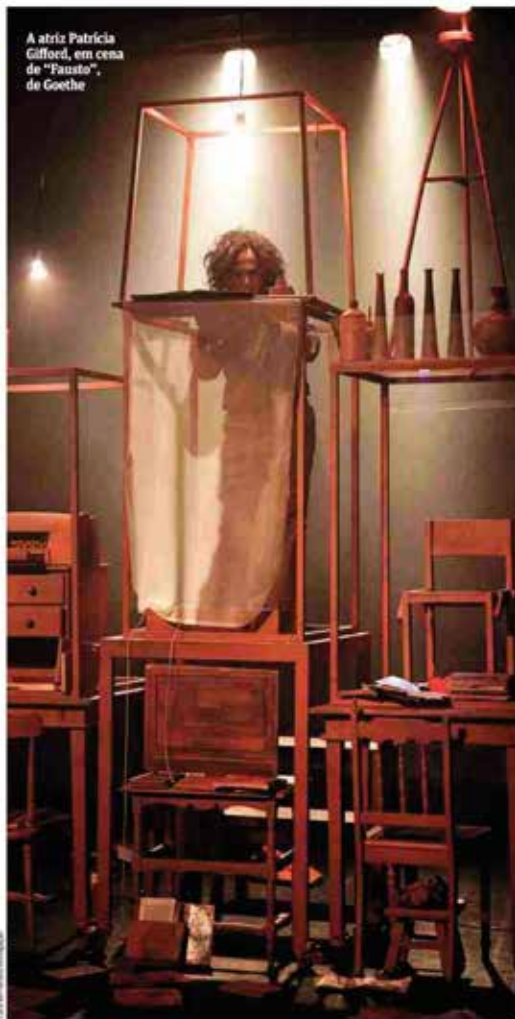
Assessoria de Imprensa :: **Frederico Paula**



## teatro e dança

teatro e dança

A atriz Patrícia Gifford, em cena de "Fausto", de Goethe



TRÁGICO

## A novidade no clássico

A Cia. São Jorge de Variedades dá toques tecnológicos à "Fausto", texto de 1808

• LUIZA WOLF

Depois de realizar alguns ensaios abertos em São Paulo e ter encenado a peça em Santos, a Cia. São Jorge de Variedades estreia — para valer — "Fausto" na sexta (26), no Sesc Pompeia.

Elogiado pela montagem "Barafonda", que tomou as ruas da Barra Funda, o grupo segue com outra peça ousada. Uniu o clássico "Fausto", texto do alemão Johann Wolfgang von Goethe, com toques tecnológicos e rock.

Com colaboração do elenco, as diretoras Georgette Fadel e Claudia Schapira adaptaram a história do médico que faz um pacto com o demônio, em troca de privilégios, e a combinaram com projeções de vídeos (criados pela própria companhia) e com música ao vivo.

As escolhas de interpretação são interessantes. No começo da peça, Fausto é interpretado pelas atrizes Patrícia Gifford e Paula Klein. Uma veste negra, a outra, branco. Claramente representam a dualidade do protagonista, dividido entre pensamentos negativos e outros um pouco mais otimistas.

É seu lado negro que faz o pacto com o demônio, que, por sua vez, é interpretado por vários atores. Outra boa sacada: a peça deixa claro que o diabo está em todos os lugares.

Apesar de obscura, a produção tem bons momentos musicais e cenas bem-humoradas — o que faz com que as 2h30 de duração passem rápido.

Sesc Pompeia - Teatro R. Clélia, 93, Água Branca, região oeste, tel. 3875-2700. 15h: ingressos, Grã. e sãb.: 20h. Duração: 130h, 100 min. Não recomendado para menores de 14 anos. Ingressos: R\$ 12 a R\$ 40. CC, ME, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z. Site: [www.sesc.org.br](http://www.sesc.org.br). (11) 3111-1111

74 ★ ★ ★ 21 a 27 de setembro de 2014

## A NOVIDADE NO CLÁSSICO

### A cia SÃO JORGE DE VARIEDADES DÁ TOQUES CLÁSSICOS A "FAUSTO", TEXTO DE 1808

Depois de realizar alguns ensaios abertos em São Paulo e ter encenado a peça em Santos, a Cia São Jorge de Variedades estreia — para valer — "Fausto" na sexta (26), no Sesc Pompeia.

Elogiado pela montagem "Barafonda", que tomou as ruas da Barra Funda, o grupo segue com outra peça ousada. Uniu o clássico "Fausto", texto do alemão Johann Wolfgang von Goethe, com toques tecnológicos e rock.

Com colaboração do elenco, as diretoras Georgette Fadel e Claudia Schapira adaptaram a história do médico que faz um pacto com o demônio em troca de privilégios, e a combinaram com projeções de vídeos (criados pela própria companhia) e com música ao vivo.

As escolhas de interpretação são interessantes. No começo da peça, **Fausto** é interpretado pelas atrizes Patrícia Gifford e Paula Klein. Uma veste negro; a outra, branco. Claramente representam a dualidade do protagonista, dividido entre pensamentos negativos e outros um pouco mais otimistas.

É seu lado negro que faz o pacto com o demônio, que, por sua vez, é interpretado por vários atores. Outra boa sacada: a peça deixa claro que o diabo está em todos os lugares.

Apesar de obscura, a produção tem bons momentos musicais e cenas bem-humoradas – o que faz com que as 2h30 de duração passem rápido.

---

*REVISTA VEJA*, 21 a 27 de setembro de 2014. Luiza Wolf.

Teatro



Cia São Jorge de Variedade estreia nesta semana temporada de Fausto que fica em cartaz até novembro no Sesc

## Fausto ganha o palco do Sesc

Por **Bruno Pedroni**  
semanaig@jornaldagente.inf.br

Comemorando 15 anos a Cia São Jorge de Variedades leva ao palco do Sesc Pompeia (Rua Clélia, 93) o espetáculo Fausto. A montagem estreia neste fim de semana e cumpre temporada até 9 de novembro. A adaptação do texto de Goethe, que lhe deu repercussão universal, está sendo feita por seis mãos: Georgette Fadel e Claudia Schapira, diretoras da montagem, com colaboração e consultoria de Alexandre Krug, presente no elenco. Para Georgette

Fadel, a Cia São Jorge de Variedades pretende trazer Fausto para a arena do teatro para debater as formas e relações da modernidade e do contemporâneo. Fausto, além de ser a obra simbólica da vida de Goethe, adquire também significado universal por materializar o mito do homem moderno, o homem que busca dar significado a sua vida, que precisa tocar o eterno e compreender o misterioso. Na obra, pode-se dizer, o poeta expressa a experiência de toda sua existência. O espetáculo tem apresentações de quinta-feira a sábado, às 20h, e domingo, às 18h. Os ingressos custam de R\$ 12 a R\$ 40.

## **SÃO JORGE DE VARIEDADES MESCLA ARTES EM “FAUSTO” PEÇA QUE MARCA OS 15 ANOS DA CIA. UNE MÚSICA E VÍDEO NO CLÁSSICO DE GOETHE**

No início desta semana, as diretoras Georgette Fadel e Claudia Schapira quebravam suas cabeças, junto ao cenógrafo Rogério Tarifa, para fazer “Fausto” se adaptar ao teatro do Sesc Pompeia. A peça, que teve pré-estreia na primeira quinzena do mês no Sesc Santos, durante o Festival Mirada, estreia para o público hoje, na casa projetada por Lina Bo Bardi. Cada detalhe era de extrema importância: Georgette se preocupava, por exemplo, com o aspecto do ciclorama (superfície onde se projetam vídeos durante a encenação). “‘Fausto’ traz um espírito ‘fáustico’”, diz a diretora, relacionando seu próprio rigor ao comportamento do personagem.

A vontade de montar o clássico do alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749 - 1832) surgiu há cerca de dois anos, quando Georgette leu os esboços e o poema “Fausto, Uma Tragédia” e teve uma identificação plena. “É uma obra toda emblemática. Cada frase te recoloca, te faz repensar sobre as atitudes”, diz. Inventiva, a montagem marca os 15 anos da companhia que dirige, a São Jorge de Variedades. Para manter a precisão que o texto exige, Georgette convidou Claudia, do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, com quem divide a direção.

No enredo, **Fausto** leva uma vida ordinária, até o momento em que percebe que seu comportamento não rendeu frutos como ele gostaria ou imaginaria. Decide, então, fazer um pacto com Mefistófeles, o diabo, em nome dos prazeres mundanos. “Em geral, as histórias mostram uma vida pregressa obscura, que, depois, é iluminada”, diz Claudia. “Aqui o caminho é descendente: ele vem de uma trajetória delicada e vai para o oposto. É por isso que a obra pega tanto.”

Apesar da trajetória relativamente longa da companhia, esta é apenas a segunda vez que o grupo apresenta um espetáculo no formato tradicional de palco italiano (com atores encenando de frente para a plateia). Livres de padrões, os integrantes do coletivo costumam montar as peças de acordo com o que sentem do texto.

Em “**Barafonda**” (2012), por exemplo, 25 atores e quatro músicos contavam a história do bairro paulistano da Barra Funda, misturada às tragédias gregas Prometeu Acorrentado e As Bacantes. Para tal, ocupavam as ruas, fazendo um cortejo pela região. “No início não sabíamos se dávamos continuidade a esta pesquisa do teatro de rua”, diz Georgette. “Depois resolvemos que seria bom ir para um caminho oposto, para olhar melhor, com mais distanciamento e aí, sim, voltar.”

Ao mesmo tempo em que é limpa, “**Fausto**” é uma montagem de elementos grandiosos. Um bom exemplo desse aspecto é a cena em que o protagonista conversa com o diabo sobre as condições do pacto. Os atores montam duas pirâmides de cadeiras de plástico – uma branca, em cujo topo senta Fausto, e outra preta, para Mefistófeles. O acordo é feito no alto, com os personagens falando de igual para igual.

Na maior parte dos seus 150 minutos, a cenografia se mostra maniqueísta: em determinado momento, o palco ganha um piso claramente dividido em vermelho e azul, em uma representação do bem e do mal, do certo e do errado. Sendo um homem de boas intenções que cede às tentações do diabo, é neste cenário que Fausto circula, mantendo o cerne de seu espírito mesmo após selar o pacto.

Formado por seis atores, o elenco se reveza pelos personagens. As dores de Fausto, por exemplo, podem aparecer nas atrizes em corpo enquanto surgem em forma de um coro entoado pelos homens da peça. Em alguns momentos, o protagonista aparece duplicado. Segundo as diretoras, a força que cada ator coloca na interpretação pode sugerir diferentes relações entre **Fausto** e outros personagens. “A Paula (Klein) faz um Fausto de energia mais forte, quase relacionado ao Mefistófeles”, diz Georgette. “Já o **Fausto** da Patrícia (Gifford) tem um tom diferente.”

Característica marcante nos espetáculos da **São Jorge de Variedades** e do **Núcleo Bartolomeu de Depoimentos**, a trilha da peça é um espetáculo à parte. Claudia musicou excertos do poema de Goethe, adicionando frases sem modificar a dramaturgia. Três músicos acompanham os atores em cinco instrumentos: piano, violoncelo, guitarra, baixo e bateria. “As canções facilitam momentos dramáticos. Às vezes a palavra dita não chega à potência do texto cantado, com a força da banda”, diz Claudia. O vídeo também ganha importância na montagem. Além do ciclorama, ele aparece também em uma cena, dentro de uma televisão. Em vez de servirem como mero apoio, as imagens, bem produzidas, mostram passagens essenciais ao enredo.

---

*O ESTADO DE SÃO PAULO*, 25 de setembro de 2014. Murilo Bomfim.



# FESTA DOS BÁRBAROS



|  |  |                                                                                                                                                                                            |
|--|--|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |  |                                                                                                                                                                                            |
|  |  | <p><i>“Nós continuamos rumando de um lado pro outro, buscando abrigo, buscando terra, uma morada... um lugar onde o rio possa escapar ao dano, onde a vida possa escapar da bala.”</i></p> |
|  |  |                                                                                                                                                                                            |

[Trecho da dramaturgia da peça “Festa dos Bárbaros”.]

A Cia comemora seus 25 anos com este trabalho.

Ancestralidade, tempo mítico, luta, cultura e sabedoria dos povos originários e afro-indígenas do território brasileiro integram a pesquisa da peça **“Festa dos Bárbaros”**.

Para este espetáculo, o núcleo artístico da Cia convidou diversos artistas, totalizando um coro de 35 pessoas, de várias regiões de São Paulo. Esse coro é formado por músicos, instrumentistas, atrizes e atores, estudantes de teatro, técnicos, etc.

A obra se estrutura a partir dos estudos sobre a **Revolta dos Bárbaros** [guerra que durou mais de 70 anos e que envolveu diversas etnias indígenas em confronto com os colonizadores no sertão nordestino brasileiro] e a Cosmologia da Jurema Sagrada [árvore da caatinga do Nordeste que, para diversos povos indígenas, é guardiã de cultura e ciência, em rituais de cura e conexão com a ancestralidade].

Embora tenha tido uma longa duração e tenha sido contemporânea à existência do Quilombo dos Palmares, a Guerra dos Bárbaros pouco aparece na historiografia oficial, sendo praticamente desconhecida.

A designação “bárbaros” era dada pelos colonizadores e cronistas da época aos povos originários que habitavam a região e ofereciam resistência à ocupação do território pelos portugueses.

A Jurema Sagrada, ou Catimbó, se caracteriza pela sagração da árvore da Jurema e o uso de suas raízes, folhas, frutos e tronco nos rituais cantados onde se faz presente o uso do cachimbo/da fumaça e do maracá em ritos que celebram a história dos encantados, da ancestralidade. Na Jurema são contadas/cantadas as histórias de mestres e mestras, reis, rainhas e caboclos sertanejos, que através dos cantos perpetuam e presentificam suas narrativas de existência e luta, salvaguardando os saberes desses povos diversos.

A **“Festa dos Bárbaros”** acontece ocupando os espaços comuns abertos, como praças, parques e ruas, em coro, em-canto, em guerra e em festa, criando possibilidades comunitárias, outras vivências, outras cenas e imagens diante da vida, que se contrapõem às imagens de genocídio e exclusão que caracterizam nosso país.

*“Caboclo, caboclo  
Caboclo Canindé  
Quem tá morto tá deitado  
Quem tá vivo tá de pé!”*

(Trecho da dramaturgia da peça “Festa dos Bárbaros” - Canto de Jurema.)

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |  |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |  |
| <h2>HISTÓRICO DE APRESENTAÇÕES</h2>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |  |
| <ul style="list-style-type: none"><li>• Estreia em 2022 com temporada de 20 apresentações na Funarte-SP, São Paulo, SP;</li><li>• Circuito Municipal de Cultura/SP - 2022 - Teatro Flávio Império, CEU Jambeiro, CEU Vila Atlântica, Casa Modernista, Casa de Cultura do Butantã (São Paulo, SP);</li><li>• Sesc Campinas/SP 2023;</li><li>• Sesc Casa Verde, São Paulo, SP;</li><li>• Casa de Cultura do Butantã, São Paulo, SP, 2024;</li><li>• Comunidade Cultural Quilombaque, São Paulo, SP, 2024;</li><li>• Teatro Arthur Azevedo, São Paulo, SP;</li><li>• Teatro Paulo Eiró, São Paulo, SP;</li><li>• Teatro Flávio Império, São Paulo, SP;</li><li>• Temporada TUSP - Maria Antonia, São Paulo, SP, 2024;</li><li>• Temporada Funarte, São Paulo, SP, 2024;</li><li>• 18º FEVERESTIVAL - Festival Internacional de Campinas/SP – 2024.</li></ul> |  |
| <h2>PREMIAÇÕES</h2>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |  |
| <ul style="list-style-type: none"><li>• ProAC Expresso Lei Aldir Blanc 47/2020;</li><li>• 14º Prêmio Zé Renato para a Cidade de São Paulo;</li><li>• 42ª edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo;</li><li>• LEI PAULO GUSTAVO SP No 18/2023 - Manutenção de atividades.</li></ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |  |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |  |

## FICHA TÉCNICA

Idealização e Coordenação Geral do Projeto :: **Patrícia Gifford e Paula Klein Flecha Dourada**

Direção :: **Georgette Fadel, Patrícia Gifford, Paula Klein Flecha Dourada**

Direção Musical :: **Lincoln Antonio**

Dramaturgia :: **Antonia Mattos com a colaboração de todos os Artistas Criadores**

Artistas Criadores :: **Alexandre Krug, Antonia Mattos, Carlota Joaquina, Darcio Oliveira, Dedê Ferreira, Eugenia Cecchini, Fagundes Emanuel, Fernanda Machado, Georgette Fadel, Girlei Miranda, Giullya Nahirniak, Iraci Estrela, Jonathan Silva, Karen Menatti, Laruama Alves, Laura Lufési, Lincoln Antonio, Luís Mármora, Marcelo Reis, Patrícia Gifford, Paula Klein Flecha Dourada, Ronny Abreu, Sarah Lessa, Valmir Sant'Anna e Zi Arrais**

Baixistas :: **Renata Amaral e Ricardo Zoyo**

Assistência de Direção :: **Sarah Lessa**

Repertório de Músicas da Tradição da Jurema :: **Associação Cultural Morro da Crioula**

Composições Originais :: **Artistas Criadores do Projeto**

Cenografia e Figurinos :: **Rafael Bicudo**

Assistência de Figurino :: **Érika Grizendi**

Costureira :: **Lili Santa Rosa**

Cenotecnia :: **Katiana Aleixo**

Iluminação Cênica :: **Dede Ferreira**

Técnico de Som :: **Duda Gomes e JP Hecht**

Assistente de Som :: **Pedro Henrique Carneiro**

Equipe Técnica de Operação :: **Clara Araújo, Guira Bara, Katiana Aleixo, Matheus Góis, Mateus Rodrigues e Renan Vilela**

Identidade Visual :: **Sato do Brasil**

Assessoria de Imprensa :: **Nossa Senhora da Pauta**

Coordenação de Produção e Produção Executiva :: **Laura La Padula**

Coordenação Administrativa :: **Carla Estefan**



### “Festa dos Bárbaros”

A ótima direção encaminha a programada dissonância do elenco para uma bonita conversa entre estilos, presenças e corpos Colocar ao centro de uma liturgia a materialidade de um romance de cunho social, de certo, eleva “Festa dos Bárbaros” ao centro daquilo que melhor uma obra de arte poderia nos oferecer. Se compreendermos profundamente o momento em que Yoko Ono teria dito que “a função da arte não está na invenção de coisas novas, mas sim na mudança de valor das coisas antigas”, acessaremos com os nossos melhores aplausos esta bem percebida e intuitivamente acertada direção de Georgette Fadel.

“Festa dos Bárbaros” é o “ponto musical e sincretista” de uma gira que ritualiza a sinopse e as cenas do extraordinário livro escrito por Plínio Marcos (Na Barra do Catimbó, cuja narrativa investiga, em chave de metáfora, a Guerra dos Bárbaros). Assim, partindo deste contexto e entregando não a materialidade da obra, mas sim as atmosferas então deflagradas e costuradas ao longo do texto, a exemplo de A História do Olho (com direção de Janaína Leite), a Cia São Jorge de Variedades empurra para o século 21 uma série de questões sociais e culturais ainda bastante mal organizadas e mal debatidas pelo contemporâneo. Por este ângulo, problematizando uma visão ocidental e ainda incapaz de compreender o processo de constituição das favelas e dos terreiros, a obra conquista constranger toda a gente que rejeita os povos originários, caboclos, da mata e de fé.

Em primeiro plano e perante a beleza do rito, soa o sinal de alerta para as demais pautas da obra: racismo, machismo, intolerância religiosa e o extermínio de povos não-bélicos completam a missão de paz do material. Do ponto de vista da cena, gozo total. A calma de uma encenação que se constrói no tempo de um “encantamento” atravessa “o certo e o errado” da cena contemporânea e nos conduz às delicadezas de um tempo-espço íntimo de tudo aquilo que a dimensão ocidental, capitalista, branca e normativa elegeu enquanto rústico, improdutivo e sombrio. Um dos mais belos, expressivos, singulares, autênticos, orgânicos e bem programados eventos teatrais da temporada.

Márcio Tito. Publicado em 25 de outubro de 2022. Disponível em: - <https://deusateucombr.wordpress.com/2022/10/25/festa-dos-barbaros-por-marcio-tito/>.

## 'Festa dos Bárbaros' faz da apresentação uma folia regada a jurema

### TEATRO

#### Festa dos Bárbaros

★★★★★

Dir.: Georgette Fadel, Patrícia Gifford e Paula Klein Flecha Dourada. Com: Carlota Joaquina, Lincoln Antonio, Valmir Sant'Anna, Funarte - al. Nothmann, 1.058, Campos Eliseos. Até 30/10, de sex. a dom., às 15h; de 3 a 20/11, de qui. a dom., às 15h. Grátis. Livre

Paulo Bio Toledo

"Festa dos Bárbaros" propõe algo mais do que um espetáculo. É um acontecimento entre a festa, a música e o teatro, envolvendo o público numa espécie de rito coletivo de resistência e celebração ancestral.

O ponto de partida é a chamada Guerra dos Bárbaros, conflito que durou 70 anos, entre 1650 e 1720, quando etnias indígenas do sertão nordestino combateram os avanços da colonização portuguesa.

No espetáculo da Cia. São Jorge de Variedades, a guerra aparece na forma de festa inspirada nas celebrações da jurema sagrada — rito de matriz indígena, com bebida feita com essa planta com princípios psicoativos e elementos sincréticos africanos.

Para os devotos, a jurema é uma árvore que conecta mun-



Parte do elenco da peça, apresentada na Funarte, em São Paulo

Reinaldo Meneguim/Divulgação

dos e tempos, como um portal para uma rede de ancestrais e entidades da floresta. Inspirado nela, o espetáculo se estrutura também como um desfile de figuras míticas e populares, que constituem uma ancestralidade brasileira às margens da história oficial.

Tudo acontece ao ar livre, num espaço aberto da Funarte, em São Paulo. Um co-

ro conduz uma cena vibrante, cheia de alegria e intensidade musical, com vontade de expandir os contornos institucionais do teatro e desenvolver outras formas de interação artística com a cidade.

Tamãha vida coletiva dá notícias de um dos mais importantes momentos do teatro brasileiro: o ciclo de politização do teatro de grupo, que

ganha força nos anos 1990.

A Cia. São Jorge de Variedades ocupa lugar importante neste ciclo, e "Festa dos Bárbaros" mostra que ainda há vitalidade ali, embora muitos grupos já não existam.

Nas franjas do acontecimento, contudo, ronda um tipo de desconforto. As formas teatralizadas da jurema sagrada atravessam as cenas de modo

dúbio. É difícil decifrar qual é a intenção do espetáculo. Será buscar na liturgia religiosa elementos de composição estética? Ou a ideia é realizar um rito, no qual artistas tornam-se sacerdotes de um culto?

Os dois caminhos, contudo, parecem problemáticos. De um lado, há um tipo de enquadramento artístico de manifestações populares da fé. Como se uma moldura fosse colocada em práticas religiosas do Norte e do Nordeste até o ponto de transformar seus elementos em obra de arte para circulação no Sudeste.

Ao mesmo tempo, a vontade de viabilizar ali um tipo de rito inspirado na jurema mobiliza uma atmosfera mística que, pouco a pouco, vai correndo a reflexão racional.

Mesmo tratando-se de uma fé marginal, espaço de resistência popular, ainda assim há certo fascínio pelas forças místicas do mundo invisível.

São aspectos delicados que merecem ser debatidos, ainda que o trabalho coletivo da Cia. São Jorge e a vontade de fazer emergir na cena o avesso da história e a perspectiva dos vencidos deflagrem uma festa-teatro com grande intensidade artística e política.

## "Festa dos Bárbaros" faz da apresentação uma folia regada a jurema

"Festa dos Bárbaros" propõe algo mais do que um espetáculo teatral. É um acontecimento entre a festa, a música e o teatro, envolvendo o público numa espécie de rito coletivo de resistência e celebração ancestral.

O ponto de partida temático é a chamada Guerra dos Bárbaros, um conflito que durou 70 anos, entre 1650 e 1720, quando diversas etnias indígenas do sertão nordestino combateram os avanços da colonização portuguesa.

No espetáculo da **Cia São Jorge de Variedades**, a guerra de resistência indígena aparece na forma de uma festa inspirada nas celebrações da jurema sagrada — rito de matriz indígena, com bebida feita dessa planta com princípios psicoativos, e elementos sincréticos africanos, presentes nas regiões onde ocorreram os conflitos.

Para os devotos, a jurema é uma árvore que conecta mundos e tempos, como um portal que vincula os participantes do rito a uma rede de ancestrais e entidades da floresta. Inspirado nela, o espetáculo se estrutura também como um desfile de figuras míticas e populares, que constituem uma ancestralidade brasileira às margens da história oficial e que resiste no imaginário apesar da violência e dos massacres.

Tudo acontece ao ar livre, num espaço aberto do prédio da Funarte, em São Paulo. Um coro de artistas conduz uma cena vibrante, cheia de alegria e intensidade musical, com vontade de expandir os contornos institucionais do teatro e desenvolver outras formas de interação artística com a cidade.

Tamanha vida coletiva dá notícias de um dos mais importantes momentos do teatro brasileiro moderno e contemporâneo: o ciclo de politização do teatro de grupo, que ganha força e intensidade nos anos 1990 e avança pelas primeiras décadas do século atual.

A **Cia São Jorge de Variedades** ocupa lugar importante neste ciclo da história recente do teatro, e "**Festa dos Bárbaros**" mostra que ainda há vitalidade ali, embora muitos grupos já não existam, assim como as redes de articulação entre eles.

Ao mesmo tempo, a vontade de transpor a fronteira da arte e viabilizar ali um tipo de rito inspirado na jurema mobiliza uma atmosfera mística e religiosa que, pouco a pouco, vai corroendo a reflexão racional e parece só encontrar respostas para a desordem do mundo na ordenação mágica da religião.

Mesmo tratando-se de uma fé marginal, espaço de resistência popular, ainda assim há certo fascínio pelas forças místicas do mundo invisível –algo que acompanha o avanço da religiosidade na vida social do país.

São aspectos delicados que merecem ser debatidos, ainda que o trabalho coletivo da **Cia São Jorge** e a vontade de fazer emergir na cena o avesso da história e a perspectiva dos vencidos deflagrem uma festa-teatro com grande intensidade artística e política.

---

*FOLHA DE SÃO PAULO*. 21 de outubro de 2022. Paulo Bio Toledo.

## “FESTA DOS BÁRBAROS”

O espetáculo “**Festa dos Bárbaros**”, da **Cia São Jorge de Variedades**, em cartaz na Funarte/SP, é daqueles trabalhos que conseguem conjugar, de maneira potente, o discurso temático com a forma cênica. O que remete, no caso brasileiro, a olhar para os limites de um certo tipo de teatro que por aqui aportou e edificou-se.

O teatro, por muito tempo, serviu, nesse país, como instrumento de apagamento e de formatação de vidas despossuídas de sua própria potência, inventividade, sem contar narrativas idealizadas repletas de estigmas. Além de ser (não podemos perder isso de vista se quisermos alcançar um teatro que não seja reflexo) um meio pelo qual as ideias socializadas entravam em choque com a realidade. Se não “entrava”, era porque quem tinha condições de consumi-las se via como tudo, menos como parte da realidade brasileira.

Então, arriscar-se na investigação e promoção de um certo teatro político – aquele que tem o sentimento de protesto e revolta diante da indignidade da vida – passa por fazer dele não só um espaço que conta uma história, mas a própria invenção/expressão de realidades outras. A revolta passando, entre outras coisas, pela própria imaginação. Sendo, nesses termos, um teatro que rejeita este mundo como ele é, ou melhor, a forma que dão a ele. Me parece que a experiência adotada pela São Jorge, no presente espetáculo, vai nessa direção. Pois é uma convocação para acessar mundos por vir. Mundos que só serão capazes de emergir pela luta coletiva. Pela retomada de uma tradição e de uma brasilidade que não é a inventada pela tradição colonizadora.

Daí a potência do trabalho estar no coro e na forma de gira que ele assume. Pois é por meio da gira e da força coral que os encantados se manifestam. A presença dos encantados é num só tempo a viabilidade de saberes tradicionais e a abertura para vidas por vir. Vidas que não aquelas dos “civilizados”, ou seja, aquela vida humana, demasiada humana ocidental, cujo modelo é o europeu-branco-patriarcal. E se o modelo não é essa vida, então, o teatro que quer ser o espaço do “contar-se-sendo” também não pode ser. Enfim, um trabalho que merece ser visto, vivido.

---

*Judson Cabral* - 14 de novembro de 2022 - @judsonforlan -  
<https://www.instagram.com/p/Ck9HaZOPH3H/>.

Bacharel em Sociologia e Política pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo (ESP), Judson Cabral é mestre e doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

## ESTUDOS ACADÊMICOS SOBRE O GRUPO

GUIMARÃES MOREIRA, Carina. “Visões da aldeia em Barafonda: o desfecho de uma pesquisa”. In: Anais Eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP / Santos 2014. Disponível em:  
[http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406660030\\_ARQUIVO\\_TextoCompleto\\_Carina.pdf](http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406660030_ARQUIVO_TextoCompleto_Carina.pdf).

MACHADO DE OLIVEIRA, Fernanda Carla. Uma dramaturgia contaminada pela cidade – inspirado em “Barafonda”, espetáculo teatral da Companhia São Jorge de Variedades. In: Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas. Disponível em:  
<http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/31697>



REALIZAÇÃO



Este projeto foi contemplado pela 42ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa